

Plínio Salgado
O Creador do Integralismo Brasileiro

Na Literatura Brasileira

Inaugural-Dissertation
zur
Erlangung der Doktorwürde
der
philosophischen Fakultät
der
Ludwig-Maximilians-Universität zu München

vorgelegt von

Dr. Dr. D. Arnaldo Nicolau de Flue Gut.

1940

Pilger-Druckerei G. m. b. H., Speyer a. Rh.

Situando Plínio Salgado na Literatura Brasileira.

Não é por repetí-la que uma verdade deixa de sê-lo. Por isso vamos repetir o chavão da Guerra Mundial. Terminada pelas armas em 1918, continuada empós com o Tratado de Versalhes e esboçando-se, novamente, hoje, no paroxismo armamentista, esta flor de lóvão, está longe de exaurir os últimos mistérios da divindade liberal.

Trouxe e traz também para o Brasil os abalos da dúvida ambiente. Devia tornar-se, através do fenômeno brasileiro, decisiva para o joven literato Plínio Salgado atirado da província para a capital paulista.

São Paulo¹⁾ representava melhor do que qualquer outro centro brasileiro os extremos da inquietação atual do mundo. Decadência qualitativa da burguesia, dum lado, ascendência quantitativa da plutocracia, do outro. A concepção da vida chantava a sua pujança, o seu último valor na maior ou menor quantidade de contos de réis e lindava o seu fetichismo na importância quase divina da máquina, que entrava definitivamente no Brasil, pelo isolamento dos grandes mercados mundiais, imposto pela guerra²⁾.

¹⁾ „No Brasil, poucas cidades como São Paulo exprimem melhor o seu século. Circunstâncias várias e coincidentes deram-lhe a primazia de um contato mais perfeito com o sentido da civilização contemporânea. Por isso, sentimos, na capital bandeirante, o entrechoque de forças dissociativas, a ânsia de unidade atenta ao rumor surdo das desagregações morais, e, com tudo isso, um vago gesto de inadaptabilidade a consequências sociais que não previmos, uma súplica secreta à sombra de uma espiritualidade que foge, esgarçando-se desfazendo-se nas brumas das usinas e nos rumores do „jazz-band.“ Plínio Salgado: „Despertemos a Nação.“ Rio, 1935 pg. 79.

²⁾ Tristão de Ataíde: „No Limiar da Idade Nova“ Rio, 1935, cap. I. Fixando os fenômenos da Idade Nova, Tristão de Ataíde — sem implicar a exclusão de outros, — estabelece a decadência da Burguesia, a ascendência do Proletariado, a importância da Máquina, a primazia do Espírito. Por Burguesia não entende apenas uma classe, mas uma filosofia da vida, baseada na egolatria da mediocridade, e no primado da vida privada sobre a vida pública e a vida apostólica. „Essa concepção é que vejo irremediavelmente condenada, arrastando consigo a decadência da classe que a representou no palco da história.“ (pg. 15) É claro que estes fenômenos são os sinais imediatos ou próximos. Remotamente as causas são, naturalmente, mais variadas e complexas. Cfr. A. M. Weiss O. Pr. „Soziale Frage und Soziale Ordnung“ oder „Handbuch der Gesellschaftslehre“ Freiburg i. B. 1895 Vol. IV/I pg. 138 sqs. É interessante a observação que o

Com a máquina, o proletariado. Um proletariado sem defesa de ordem econômico-social e aumentado prodigiosamente pelo advento de operários europeus, acostumados, geralmente, a uma proteção melhor, por salários políticos, sobretudo nos países vencidos, donde vinha um grande número.

Burguesia materialista, apoiando-se nos ambíguos princípios democrático-liberais, dum lado, e proletariado consciente do outro, nimbavam a perspectiva do espírito humano. Do espírito brasileiro que, já, em si, irrequieto, se inquietava sem encontrar pontos de referência, num passado imediato. Menos ainda, — quer parecer — para o amor desinteressado da grande tradição da arte literária³). Menos ainda, em São Paulo. „São Paulo ist eine vollkommen amüsische Stadt. Man hat ‚keine Zeit‘.“⁴) Esta observação justificada

grande sociólogo preatualizára já em 1896: „Den Orient haben wir ohnehin schon lange auf dem Nacken wie die Antilope den Löwen, dank der Torheit, die wir in der Judenemanzipation begangen haben. Wir werden diesen Gast trotz alles Zürnens auch nie mehr losbringen; denn dafür sind unsere Herzen viel zu wenig christlich und unsere Sitten viel zu viel jüdisch und zu heidnisch. Beziehen wir unsere Religion im Pantheismus und im Buddhismus aus dem Orient, so ist es nur billig, daß wir das wirtschaftliche Joch der Semiten tragen, bis uns einst das politische Joch der gelben Rasse, das Szepter von Gog und Magog all dieser kleinen Schmerzen enthebt.“ Cfr. Pandiá Calogeras: „Res Nostra“. São Paulo 1930, pgs. 10—11. Quanto ao salário político: Oswald Spengler: „Jahre der Entscheidung“. Erster Teil, München, 1933. pgs. 59—146.

³) Andrade Murici: „A Nova Literatura Brasileira“ Pôrto Alegre 1936. Introdução.

⁴) Hermann Ullmann: „Land der Zukunft“ Berlin 1936, pg. 43. Não é dum viajante comum êste livro que, como o do interessantíssimo inglês, Peter Fleming, „Brazilian Adventure“, (1935) escrevesse quase exclusivamente para um público ávido de sensações exóticas e sequioso de aventuras, e, ao mesmo tempo, nos dissesse quase exclusivamente verdades duras e desagradáveis, mas o livro de Ullmann é o produto de quem procura a realidade do país e da gente. As suas ponderações vão à essência, discriminando-a da própria concepção, sem contrapô-la como antítese. Ullmann é justo e para quem é justo, a crítica não é defeito, mas virtude. Há no livro — além de alguma superficialidade explicável pela natureza do livro — observações psicológicas que representam verdadeiras sínteses, felicíssimas e profundas da alma dos brasileiros. E sempre o faz com simpatia pelo Brasil.

Os alemães, quase sempre, são mais justos e mais carinhosos no julgamento das nossas coisas e da nossa gente do que os anglo-saxões e gauleses. Fleming é uma amostra típica dos primeiros: um caixeiro-viajante engraçado que se empresta o verniz de bandeirante em briga com os seus companheiros. Terá graça, mas fazê-lo à custa do Brasil, quando a sua Pátria lhe daria melhor ensejo e material mais abundante, significa fraqueza de fantasia e abuso de hospitalidade.

„Lorsque, en 1889, le Brésil, se voulut républicain, il y avait moins de soixante-dix ans qu'il se flattait d'être un empire. Auparavant, il avait été portugais, espagnol, avec des alternances ... Au cours des siècles agités, une

race s'y forma, mélangeant des sangs et des génies divers. L' „anti-communisme“ vient, nous apprend-on, d'y triompher. Ce n'est peut-être qu'une des phases de la traditionnelle lutte entre „libéraux“ et „conservateurs“, lesquels, dans la nuit des temps, se nommèrent Botocudos et Bakaïris, ou d'autres vocables fort curieux. Dom Petro Ier, fondateur de l'empire brésilien, était un libéral; son fils et successeur, que détrôna la République, communiait avec Victor Hugo dans le culte de l'humanitarisme lyrique; notre Académie des sciences le reçut dans son sein...

Este tom „simpático“ é do jornalista Jean Lefranc que não é do século 17, mas do ano passado, pois aquelas linhas foram publicadas na primeira página do „Le Temps“, em 13 de Novembro de 1937. Mas êle cita as fontes e lhes copia — de Bougainville e de Vivès — trechos onde se acusam „tous les Mulâtres“, „qui font la loi dans le pays“ de „barbarisme“. Há coisas piores ainda que Lefranc recorda do passado e espera que ainda subsistam para quando êle nos honrar com a sua visita, que, achamos supérflua, pois Paris e a Argélia lhe oferecem com mais vantagem „ces anomalies pittoresques qui rendent supportables les „totalitarismes“ et les unifications rigoureuses...“ Os velhos costumam desconhecer a psicologia dos moços, mas não vice-versa. Porque? Diz-se que não é a rabugice, mas a inveja. Deve ser verdade. O mesmo sucede com os países.

Os alemães são mais camaradas. Desde Handelmann e Martius até Nohara e Hoffmann-Harnisch, a simpatia pelo Brasil, o romanticismo dos seus devaneios, a exatidão de suas observações; a compreensão caridosa dos nossos próprios defeitos que na pena privilegiada de Hoffmann-Harnisch se transformam até em virtudes; a avaliação exata das nossas vantagens geopolíticas; a análise da nossa cultura, do nosso carácter, do nosso coração, tudo isso nos faz pensar que êles tem o privilégio de pensar e sentir brasileiromente sem sê-lo. O traço mais simpático, porém, está no fato de êles escreverem todas estas observações sem aquele ressaibo detestável de nos fazer um favor e de nos querer ensinar. Brotam-lhes do coração, intuitivamente, sem cálculo e sem abstrações, espontaneamente. Haja vista a alegria e o entusiasmo com que o eminente Professor Krieg voltou de sua última viagem ao sul do Matto Grosso e do noroeste paulista, onde, de Leica em punho, estudou a vida maravilhosa da nossa fauna extraordinária: o auditório máximo da Universidade de Munich não pôde conter a metade dos ouvintes alemães, curiosos das coisas brasileiras. Quem não se sente comovido deante do fervor carinhoso com que o melhor dos romanistas alemães, a figura inconfundível do veneravel Vossler, acompanha a evolução e a espiritualidade dos nossos literatos e pensadores? O melhor livro, porém, que até hoje foi escrito sobre o Brasil, por estrangeiro, é o „Brasilien“ de Hoffmann-Harnisch. E' o primeiro que analisa o Brasil sob todos os aspectos, menos um, o religioso. Tem-se a impressão que lhe faltou a antena católica, ainda que em todo o seu vasto livro, ecôem longínquos e inconfundíveis os rumores metafísicos que nortearam, até mesmo o General Rondon, o „fieri“ ainda palpitante da *Nação* brasileira. Ao lado de Rondon, êle deveria lembrar os anônimos heróicos dos salesianos, dos franciscanos, dos dominicanos, dos beneditinos que levam a cultura ao sertão e às selvas brasileiras. Mas, a restrição não deve diminuir o aplauso geral que o livro merece. E' um segundo Afonso Celso, que nasceu na Alemanha e nos diz, sem os excessos de amor do primeiro, as razões porque nos devemos ufanar do Brasil. Aliás, só a nossa época sabe avaliar o sentido profundo e nacionalizante do nosso grande A. Celso.

O livro de Wolfgang Hoffmann-Harnisch, („Brasilien“. — Bildnis eines tropischen Großreiches. — Hamburgo, 1938, pgs. 464) mereceria um prêmio do

pelas premissas, não se verificou, entretanto na realidade. A sêde do ouro não abafou as musas e foi neste período extremamente amuso que elas suspiraram — infelizmente também gritaram — pelos seus direitos. De São Paulo, partiu, pelo menos, cronologicamente, uma violenta reação literária com a realização da 'Semana de Arte Moderna' em 1922⁵⁾.

Ao eretismo deslavadamente materialista se opunha assim o eretismo da inovação literária. O seu fim era essencialmente artístico, mas à sua ânsia, como veremos, nem sempre correspondeu a realização⁶⁾). Entre os organizadores da 'Semana de Arte Moderna' encontrava-se, como 'promessa sem livro', ao lado da figura inconfundível de Graça Aranha e de outros nomes já feitos, como Ronald de Carvalho, Menotti del Picchia, Guilherme de Almeida, Mário e Oswald de Andrade, o jornalista Plínio Salgado.

Operava-se em São Paulo a mesma reação violenta do resto do mundo. A Europa projetava-se, como sempre, sobre o Brasil. Marinetti, Soffici, Govoni, Apollinaire, Cocteau, Max Jacob, Gendrars⁷⁾). O nome que encabeçava o movimento modernista, Graça Aranha, trazia grande júbilo para quantos se sentiam ávidos de renovação⁸⁾). O estardalhar dos ferrabrazes da nova arte, porém, o restituiu de pronto à moderação discreta da arte.

Governo Brasileiro, e não cabe, aqui, numa nota suplementar, resumir-lhe os encantos. Traduzido, em brasileiro, será degustado por todos os brasileiros. Outro livro extremamente simpático é a descrição duma viagem, escrito por W. K. von Nohara: „Brasilien Tag und Nacht“. Berlin, 1938, e quando êle diz que a mulher brasileira é a mais distinta e simpática das sulamericanas, — a chilena é para êle a mais bela e a argentina a mais elegante — então o autor revela um pouco da psicologia de *sua* viagem ao Brasil. O seu livro é um film da nossa terra, onde os imprevistos se multiplicam, mas não deixam perder de vista as figuras centrais do romance subconsciente. Admirável a descrição que êle faz da bondade naturalíssima do redator-chefe do jornal: „A Noite“ e do hospitaleiro acolhimento que encontrou. Ainda aqui êle confirmou com fatos a observação genial de Hoffmann-Harnisch quando êste diz que a nota característica do brasileiro é ser *aristocrata e democrata*, ao mesmo tempo. As razões sociológicas têm raízes geográficas e vão até os nossos primeiros donatários. O próprio P. Salgado não especificou tão bem êste elemento social e etnológico do brasileiro, cfr. infra a n. 177.

⁵⁾ Plínio Salgado: 'O Romance Moderno' na Revista 'Panorama', São Paulo 1936, no. 9.

⁶⁾ Andrade Murici: 'A Nova Literatura Brasileira', o. c. Introdução.

⁷⁾ Plínio Salgado: 'Despertemos a Nação' o. c. pg. 7.

⁸⁾ Agripino Grieco: 'Evolução da Prosa Brasileira' Rio de Janeiro 1933 pg. 295.

Paralelismo contraditório! Dum lado os novos ricos da Burguesia procuravam engatar-se em prosápias falecidas, bandeirantes ilustres, príncipes medievais, E todos encontraram ancestrais célebres, inclusive a Carlos Magno. Do outro, os literatos que não queriam „ter pai conhecido, coisa tão deshonrosa para êles quanto não tê-lo na família propriamente dita. Era, para falar um pouco à brasileira, uma geração destabocada, pensando como queria, escrevendo como queria. Gôsto pela paródia e pelo paradoxo agressivo. Agradava-lhes desagradar. A ironia punha em fuga a elegia. Do bordado e da aquarela do soneto passava-se aos ritmos em liberdade, às palavras em liberdade. Todos se sentiam felizes por não possuir tradições, passado, história, podendo agir à vontade, sem que os envenenasse o pó das catacumbas, o fedor dos séculos, uma grande alegria, um largo riso. Matara-se o Medo⁹⁾.

„Ruido, espalhafato, despudor; todas as notas forçadas. Isso em tal excesso que despertou universal antipatia e causou imensa confusão Falta de medida, aliás inevitável em tais fases. Falta também, de verdadeiro contato com a vida mental, tão dispersiva e tão tênue, do país. Culpa dos que andaram de má fé. Culpa do franco charlatanismo de tantos. Culpa do pudor anacrônico de alguns sinceros, que os ‚clowns‘ isolaram¹⁰⁾.

O que estes dois grandes críticos aí dizem do futurismo ou modernismo, em geral, do Brasil, se dirá, com mais acerto ainda, do fenômeno paulista. O modernismo, no seu aspeto internacional, nasceu morto em São Paulo. Os arrepios dos seus ‚banáusios‘, os seus derrengues subjetivos e as suas hesitações fabricadas em versos e frases sôltas, foram, em demasia, ao arrepio do bom senso e, no íntimo, os seus próprios autores deveriam imitar os seus espectadores: um muchocho displiscente que acompanha as más caricaturas.

No fundo, entretanto, parodiavam a burguesia dominante que se encastelava na dourada futilidade do sucesso imediato. Como os novos ricos de São Paulo, copiavam desengonçadamente discretos de pura linhagem. Uns e outros, são, por natureza demasiado antropocêntricos. O valor de tudo está no imediatamente sensível, „nas criações ‚atualmente existentes‘ do engenho humano, nos proble-

⁹⁾ Agripino Grieco: ‚Evolução da Poesia Brasileira‘ Rio 1932, pgs. 215—216.

¹⁰⁾ Andrade Murici, 1. c. pg. 8.

mas sociais mais imediatos¹¹⁾. Tinha, por si, esta arte, o nascer de uma realidade ambiente, mas duma realidade que caricava a realidade orgânica da unidade humana e, por isso, avançava a forma artística até a negação do bom senso. Unilateralidade dos burgueses e unilateralidade do senso artístico desorientado. Decadência. O „fin du siècle“ à entrada do novo século, ou melhor a saturidade daquele.

Mas a „Semana da Arte Moderna“ não produziu apenas palha e balbúrdia. Foi a sementeira de melhores searas. O excesso goivara a sensibilidade dos seus protagonistas mais finos. Alguns se retraíram, outros enveredaram por outras sendas. Assim nasceu o „Verdeamarelismo“¹²⁾.

O „Modernismo“ era um plágio tropical do símil europeu. Partia, porém, concomitantemente, da convicção duma revolução indispensável e intrinsecamente necessária nas letras. Esta convicção era o ponto de contato comum entre todos que promoveram a „Semana da Arte Moderna.“ Era preciso algo de novo! Como se a novidade fôsse o preço da bondade!....

Qual o caminho a seguir?

O Centenário de Independência, que neste ano se celebrava, trouxe à baila, a necessária independência da língua brasileira, da lusitana. Também, neste ponto, se fazia mistér uma revolução.

¹¹⁾ Andrade Murici, l. c. Apontamos como representante típico dêste modernismo, no que êle tem de engraçado — ou trágico? — ao impossível Oswald de Andrade. Mas, como o filho pródigo do Evangelho, êle acompanha filosofando o grunhir dos báculos refestelados. Entrelinha visões metafísicas e semeia perpétuas e goivos sobre sepulcros revolvidos. Felizmente, Oswald de Andrade sabia que trabalhava de propósito, „ab extrinseco“, que estava no palanque, aos corcovos, e afretado pelo sentimento inelutável de reação. Os seus estouros literários foram muitos e foram uma advertência „ad hominem“ para outra reação em sentido construtor. Um livro chama-se „Páu Brasil“ 1925. Depois escreveu, entre outros, „Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade“, 1927; „Serafim Ponte Grande“, 1933; „O homem e o cavalo“, 1934. Antes escrevera „os Condenados“ que ainda conserva uma certa unidade ambiente: a iconoclastia não é de picareta ou vêm, pelo menos, entremeiada de lirismos aflitivos e, às vezes, verdadeiramente artísticos. Há, porém, modernistas melhores que Oswald de Andrade. Por exemplo Mário de Andrade, poeta e prosador, é um modernista mais ambientado e, por isso mais simpático aos paulistas e brasileiros. Antônio de Alcântara Machado é conhecido pelo seu „Pathê-Baby“, paródico do „O Estrangeiro“ de Plínio Salgado. Raul Bopp com os seus livros: „Cobra Norato“ 1931, e „Urucungo“, 1933. Todos estes autores já debuxam ou já contém o que depois se tornou realidade: „o nacionalismo construtor“. Cfr. Agripino Grieco, „Evolução da Prosa Brasileira“, o. c. pg. 215.

¹²⁾ Verdeamarelismo, por causa das côres verde e amarelo da Bandeira Nacional.

Na própria Academia a imobilidade se tornava insuportável¹³). Era preciso canonizar a nova língua, mas esqueceram-se muitos dos seus advogados, que na cononização duma língua, acontece o mesmo da canonização dos santos: são estes que decidem o processo, como é a língua que decide a sua autonomia. Emfim, já era alguma coisa, êste nativismo linguístico! A êle se atirou também o verdeamarelismo.

A língua, porém, condicionava o nativismo artístico, como tal, e assim o modernismo derivou, logo de entrada, para um outro terreno. Neste terreno se deve procurar a origem intrínseca do verdeamarelismo. Seus fundadores foram Plínio Salgado, Menotti del Picchia, Motta Filho e Cassiano Ricardo. O nativismo literário constitui um sintoma de convalescença e um ponto de repouso, ou de partida, ou de referência, quando a confusão assenta o seu domínio numa época de decadência geral¹⁴).

O programa verdeamarelo trazia, pois, boas bases de renovação: a ressurreição do espírito nativo, o nativismo como tal¹⁵), o homem e as coisas do Brasil, história, lendas, folclore, costumes e tradições brasileiras. Idêntico movimento que, antes, já, e contemporaneamente agitava outros países e outras pátrias e que nas letras encontrava os seus protagonistas ou seus fervorosos adeptos. Na falta duma arte literária que substituisse com vantagem a nebulosidade do simbolismo, na falta de um gênio poético que, sem limites geográficos, sem outros preconceitos de abstração, cantasse o eterno humano, o lirismo da beleza, era alviçareiro, era salutar a voz do gênio do lugar. Até agora não apareceu ainda esta lira que o fizesse supérfluo e quando aparecer, o seu berço e primeiro leite estará precisamente nesta arte nativa.

¹³) João Ribeiro, já, em 1921, escrevia: „Parece todavia incrível que a nossa Independência ainda conserve essa algema nos pulsos, e que a personalidade de americanos pague tributo à submissão das palavras.“ „A Língua Nacional“, São Paulo 1921, pg. 8.

¹⁴) A. Bartels: „Die Deutsche Dichtung von Hebbel bis zur Gegenwart“, „Die Jünger“ Leipzig 1922, pg. 169.

¹⁵) Nativismo e Regionalismo são também sinônimos em literatura, mas como a palavra Regionalismo assumiu no Brasil um sentido marcadamente político, o sentido de separatismo, preferimos a palavra nativismo, ainda que também a êste vocábulo se empreste hoje, em primeiro lugar, um sentido político. Um, exprime o todo, o outro, a parte. Gênero e espécie. Além do outro sentido que regionalismo tem, como fenômeno de linguagem, dum determinado lugar, duma determinada região. Nativismo, entretanto, exprime melhor o fenômeno nacional, que é o seu conteúdo, e, por isso, o escolhemos.

Partindo de São Paulo, o verdeamarelismo bandeirou todo o Brasil¹⁶). Mas, não há dúvida, que a opinião pública o achava muito verde para impor-se com energia, e muito amarelo para resistir aos golpes de ironia da ,clan' plumitiva que os fundadores suscitaram. Havia nele muita doutrinação exclusivista e comparativa, muito iluminismo e exterioridade: a porta larga que facultava a entrada a muito cabotino, a muito exclusivismo regional e diletantismo. Os seus fundadores não foram compreendidos e cada qual procurou o seu caminho¹⁷). E, em substância, os fundadores eram homens respeitáveis nas letras, mas os imitadores não lhes podendo copiar as virtudes, patentearam-lhes os vícios.

Plínio Salgado, sentindo „que o verdeamarelismo se estacionava num nacionalismo demasiadamente ,exterior' e „pictórico“¹⁸) procurou o nacionalismo ,interior' e intuitivo.“

Que vem a ser nacionalismo, ,interior' ou intuitivo? Como programa, sob o ponto de vista estético, a resposta não é difícil. A literatura não deve procurar, apenas, contar histórias interessantes, mas a vida mesma na comunhão íntima com a terra, dentro da atmosfera nacional, no seu meio característico. Não será mera-

¹⁶) Os modernistas „puros“ ridicularizaram logo o programa verde-amarelo, depois imitaram-no, especialmente na sua evolução ulterior. Organizaram um indianismo surrealista e dadaísta que denominaram „Antropofagia“. „O sabido Oswald de Andrade, todo cheio de Wilde e Apollinaire, agarrou, Hans Staden: „Aí vem a nossa comida pulando“. Antropofagia, escola literária, filosófica; litúrgica, doutrina e prática sexual; estava lançada.

„Apenas, o impulso de renovação pela nua virgindade da barbaria, pela violência da primitividade, provinha de outros arraiais. „Antropofagia' 1928 é a tradução rastacuera de ,Cannibales', revista dadaísta, publicada por Picabia, em Paris, 1920....“

A revista ,Antropofagia' que consagrava este movimento „fez o que tinha de fazer, e o ,bailarino' Oswald de Andrade tratou logo de largá-la em caminho, com o resto global de sua obra, e tocou, adiante, em busca de novos espetáculos de variedades.“ Andrade Murici, o. c. pg. 377. Plínio Salgado: „Despertemos a Nação“ o. c. pg. 12.

¹⁷) Menotti del Picchia: „Soluções Nacionais“ Rio 1935 pg. 5: „Inicialmente, porém, o grupo ,verde e amarelo' cingiu-se a enunciar o que estava palpitante, mas indeciso, no seu instinto: saber que havia uma ,realidade brasileira' irrevelada... Que era a ,realidade brasileira' enigma tão falado e tão ridicularizado depois? Nós mesmos, os reveladores da Esfinge, não sabíamos decifrá-la.“ Melhor ainda, Menotti del Picchia toca às últimas causas do fenômeno verde-amarelo na terceira parte do livro: „Percebeu-se, então, vagamente que havia uma ausência de paralelismo entre as expressões da nossa arte e a realidade do nosso ser. A forma clássica e solene não correspondia à índole bárbara da pátria nova, cuja fisionomia original era refalsada pelos traços forasteiros com que a deformava nossa literatura.“ pg. 268.

¹⁸) Plínio Salgado: „Despertemos a Nação“ o. c. pg. 11.

mente regional, mas brasileira, dirigindo-se a todo o povo. É a impressão nativa, universalizada no crivo da intuição estética.

Chamou-se a essa reação a ,Revolução da Anta' e seus fundadores foram Plínio Salgado e Raul Bopp. No seu efeito imediato não passou duma capela ,fuori le mura' nacionais e seguiu a publicação do primeiro livro marcante de Plínio Salgado: „O Estrangeiro“¹⁹). Na intenção dos seus autores a ,Revolução da Anta' era ainda um movimento puramente estético. A ,brasilidade' artificial, que se desenvolveu, com o espírito europeu de viajantes curiosos ou experimentalistas, guardando a linha das escolas decadentes em que se bolchevizou e destruiu a arte no Velho Mundo²⁰) precisava ser substituída pela brasilidade essencial. Em suma, a forma procurando um novo conteúdo na substância brasileira. Ora, para isso era preciso conhecê-la, senti-la, vivê-la nos seus característicos essenciais. Mas isso distanciava a intenção puramente estética e aproximava-a do problema ético-etnológico, social-político, econômico-filosófico. Era transformar a intuição estética em intenção axiológica dos objetos estéticos, Onde não faltariam os aplausos morais, desertariam os estéticos puros...

Proveiu o nome de ,Revolução da Anta' da famosa conferência de Plínio Salgado: „A Anta e o Curupira“ realizada em 1926, quando um grupo de literatos lhe oferecera uma festa pelo sucesso fulminante do seu „O Estrangeiro“. Já nesta conferência aparecem claramente as linhas divisórias e o germen da transformação do objeto estético-literário, em objeto étnico-social. O nativismo batia

¹⁹) „As preocupações e pesquisas dos revolucionários da Arte na Europa, que nos haviam orientado no período de nossa insurreição literária, tinham-nos dado a chave dos enigmas brasileiros. Iamos tirar da própria destruição as forças salvadoras da construção. Com o futurismo ganhamos um maior poder de síntese e dinamismo; com o dadaísmo indefinível, aprendemos a espontaneidade em ser; com o simultaneísmo, deciframos nossos estados de espírito; com o impressionismo e o expressionismo surpreendemos as vozes bárbaras da nossa natureza; com o surrealismo e o primitivismo descobrimos a nossa alma selvagem. Pudemos rir-nos do realismo artificioso de Zola ou cinzelado de Flaubert, do academicismo de Anatole, do aticismo de Renan, do cientifismo literário e dos sonetos entalhados a canivete dos imitadores do ourives J. M. Heredia. O tumulto do nosso espírito já não tolerava a oratória superficial e balofa e declaramos de ,inutilidade pública' todos os professores de retórica. Decretamos aberta a falência dos críticos literários catadores de vírgulas, sem poder de penetração. O Brasil começou a interessar, com a sua paisagem, a sua gente, suas lendas e tradições, seus dramas, sua luta, seus mistérios africanos e tupís, seu linguajar, suas toadas e canções, a índole e a cadência de suas vozes bárbaras“. Plínio Salgado no ,Despertemos a Nação' o. c. pg. 8—9.

²⁰) Plínio Salgado: ,Despertemos a Nação' pg. 9.

já às últimas causas da nacionalidade e se embrenhava na floresta de plumas, arcos e cocares das tribus ameríndias. A Anta era o cavalo e toten da raça tupí e o Curupira a própria alma nacional. Plínio Salgado frisava: „O Curupira, mais do que símbolo nacional, símbolo humano que supera D. Quixote e a todas as outras criações — o Curupira há de descer um dia do sertão, lá onde está a voz que chama, acompanhado de seus milhões de pirilampos, escoltado pelas hordas dos caetetús e das capivaras, montando a Anta para a invasão das cidades e a grande revolução do pensamento nacional de que somos pobres batedores destinados ao sacrifício. Só então, será proclamada a nossa independência mental, já claramente esboçada, e teremos uma arte humana e universal...“²¹⁾.

Seria errôneo, porém, ironizar a intenção de Plínio Salgado atribuído-lhe a reedição pura e simples de um Indianismo, repovoadando os picadeiros de nossas justas civilizatórias. Não é Rousseau, mas Herder e os românticos que lhe balizavam a intuição indianista, não era „a Flôr amorosa de tres raças tristes“, mas „a nheengára dos guerreiros nômades, de mãos em pala sobre o horizonte, meio terna, meio cansada, mas sobretudo, com um sentimento formidável da vida“²²⁾.

²¹⁾ Conf. „A Anta e a Curupira“ capit. „A Volta do Curupira“. É interessante observar como o problema da arte ainda predomina formalmente neste estádio da evolução de Plínio Salgado. E, sobre a arte, poucas páginas se encontrarão na língua brasileira ou lusitana, que melhor frisem o problema em suas últimas raízes. No capit. „Humanidade — Nacionalidade“ a sua visão de artista só pára diante dos últimos elos metafísicos da Arte: „Colocado no Infinito sem nenhum ponto de referência à maneira daquele Bedford da ficção de Wells, — o homen terá, na inconcebível noção introspectiva do Universo, a impressão talvez de uma amputação formidável.

Faltar-lhe-á a outra metade de si mesmo, que é o exterior. A vida só adquire consciência no contato. Quer dizer que, renunciado um ambiente, temos, forçosamente, de nos submeter a outro.

A obra de arte será tanto mais humana, quanto mais alto for o seu grito, sob a compressão da „outra metade“ do artista...“

E no capit. „Pátria — Fatalidade humana“ da mesma conferência, êle investe contra os estetas puros... „Negar é também uma forma de afirmar. O que não é possível é ficarmos diante da Raça e da Terra com os olhos dos colecionadores de borboletas. A indecisão permanente é a maneira amável de um cativo por secções. Assim a independência intelectual absoluta é a forma do máximo servilismo obediente a todos os efêmeros incertos e a todas as contingências ocasionais. Não há homem mais crédulo do que o ateu; não há artista mais dependente do que aquele que exclama a arte é livre, é universal.“ Aquele „cativo por secções“ é a melhor definição que se pode dar dos estetas puros, dos estetas puros quando negam ou afirmam, ou então quando negam e afirmam.

²²⁾ Plínio Salgado: „A Anta e o Curupira“, l. c. cap. Mistério da Raça Tupí.

Era o mistério da Unidade nativa que inquietava o sonho agitado destes sonhadores, que passavam noites inteiras estudando a língua tupí, lendo Barbosa Rodrigues e Couto de Magalhães. Estes amores já não eram mais puramente literários e estava tão fora das cogitações literárias e políticas este estudo, que o mais pacato burguês, ainda quando admitisse o inédito do contraste, não acreditava no fantasma da assombração.

A „Revolução da Anta“ reclamava o passado mais remoto da história nacional e se entrelaçava na sua complexidade com os atualíssimos problemas da questão social. Os grandes Brasileiros Alberto Torres, Euclides da Cunha, Oliveira Vianna, de parceria com Gonçalves Dias e Alencar, assoberbaram, finalmente, a alma de Plínio Salgado e no poeta acordou o político, em prejuízo daquele e também em prejuízo dêsse.

Da „Revolução da Anta“ nasceu a „Sociedade de Estudos Políticos“ e desta a „Ação Integralista Brasileira“²³⁾.

Assim de um movimento essencialmente literário, como era a „Semana de Arte Moderna“, surgiu um movimento primariamente político²⁴⁾.

Paralelamente com o fenômeno paulista, o modernismo apresenta em todo o Brasil, o mesmo quadro de causas e efeitos, o mesmo panorama complexo, diluído de notas estéticas e outras finalidades subordinantes que traíam a arte, pelo desejo, aliás justificado de restituí-la à sua verdadeira espontaneidade. Difícil, fixar o estável do instável, o completo do incompleto, o perfeito do imperfeito, pois estes contrários, longe de se elidirem, procuravam a harmonia

²³⁾ Virgínio Santa Rosa: „A personalidade de Plínio Salgado“. „Sentindo a crise que se precipitava — crise que Alberto Torres percebeu e caracterizou vinte e cinco anos antes — o autor do „O Estrangeiro“ tentava a façanha absurda e quixotesca de advertir o governo nos seus próprios arraiais, afim de fazê-lo voltar as vistas para o panorama nacional e assim compreender que havia uma angústia profunda no ambiente cuja causa cumpria conjurar.“ pg. 71 „Plínio Salgado“ São Paulo 1936. Aquí, este autor que fez uma das melhores críticas gerais do Chefe do Integralismo apontou a psicologia dos insucessos imediatos de Plínio Salgado. Alma sensível e avessa às violências, Plínio Salgado, procurou sempre corrigir os governos, aconselhando, persuadindo, pedindo quase e suplicando, em vez de opor-se como adversário irreconciliável. A sensibilidade do poeta impediu a realidade do político: no que não vai uma crítica pejorativa, pelo contrário, um elogio da humanidade de Plínio Salgado.

²⁴⁾ Menotti del Picchia: „Soluções Nacionais“: o. c. „O movimento literário de 1922 — gerador do grupo „verde e amarelo“ — tomou uma direção que não era de todo imprevisível para alguns dos seus creadores: uma direção política.“ Introdução.

na confusão. Pode-se dizer, com certas reservas, que „é o fastígio da civilização material e o aturdimento universal do espírito“²⁵). De fato, no Nordeste brasileiro foi antes a ignomínia da civilização pragmatista que revoltava o espírito em face da miséria ambiente.

No Rio a Academia era atacada pelos próprios acadêmicos, na memorável conferência de Graça Aranha, em 1924, que se encarregava de derrubar o edifício „a golpes de picareta, de dentro para fora“²⁶). O mesmo arauto da „Semana da Arte Moderna“ foi também o ponto de partida para o „modernismo“ da Capital Federal e do Brasil.

„Modernismo e Aranhismo“ conferência de Murilo Araujo 1924, na presença de Graça Aranha, que respondeu cordialmente²⁷), marca a transição da atitude renovadora para o nativismo, no seu sentido estético. Era o „verdeamarelismo“ no seu sentido exterior e interior. Como na „Paulicéia Desvairada“ 1922, de Mário de Andrade, as arapongas da ala esquerda, exgotavam, muita vez, o programa pelo nome das Revistas: „Elétrica“, „Klaxon“, „Terra Roxa“, „Verde“ e outras²⁸).

Os tropeços, porém, e os arrancos da corrida estafaram os mais ardegos vanguardeiros do modernismo e atrás dêles assomaram os mais ponderados, os menos barulhentos, os mais atilados. A derrubada aplainara a terra para boas sementeiras. Realizara-se sem crear e, agora, mais discretamente, se creava.

Dois nomes queremos lembrar: Ronald de Carvalho e Tasso da Silveira. A morte prematura do primeiro, privou o Brasil de um dos seus mais finos espíritos. „Indeciso, em comêço, entre o simbolismo e o parnasianismo, Ronald de Carvalho acabou fugindo aos europeus, descobrindo a América e, o que é mais difícil do que descobrir a América, descobrindo-se a si mesmo Entre nós, não existe, no momento, quem o supere como instantaneísta da emoção, seja nos domínios líricos, seja nos domínios épicos“²⁹).

²⁵) Andrade Muricí, o. c. pg. 10.

²⁶) Agripino Grieco, „Evol. da Prosa Brasileira“, o. c. pg. 295.

²⁷) Andrade Muricí, o. c. pg. 13.

²⁸) Andrade Muricí, o. c. pg. 14.

²⁹) Agripino Grieco: „Evolução da Poesia Brasileira“ o. c. pg. 230—231. Poesias como esta „Brasil“ que resumem numa intuição feliz tudo o que a impressão de outros derramou em romances inteiros, em rigor, não saíram do quadro simbolista: romperam-lhe, a forma, é verdade e concretizaram-lhe o conteúdo, mas ao mesmo tempo, restituíram o simbolismo ao seu sentido primeiro ou verdadeiro: a poesia, o símbolo do espírito e o símbolo da realidade no espírito; com aquela melodia de música ambiente, dentro dum ritmo que equilibra

„A obra de Tasso da Silveira abre clareiras de êxtase puro e de beleza ardente na agitação descontrolada da poesia nova do Brasil.

As suas características de universalidade e transcendência destoam num momento de regionalismo pitoresco e de primado do inconsciente no domínio poético... A poesia é jôgo sério, para êsse poeta, como o brinquedo de ‚gente grande‘ para as crianças. Para êle, poesia é expressão de vida transfigurada, de vida vivida, arrebatadamente, em planos vários de eficiência e de plenitude emocional.

.... Êsse poeta, que se exclue da modernidade aflitiva e pueril por seu amor ao universal e à perenidade humana, é um indivíduo, no sentido estrito do vocábulo, marcado de tics, de modismos, vivendo com lucidez o seu tempo mas condenado a planar distante por sôbre a correnteza turva do quotidiano, tão longe da aventura abandonada, preguiçosa do epicurismo sorridente, como do cepticismo amavel e anedótico... É um solitário que se constrange à ação, ao combate, pronto sempre a render-se à reação inteligente, à sinceridade, à bondade.“ Tasso da Silveira é: „indicação talvez transitória, e quiçá

e satisfaz o coração e a alma; num realismo, entretanto, que não chega a ser realista, mas casa, quase imediatamente, numa visão única, o espírito e a matéria.

...„Eu-ouço o chlar das caatingas — trilos, pios, pipios, trinos, assobios, zumbidos, bicos que picam, bordões que ressoam retesos, tímpanos que vibram, lípidos, papos, que estufam, azas que zinem, zinem, rezinem, cris-cris, cicios, cismas, cismas longas, langues — caatingas debaixo do céu!...

...Eu ouço os arroios que riem, pulando na garupa dos dourados gulosos, mexendo com os bagres no limo das luras e das locas.

Eu ouço... os mangues borbulhando na luz,
e caetetés tatalando as queixadas
para os jacarés que dormem no
tejuco morno dos igapós...

...Mas o que eu ouço, antes de tudo, nesta '
hora de sol puro

palmas paradas
pedras polidas
claridades
brilhos
faíscas
cintilações

é o canto dos teus berços, Brasil de todos êsses teus berços, onde dorme, com a boca escorrendo leite moreno, confiante,

O homem de amanhã.“

(O Brasil' na Rev. ‚Panorama‘ no. 9 Ano. 1936)

sintética, já talvez cristalizada, da inquieta alma brasileira, de sua incompletação e de sua grandeza³⁰⁾).

Tasso da Silveira nos desliga assim do modernismo brasileiro e nos leva imediatamente à outra fase da literatura do Brasil atual, fase que precisamos lembrar, afim de situar caracteristicamente a figura de Plínio Salgado. Direta ou indiretamente esta fase atuou na evolução do próprio modernismo brasileiro: assistiu-lhe o nascimento, influiu positiva ou negativamente na sua evolução e acarinhou-lhe quase maternalmente os filhos, ora estouvados, ora sonhadores e melancólicos, ora realizadores e escaladores, até do impossível. Impossível, naturalmente ainda, mostrar em toda a sua pujança moderadora, esta autoridade moral sôbre os modernistas, futuristas e verde-amarelistas, mas como veremos para Plínio Salgado, como pensador, foi de efeito decisivo, e, nos outros, aparece aqui e ali, na afirmação ou na negação, o influxo dêstes dois homens que sintetizam esta outra fase da literatura: Jackson de Figueiredo e Tristão de Ataíde, êste último, pseudônimo de Alceu Amoroso Lima.

Agripino Grieco que é, talvez, o melhor crítico literário do Brasil — o melhor artista crítico, ainda que nele predomine mais a ferocidade do que a bondade, o cirurgião do que o médico, a pena vindicativa do que a medicinal, a piranha do que o bagre, sobretudo quando a isca paira na imortalidade da Academia³¹⁾ — que dêle

³⁰⁾ Andrade Murici: o. c. pgs. 159 e 162.

³¹⁾ Veja-se esta mordacidade em 'Os Poetas da Academia', onde se faz uma verdadeira pirataria em lagos plácidos e mares consagrados: „O Sr. Afonso Celso é o suplício chinês da gota de água fazendo-se gota de tédio no crânio do leitor. Eterna viuva inconsolável de Pedro II, carrega desde a modidade o pesc de um mau soneto célebre. Elegíaco e prático, é uma espécie de cipreste frutífero.

Com as suas olheiras nostálgicas, melancólicas, o Sr. Aloísio de Castro dá a impressão de comer saladas de violetas e sente-se que uma folha morta, caíndo-lhe em cima, o encheria de equimoses. Faz Chopin ao piano e faz Verlaine nos jornais....

Do poeta Felix Pacheco só faz êste comentário: „Deve dizer-se Felix ou Infelix Pacheco?“

De Filinto de Almeida: „... nas dez mil linhas desiguais da obra do Sr. Filinto existe apenas um decassílabo tolerável, o que reza: „Bela demais para mulher honesta“. Quem quer, porém, que percorra os 'Chouans', de Balzac, verifica que isto lá está em francês: „Vous êtes trop belle pour être une honnête femme“. 'Evolução da Poesia Brasileira' pgs. 110—111. Temos observado que os grandes críticos costumam ser muito caridosos para os célebres desconhecidos, como não o são para os conhecidos. Uma lei de compensação objetiva... mas também subjetiva.

se deveria vingar dando-lhe o castigo e o prêmio bem merecido de figurar entre os seus — Agripino Grieco chama esta fase da literatura brasileira de 'Tradicionalismo'. É, porém, exatamente o contrário do Tradicionalismo de Bonald, Bonetti e Ventura. Não quer isso dizer que Agripino Grieco não se sentisse em casa na teologia e filosofia escolástica, — até a liturgia êle conhece muito bem, — mas no caso o tradicionalismo significa exatamente o contrário daquele outro, contrário à doutrina ortodoxa da Igreja.

O 'Tradicionalismo' „desenvolvia um movimento, em sentido reacionário, de defesa às verdades éticas, aos postulados religiosos. Apagado o prestígio dos positivistas Miguel Lemos e Teixeira Mendes, muitos procuraram enxergar uma finalidade de orientação cristã no ardente espiritualismo de Farias Brito, em quem outros encontram resíduos de estoicismo ou budismo. Cérebro em fermentação contínua, êsse filósofo achava que pensar é mais necessário que viver e, por isso, grande foi a sua influência num moço que aqui surgiu convencido de que, para enobrecer as consciências, é necessário restaurar a vida cristã na sociedade brasileira³²⁾.

Êste moço foi Jackson de Figueiredo. A espiritualidade na sua universalidade desassossegada, descrevendo parábolas que abarcam gerações! A semente evangélica que morre para criar os oasis de sombra no meio dia quente do hedonismo tropical. Refrigério para consciências picadas de dúvidas e ansiosas de renovação. As lutas que se feriam no seu interior, êle as feria também com os homens.

Veio subindo do simbolismo e voltando sôbre os passos encontrou na gênese do mesmo a origem, a escola daqueles símbolos que não exprimem apenas a saturidade duma geração decadente, que não são, apenas, os eões trauteados de saudosismos vazios. E o 'Agnus Dei' celebrou a Páscoa no seu espírito inquieto, sem reeditar exclusivismos de néu-conversos.

Agripino Grieco lhe descreve a essência e os contornos: „Homem categórico, afirmativo, homem de método, de sistema, Jackson, não obstante, compreendia e fazia compreender os poetas boêmios e excêntricos, os temperamentos invulgares, êle que, por vezes, dadas as suas 'boutades' de católico meio irreverente com os beatos e carolas banais, não iria sem desconcertar a gente tonsurada.“ ... „Rico, em si mesmo, Jackson acreditava receber dos demais, em empréstimo aquilo que lhes levava como dádiva. Sentindo como

³²⁾ Agripino Grieco: 'Evolução da Prosa Brasileira' pg. 297.

poucos a vida orgânica dos espíritos, apoiando-se, pelo lado direito, na ala dos místicos e, pelo lado esquerdo, na ala dos poetas, êsse pensador de incomparável equidade intelectual, provou, só com a sua presença no Rio babélico de 1928, que a disciplina ainda pode vir a ser uma virtude brasileira³³⁾.

„Quando já a sua obra social ia avançada, quando já lhe vinham chegando apoio e prestígio, quando todos supunham andasse êle inextricavelmente preso no tecido da vida de ação e de combate; quando alguns o consideravam um ambicioso de alta estirpe à maneira de Barrés ou Maurras, andava Jackson intimamente perturbado. Uma secreta inquietação o enchia de melancolia“, escreve o suave esteta crítico, Andrade Murici³⁴⁾.

Andava intimamente perturbado, como se as sombras de sua morte trágica e prematura lhe povoassem a alma de indizíveis anseios. Há, de fato, um tom de vaticínio no seu grande romance „Aevum“, publicado depois da sua morte: „Oh! minha mísera cruz de incerteza, de obscuro, de vacilante, de dubitativo amor! . . . Ainda mais pesada que a dos meus egoísmos, que a dos meus lúcidos e agressivos instintos, que a dos meus erros a mim mesmo mais evidentes. Eu abro os braços a ti, treva envolvente do mar, treva cheia de estrelas . . . Eu não penso que o futuro seja o passado . . . Eu quero que se arroje do teu seio sobre mim um vento de tempestade, e me lance no abismo ou me faça ver a face da eternidade, a face mesma da vida, da vida eterna, do amor mais forte do que a morte.“ (Final do „Aevum“.)

A treva do mar o envolveu e lhe fez ver a face da eternidade, povoada de estrelas e saturada do amor mais forte do que a morte. Morreu afogado, enquanto pescava na Pedra da Joatinga, na barra da Tijuca, a 4 de Novembro de 1928, com apenas 37 anos de idade.

„Foi o que êle deixou de mais valioso: êsse impulso pela renovação da espiritualidade e pela maior eficiência da vida religiosa na nossa intelectualidade, fundamentalmente céptica e epicurista. Nesse terreno o facho chamejante passou à mão de continuadores generosos³⁵⁾.

Entre êsses continuadores, a figura central é Tristão de Ataíde. É êle hoje o mentor da espiritualidade renovadora do Brasil religioso. Tem-se a impressão que Tristão de Ataíde, resolveu mover o

³³⁾ Agripino Grieco: „Evolução da Prosa Brasileira“ pgs. 321 e 323.

³⁴⁾ O. C. pg. 271.

³⁵⁾ Andrade Murici, o. c. pg. 271.

grosso do exército, formado e coordenado pelo espírito de Jackson. Êste recrutara ou suscitara patrulhas em todos os setores do Brasil. A ação de Tristão de Ataíde, já é de chefe ativo e consciente dos princípios que encarna. Nele se corporifica até a diplomacia persuasiva, delicada, insinuante e decisiva da nau de alto bordo da Igreja.

Tristão de Ataíde, porém, começou como crítico literário. Desde o seu capítulo sobre o aspeto político e social da literatura brasileira em trinta e cinco anos de regimen democrático, publicado na coletânea: „À margem da história da República“, que é segundo Agripino Grieco „uma verdadeira obra prima de síntese lúcida“, Tristão de Ataíde „representa a maior das nossas fôrças críticas“³⁶).

Mas já nas suas críticas literárias, Tristão de Ataíde revela o seu pendor pelas últimas causalidades, pelas últimas finalidades e, hoje, êle parece ter trocado definitivamente a túnica mosqueada das induções literárias pela inconsútil das últimas sínteses. Entretanto não é daqueles aprioristas que perdem de vista a conexão com a realidade complexa do todo, nem se encontra nele aquele exclusivismo estético que condena finalidades outras que estéticas numa obra de arte, contanto que tenham nascido, ou antes renascido esteticamente, do próprio objeto da finalidade vivida e sentida na alma e no coração.

Nele mesmo, entretanto, a espontaneidade sofreu e sofre, hoje, um desvio, em benefício e em consequência do raciocínio. Se Jackson lembra mais o tipo platônico, Tristão recorda o aristotélico — por natureza, por injunção das circunstâncias e por necessidade. É um católico que procura adaptar o coração à inteligência e não viceversa, como é mais o caso de Jackson. Entre as duas grandes cidades do coração humano: Deus e Pátria, não concebe uma sem a outra. Das duas faz uma na ordem lógica de subordinação. Não

³⁶) Agrippino Grieco: „Evolução da Prosa Brasileira“ pg. 333. O mesmo autor diz: „Em suma, a boa crítica de jornal começou com o Sr. Tristão em nosso país e existem ensaios seus perfeitamente dignos da França, como o que compôs sobre Abel Bonnard.... ensaio que é uma real maravilha a exeder tudo quanto dezenas de europeus já compuseram sobre êsse Bonnard...“ pg. 336. No confronto entre Proust e Stendhal, Tristão escreve o seguinte trecho que, segundo Agripino Grieco, é um dos melhores dentre os que Tristão de Ataíde tem composto: „Stendhal nunca passou da música como impressão dos sentidos. Proust acabou na música como segrêdo esquecido do universo. Stendhal limitou-se a ouvir música com os ouvidos. Marcel Proust a ouvia como Beethoven, dentro de sí. Para aquele foi a música uma deliciosa aceleração de vida. Para êste uma dolorosa e intraduzível mensagem do mistério.“

se lhe afigura isso tão difícil como a Agostinho³⁷⁾, pois a sua concepção é legitimamente tomista e escolástica. Mas a hipótese do Estado atual o leva a subtilezas que mostram a sua espantosa capacidade de adaptação. Preconiza viável a fórmula da Pátria, da Política sobrenatural, aliada indiretamente à natural³⁸⁾. Vá nisso, todo o otimismo saudoso e também saudável dum grandioso integralismo moral e filosófico: um tanto matemático, apriorístico e categórico, com aparências do contrário. É extraordinária a sua facilidade de corrigir acompanhando o erro, de segurar o veio na mais complexa e confusa das realidades: a correnteza submarina que segue imperturbável o seu rumo sob o escachoar da superfície encapelada. Imensa consolação para os que olham para o Brasil: é a mocidade que precede o apogeu das grandes nacionalidades.

O Tradicionalismo tornou-se o freio mais salutar e seguro dos extremos do Modernismo brasileiro. Os dois movimentos atuam ainda imediatamente nas letras brasileiras: os dois atuaram igual e poderosamente sobre Plínio Salgado. Um e outro, porém, já se poderiam pôr, na sua última evolução, fora do quadro da literatura pura, e enquadrá-los na literatura doutrinária, moral, sociológica, política etc.

Mas, também, um e outro, no Brasil, por brasileiríssimos que queiram ser, que, às vezes, pareçam ser — especialmente o Modernismo — tem as linhas gerais, no passado brasileiro, que não é de todo, que é muito pouco brasileiro, e tem as suas fontes imediatas na França e, — pelo prisma francês, — nas outras grandes nações. A própria insurreição contra o exterior nos veio do exterior. As causas e os efeitos aí se entrelaçam, se emaranham e a sincronização

³⁷⁾ De civ. Dei. Livro 19, cap. 26. Neste passo, aliás, Agostinho, fala também duma união possível entre a civitas Dei e a civitas mundi. A paz como consequência da tranquilidade da ordem, *aproveita* também aos habitantes da civitas Dei e, por isso, devem êsses rezar pelos chefes da civitas mundi. Como, porém, a civitas mundi é o Império Romano, neste não pode existir a verdadeira paz, porque não existe a tranquilidade da ordem, pois esta se baseia na justiça que, em Roma, independente do direito de força, falhava nas suas últimas finalidades. A união dos ideais das duas pátrias (ib. cap. 17) se refere à vida terrena e a tudo que se relacione com a sua conservação e harmonia. Sob este ponto de vista o indivíduo é subordinado primariamente ao Estado, mas é uma subordinação sem o sentimento dela, pois êste continua além da Pátria terrena. É antes um mal necessário da condição humana e nela o „*beatus populus cujus dominus Deus est*“, não se realiza.

³⁸⁾ Leiam-se os seus capítulos ‚Idade Media, não; Idade Nova‘; ‚Maritain e a Idade Nova‘; ‚Lutas de transição‘. No ‚Limiar da Idade Nova‘. Rio, 1935, pgs. 38—80.

do todo, de sinfonia só poderia ter o nome. Mas se não é a harmonia das esferas que se constata, constata-se, pelo menos, — e o menos aqui é tudo — o delineamento de uma revolução nacional que, dentro de pouco ou de muito tempo, dará ao Brasil uma fisionomia brasileira.

O princípio, *„corruptio unius est generatio alterius“*, explica, na sua interpretação escolástica, perfeitamente, o fenômeno literário brasileiro, como aliás de todas as causas contingentes e também da literatura. Esta evolução no Brasil, teve sempre contra si o próprio Brasil, inacabado, imperfeito, principiante, de menor idade. Éramos e somos ainda alunos da Europa — mais ou menos de toda a Europa. Especialmente na literatura.

Tivemos, na literatura, um pouco de tudo da Europa. E a imitação não se efetuava cronologicamente, solidariamente, psicologicamente. Para ficar bem perto de hoje — tivemos parnasianos e sensibílissimos simbolistas como o negro Cruz e Souza e Alfonsus de Guimarães.

No Brasil, mais do que em qualquer outro país as escolas literárias, as correntes estéticas se misturam: mortos que vivem e vivos que andam mortos dentro da época. E os que mais viveram nos últimos cinquenta anos são os chamados decadentes. Dêles nos vieram à queima-roupa os modernistas. Desambientação tão grosseira no seu internacionalismo que produziu imediatamente o nacionalismo literário. Êste último teve a sua evolução peada especialmente pelos acadêmicos, no que se refere à evolução da língua³⁹). Havia um infundado receio de ofender os puritanos de Portugal. Poucos se esforçaram, pelo menos, discretamente, como João Ribeiro⁴⁰), para proclamar a maioridade da língua e o caracter brasileiro da nossa literatura.

Houve, porém, homens extraordinários que abriram picada e caminhos desafogados neste emaranhado cosmopolitismo literário. Euclides da Cunha, Graça Aranha e Monteiro Lobato. O olhar nacional começou a espreitar para o *„Hinterland“*, para o sertão. De transatlânticos, os caracteres se tornavam atlânticos tropicais. Ninguém, talvez, fizesse mais para a reabilitação do homem

³⁹) Renato Mendonça: *„O Português do Brasil“*. Sobre tudo o cap. XI: *„A Língua dos Doutores“* pg. 273.

⁴⁰) Cfr. Nota 13.

brasileiro do que o Geca de Monteiro Lobato⁴¹⁾, mostrando o reverso da medalha, que o genial Euclides nos pusera adiante como uma força cósmica de indomável resistência nas entranhas das caatingas. O problema estava lançado definitivamente no seu duplo aspeto, positivo e negativo. E um e outro com a mais peregrina intuição artística e originalidade. „Chanaan“ de Graça Aranha, fez o prodígio de inquietar definitivamente a alma brasileira com os problemas do seu destino^{41bis)}. Nos três, entretanto, o nativismo não aparece como tese, ainda que o aninhasse como hipótese de imediata sugestão. Para dizê-lo um pouco à hegeliana pode-se dizer que Euclides foi a tese, Monteiro Lobato a antítese e Graça Aranha a síntese.

A literatura brasileira caminhava assim para a sua verdadeira independência, para a sua verdadeira finalidade. Cinco nomes podem resumir este „fiat“ creador. Gonçalves Dias e Alencar, no passado, e os tres mencionados no presente mediato. São os cinco melhores artistas das nossas letras brasileiras. A eles vamos agora acrescentar um sexto:

Plínio Salgado.

⁴¹⁾ Diz-se, às vezes, que a celebridade do creador do Geca Tatú proveio do nosso Rui Barbosa, o Apolo clássico das nossas letras durante meio século. Mas o certo é que Rui Barbosa vulgarizou, apenas, o nome de Monteiro Lobato, cujo grupo de admiradores se viu dum dia para outro transformado em legião. Lobato tem o seu valor intrínseco próprio, e foi Rui Barbosa quem melhor lhe avaliou, então, a genialidade dos „Urupês“, Escreve Batista Pereira no livro: „Directrizes de Rui Barbosa“ S. Paulo, 1932, pg. 26. Nota: „Foi Rui muito atacado por ter visto no caboclo de Monteiro Lobato o retrato do Brasil. Espinafrou-se a susceptibilidade indígena. Esquecia, porém, a restrição do alegorista: a síntese da nacionalidade tal e qual a fazem os que a governam.“ De fato Rui Barbosa escreveu: „Mas a impressão do leitor é que, neste símbolo de preguiça e fatalismo, de sonolência e imprevisão, de esterilidade e tristeza, de subserviência e hebetamento, o *gênio do artista*, refletindo alguma coisa do seu meio, nos pincelou, consciente ou inconscientemente, a síntese da concepção, que tem, da nossa nacionalidade os homens que a exploram.“ Ib. pg. 25. Cfr. Agripino Grieco. „Monteiro Lobato“ em „A Evolução da Prosa Brasileira“ pgs. 180—182, onde, aliás ele observa: „Mau grado todos os seus livros posteriores, o Sr. Lobato ficou sendo apenas o autor dos „Urupês“ e como que lhe lançam em rosto o êxito inicial, em que o pico do escândalo acentuava o valor literário da obra. Géca Tatú caricatura admirável, fixou-se no repertório dos nossos tipos grotescos, e, justo ou injusto (tanto pode o talento!), converteu-se em creatura simbólica.“

^{41bis)} Cfr. nota 290. Chegamos à conclusão, de que Graça Aranha influiu diretamente no 1º romance de P. Salgado e que este, por sua vez, influiu com o „O Estrangeiro“ no último romance de Graça Aranha „A Viagem Maravilhosa“. Neste último livro de Gr. Aranha, P. Salgado, outra vez, se inspirou para escrever a — „Psicologia da Revolução“ cfr. nota 122.

II

Traços bio-bibliográficos de Plínio Salgado e ensaio sobre o seu caracter.

Nos limites dos dois grandes Estados de São Paulo e Minas Gerais encontra-se a pequena cidade de São Bento do Sapucaí, onde Plínio Salgado nasceu em 22 de Janeiro de 1895⁴²⁾.

A origem geográfica, a ambiência física influíram poderosamente, sobretudo na arte de Plínio Salgado.

A cordilheira da Mantiqueira e os seus contrafortes, o vale do Paraíba, as colinas maciamente ondulantes, que descansam os olhos e parecem enrijar e arredondar a alma do viajor; os cerrados das capoeiras paradas, encerrando as saudades e os berços roxos dos nhambús; a sinestesia da alma cabocla, na síntese das duas únicas notas do sem-fim; o silêncio de longínquos céus na soledade do sertão, abasileiraram-lhe, desde a infância, a alma e o coração: fundiram-lhe os sentimentos de origens tão dispares, num sentimento nativo, que lhe afloraria, de contínuo, como o estribilho inelutável, como o imperativo nivelador, na sua obra de arte, na sua ação política, até enfeixar-se, finalmente, no mais aceso da luta política, em um livro — o seu último livro — chamado „Geografia sentimental“⁴³⁾.

⁴²⁾ Extraímos as presentes notas da Coletânea: „Plínio Salgado“, São Paulo 1936, feita com tanto carinho e sinceridade pelo mais claro pensador do Integralismo, Miguel Reale, autor de „Formação da Política Burguesa“ e de muitas outras obras históricas, filosóficas e políticas, que não temem confronto com as melhores da atualidade européia. Devemos a presente fonte ao seu incansável colaborador Rui de Arruda, diretor-secretário da Rev. „Panorama“ de São Paulo.

⁴³⁾ Ribeiro Couto: „O Cavaleiro do Brasil Integral“, no „Jornal do Brasil“ 20. 7. 1933. Cfr. „Revue de Paris“ o artigo „Verlaine“ de Paul Claudel. 1937, Março, n. 3. Aí o extremo simbolismo de Claudel procura aclarar os desvãos sombrios da rica e pobre alma do fino Verlaine, pela influência remanescida das pardas e azuladas chapas de ardósia do nordeste gaulês, ou pelo rumorejar das nórdicas florestas das Ardenes: essas fossem, talvez, a origem geográfica dos horrores tantalizantes de suas horas sombrias, porque no estudante do inferno e do paraíso de Paris surdinavam os extremos da realidade de sua origem e da sua realidade atual em Paris. A consequência foi, porém, o aniquilamento de suas energias: uma ilusão abracadabrante lhe sufocava a resistência eficaz,

Ao mosaico geográfico, corresponde, em Plínio Salgado, o mosaico racial, pois nele se fundem, através de seus pais, o coronel Francisco das Chagas Esteves Salgado e d. Ana Francisca Renó Cortez, portugueses, alemães, hespanhóis, mamelucos e índios: o empório de todas as genealogias.

Sua mãe, mestra-escola ensinou-lhe as primeiras letras e, em 1914, — não podendo continuar os estudos superiores, pelo falecimento de seu pai em 1911 — tornou-se também êle mestre-escola. Leciona para mais de cinquenta alunos e dá o seu primeiro passo no jornalismo, dirigindo a fôlha local da cidade de São Bento. Esta foi, propriamente, a sua vocação que lhe iria absorver a carreira de ensino e de mestre-escola⁴⁴).

Sosinho, continua a estudar sempre.

Lê com afinco todos os filósofos materialistas.

Fica materialista e entra na oposição política. No Brasil só existiam dois partidos: Situação e Oposição. Tornando-se insustentável a situação de Plínio Salgado, abandona a cidade natal e vem para São Paulo.

Sem cartas de recomendação.

Dentro de si mesmo levava a oposição que não o abandonaria mais, mesmo quando consagrado na situação. Era, porém, uma oposição que não exprimia o interesse de um partido político, mas a angústia de uma Pátria desconhecida.

Um poeta, Nuto Sant' Ana arranja-lhe um lugar de revisor no 'Correio Paulistano'. Menos que revisor: suplente de revisor, no grando jornal da Situação.

dolorosa, infinita... do que poderia ser e não era. Claudel justifica o patricio com o zelo que lhe faltaria, provavelmente, se se tratasse de Nietzsche ou de Busch...

A influência geográfica condicionando a cultura individual e social, tem-se atualizado, sempre mais, depois de Taine, e, ultimamente, pelo maior interesse que os problemas raciais suscitaram. Já se pode dizer que seja um postulado científico. Cfr. F. Keiter: 'Rasse und Kultur' I. Band. Allgemeine Kulturbilogie 1938, Stuttgart pg. 194 e. 116. Ou W. Schmidt: 'Rasse und Volk', Salzburg 1935, especialmente quando descreve a pre-cultura dos pastores nômades, vagando na imensidade das estepes asiáticas. pg. 70 e em outras passagens.

⁴⁴) Em carta de 15 de Maio de 1936, Plínio Salgado nem sequer menciona a carreira do magistério e diz simplesmente: „Sempre fui jornalista“.

Desconhecido de todos. Paciente, muito paciente, mas pertinaz. A paciência é a sua virtude máxima⁴⁵⁾.

Trabalha até três horas da madrugada.

Agora pode estudar muito mais. Tem a Biblioteca Pública e tem os 'sebos' onde compra livros baratos.

Faz-se por si. Devagar. Seguro.

Pouco tempo depois é redator do jornal e, logo depois, faz o que quer lá dentro, começando a publicar os seus primeiros artigos assinados.

⁴⁵⁾ São do fino jornalista, João da Gávea, no „Correio Paulistano“ de 13 de Março de 1938, as seguintes observações sobre a ‚paciência‘ brasileira: „O brasileiro é um resignado, quando não é um exaltado. Desconhece, portanto, aquele meio termo que fica entre a apatia e a fúria, meio termo que constitui a verdadeira temperatura moral e física das criaturas equilibradas. Nós ou descaímos para a inércia, não agindo, não indo ao encontro da onda, ou então, é um Deus nos acuda.

A energia é tranquila. Tem um ritmo próprio e econômico. Não se dispersa. Não se confunde senão raramente com a agitação. Nós seremos agitados ou abúlicos, enérgicos é que nunca.

Por isso mesmo o progresso brasileiro se ressentia da falta de proporção. De repente, sem que ninguém saiba como nem porque, manda-se construir um vasto arranha-céu, sem cogitar das condições de trânsito... etc.

Este progresso maluco, destrambelhado não se verifica apenas em iniciativas de ordem pública; também particularmente fazemos a mesma coisa. A um indivíduo sem prévia consulta às suas possibilidades, dá-lhe na telha de comprar um aparelho de rádio, ou uma geladeira ou um automóvel. Tudo tão fácil...

.....É por isso que, quando a gente louva as qualidades do brasileiro, não deixa nunca de enumerar a paciência entre estas qualidades: — E somos além de tudo um povo paciente. A paciência é a nossa maior virtude.“

Todo o excesso é quase sempre uma caricatura e, como tal, por conseguinte, deve ser considerado. Mas, não há dúvida, que a paciência é uma das virtudes supremas dos brasileiros. É, porém, antes uma virtude geográfica do que moral e poucos são aqueles que, como Plínio Salgado, fazem virtude da necessidade. O Brasil impõe paciência, aos mais impacientes, ao próprio Peter Fleming, entre os jacarés do Araguaia. Às vezes, é bom que seja assim. O Brasil é a Canaan das distâncias, das enormes distâncias, vencidas, outrora, — e ainda hoje em muitos lugares do seu imenso sertão — pela caminhada mansa e bondosa do boi brasileiro: o totém admirável que não fica devendo muito àquele outro, filho de Osiris que levava o sol entre os chavelhos, enquanto ao nosso lhe esturra a lombada.

João da Gávea prefere a graça do paradoxo à verdade propriamente dita, pois esta estabelece outra divisão e oposição de virtudes e vícios. A paciência reclama, às vezes, maior dose de energia moral, do que seu vício contrário e é, talvez, a subordinada mais perfeita da fortaleza. Como virtude, a paciência não é apatia, indolência, inércia. Estas são vícios que também existem no Brasil, vícios cujo carácter acidental — não essencial — Plínio Salgado explicou no seu famoso artigo de 8 de Setembro de 1931: ‚Plantando, dá‘. ‚Despertemos a Nação‘, o. c. pg. 117 sgs.

Com estes começam os sucessos literários, mas, Plínio Salgado, quer publicar um livro: um romance.

Tortura-o, porém, a questão da forma, pois a ,Semana da Arte Moderna', lançara o poderoso brado de reação. Dois anos assistiu êle à eclosão temporâ dos iniciadores precipitados: florações intempestivas que não canalisavam a seiva nativa e, por isso, fanavam na geada da incompreensão. Em 1924, finalmente, começa a escrevê-lo, em pleno sertão de São Paulo. Tornar-se-ia o seu melhor romance.

Leva dois anos, porque o refunde várias vezes.

Termina-o na Capital, mas a Província lhe porejava em toda a sua alma, mais cabocla que urbana.

Em 1926 sai o ,O Estrangeiro'. Capa verde-amarela e no reverso araras verde-amarelas de olhares atilados e sabidos. Gôsto sofrível que as araras sublinhavam.

O livro se esgota em 20 dias.

Sai outra edição.

Todos os jornais falam dêle. Há polêmicas. Agripino Grieco, dando o balanço literário do ano, consagra o ,O Estrangeiro', o maior livro de 1926. O mesmo crítico, entretanto, já observava: „...é a obra de um literato que se completa no pensador, no historiador, no sociólogo. Obra panorâmica que faz ver o Brasil de hoje como uma carta em relêvo⁴⁶⁾).

E Jackson de Figueiredo que, do ponto de vista estético, lhe preconiza o mais caloroso elogio, acaba por empurrar o autor para as conclusões que as premissas do ,O Estrangeiro' encerram, para „esta nova feição de otimismo brasileiro, feição tanto mais empolgante quanto não há linha particular dela que não revele um sofrimento, uma amargura, uma ansia de nacionalidade... Para nós, nacionalistas racionais, e não sómente, ou quase nada sentimentais, êste poema do ,O Estrangeiro' é, mesmo nos seus mais aflitivos e cruéis avisos, um livro de esperança e de fé⁴⁷⁾.

O romance abriu-lhe todas as portas para os postos políticos, mas estes postos o inquietavam e lhe amarguraram as ânsias de Biélsky e Gogol: almas que se casavam, numa só alma, em Plínio Salgado — na expressão angustiosa de Rodrigues de Abreu: „Êste

⁴⁶⁾ Agripino Grieco: ,A Manhã', 29. 12. 26. Rio.

⁴⁷⁾ Jackson de Figueiredo: ,Gazeta de Notícias' 1. 12. 26. Rio.

livro: Tragédia da Dúvida e da Esperança, mas bemdita Esperança. Dos Gólgotas é que jorram as Iluminações e as Certezas⁴⁸⁾).

Não se sentiu, pois, à vontade entre os políticos: não o preocupava a política, mas o Brasil. Isso não é pleonasmo nem paradoxo, no Brasil.

Viaja para a Europa, como preceptor de um joven rico que lhe paga as despesas. Visita quatorze países. Vai para o Oriente, donde nasceu o seu livro ,O Oriente', livro de viagens e impressões de viagem, entrelinhado pelo subconsciente da realidade brasileira.

Ao mesmo tempo continua o seu segundo romance da trilogia anunciada: ,O Esperado', do qual grande parte foi escrita em Paris e publicado só em 1930, quando os canhões da terceira revolução — desde 1922 — o saudavam de volta ao Brasil. Tinha visitado 14 países, é verdade, mas o único que não o abandonava e através do qual êle contemplava e invejava os outros — era o Brasil.

Em plena revolução, altas horas da noite, Plínio Salgado elaborou uma proclamação aos intelectuais, sabendo que o caos iria chegar.

⁴⁸⁾ Rodrigues de Abreu, um dos poetas mais festejados pela mocidade paulista, que exerceu imensa influência sobre a delicada espiritualidade de Plínio Salgado. Se da inquietação e do descontentamento ansioso do materialismo que vibra no ,O Estrangeiro' nasceu o anseio e a perturbação espiritualista, do ,O Estrangeiro', os seus causadores imediatos foram Rodrigues de Abreu e Jackson de Figueiredo. Isso, aliás, consta da confissão do próprio Plínio Salgado. (Cfr. ,Breve história destes escritos' no ,Despertemos a Nação' e o capit. ,Valores em contraste' pgs. 75—86. Mais: ,O Romance Moderno' na Rev. ,Panorama' Ano I no. 9) Rodrigues de Abreu foi para Plínio Salgado „um desses absurdos que a gente espera, que se adivinha, que é impossível não aparecer, como aquele outro absurdo que foi o caso de São Francisco no seu tempo e no seu meio. Nossa sede de Deus, nossa saudade de outros dias em que o céu brilhava nos versos românticos e nos olhares mais inocentes e puros da mulher; a alegria suave da natureza, o apaziguamento do homem com a vida; o infinito maior porque tinha mistério;... e as forças cósmicas que transbordavam na poesia condoreira, por não caberem nas metáforas; tudo isso como se renova num sentido imprevisível em contato com a poesia de Rodrigues de Abreu.“ ,Despertemos a Nação' o. c.

Quando já as asas da morte roçavam a mocidade de Rodrigues de Abreu, três meses antes do seu falecimento, lutando angustiosamente no suor da tísica a consumir-lhe os pulmões, com os pés na sepultura, o autor da ,Casa Destelhada' ainda escreveu, em 15 de Agosto de 1927: „Queridíssimo Plínio, Cuide da sua vida como de uma coisa sagrada. O maior representante da mentalidade da raça brasileira no atual momento, não se pertence. De você é que eu espero a redenção do pensamento nacional, porque você há de ser uma das mais geniais figuras do continente americano.... Digo-lhe como um lembrete à sua modéstia, que o faz malbaratar, e mesmo comprometer com o pouco cuidado que vota ao físico, coisas que não lhe pertencem e que nós não queremos perder. Venha até Baurú, a esta chácara onde estou. Aqui você viverá como um bicho, caçando, brincando no mato, e ficará rijo para terminar ,O Esperado'. Abraços meus e do mano.“

Ninguém quiz assiná-la. Abatido e desiludido, esperou o fim do drama, que terminou logo.

A proclamação, entretanto, foi publicada... pelos próprios revolucionários, o que, por si só, provaria o elevado espírito com que foi feita. Tornou-se célebre pelo nome de 'Manifesto da Legião Revolucionária'. Nêle só falava o interesse supremo do Brasil, a angústia, a dúvida, o desespero de uma nação que ainda quer viver, que ainda quer situar-se no mundo. 'Situar a realidade brasileira'. Valeu-lhe esta frase, os mais acres remos, apodos e sarcasmos⁴⁰).

A Legião não sustentou o pensamento do Manifesto e falhou, deixando a Plínio Salgado amargando, só, o crime do seu ideal. Mas êle não descansava.

Em 1931 encontrou em Alfredo Egídio de Souza Aranha, o apoio material e moral para a publicação de um novo jornal: 'A Razão'. Aí o pensamento central passou pelas fases evolutivas que depois o fizeram alçar o vôo definitivo como 'Ação Integralista Brasileira'.

Nesta mesma época, Plínio Salgado, começou a escrever o seu terceiro grande romance: 'O Cavaleiro de Itararé', que o autor temia viesse a ser o epitáfio de uma pátria. O romance foi terminado quando a quarta revolução, a mais sangrenta de todas, se feria nas fronteiras do Estado de São Paulo, em 1932. Com êste livro encerravam-se as 'Crônicas da Vida Brasileira', subtítulo do seu tríptico romântico: 'O Estrangeiro'; 'O Esperado' e 'O Cavaleiro de Itararé'.

⁴⁰) Plínio Salgado se justificou perante os ataques que os amigos, lhe fizeram pela assinatura do Manifesto, no 'Diário de São Paulo' em 5 de Abril 1932, numa carta dirigida ao jornalista Luiz Amaral. 'Apontamentos sobre a ação política de Plínio Salgado', publicados em 1936 em 'Plínio Salgado' o. c., Nota 6, pgs. 27—28. Escreve êle entre outras coisas, estas frases contundentes: „Eu julgo um covarde o homem que não se definir claramente, nesta hora, assumindo inteira responsabilidade de seu gesto. É assim que respondo ao artigo, com que você hontem pensou que me afastava do cumprimento duro, áspero, amargo de um dever, ao qual não me furto, não me furtarei, porque acima de Plínio Salgado, acima de seus interesses e de seus amigos, acima de seu nome, e do juízo que dêle possam fazer, está uma coisa maior, mais séria, pela qual êle sabe sacrificar-se: 'A honra e a felicidade do Brasil'.

O Manifesto recebera crítica bem diversa dos índices da cultura das diversas ideologias nacionais. „De fato, Oliveira Viana, com sua autoridade de sociólogo, numa longa entrevista ao 'Correio da Manhã', consagrou-o asseverando: „Esse manifesto tem a virtude de iniciar uma obra de coordenação, pois afirma, propõe, sugere já alguma coisa'. Tristão de Ataíde tratou-o com expressões lisonjeiras“ e outros que no. l. c. pg. 29, vêem enumerados o fizeram do mesmo modo.

Pouco antes da revolução de 1932, em 23 de Maio, um levante popular, chefiado por antigos situacionistas, com idéias separatistas, incendiaram-lhe a ,A Razão', onde durante um ano inteiro êle metralhava a consciência brasileira, publicando, diariamente, um, dois, e até tres artigos que êle nunca assinava. A destruição, porém veio tarde, porque a borboleta nacional já alçara o vôo, deixando aos iconoclastas os casulos despiciendos.

De então para cá o autor publicou outros numerosos livros, ou terminou outros que nos intervalos dos outros êle esquematizara ou resumira em conferências ou artigos. Assim apareceram com interstícios sempre menores: o ,Manifesto Integralista' em Outubro de 1932. ,Psicologia da Revolução', 1933. ,O que é Integralismo', 1934. ,A Voz do Oeste', 1934. ,O Sofrimento Universal', 1934. ,A quarta Humanidadeç', 1934. ,A Doutrina do Sigma', 1935. ,Cartas aos Camisas Verdes', 1935. ,Palavra Nova dos Tempos Novos', 1936. ,Despertemos a Nação', 1935. ,Geografia sentimental', e ,Panoramas brasileiros', no prelo.

Os artigos publicados na ,A Razão', em São Paulo, na ,A Ofensiva', no Rio de Janeiro, na ,A Ação', em São Paulo, bem como as publicações feitas antes da criação da ,Ação Integralista Brasileira' e saídas no ,Correio Paulistano', em São Paulo, no ,O País', no Rio, no ,Diário de Notícias', em Porto Alegre — já atingem o primeiro milhar.

Como deputado — eleito pela votação unânime do Partido Republicano Paulista e do Partido Democrático, no período de 1928 — 1930, Plínio Salgado fez vários discursos que estão nos ,Anais' dêsse tempo. Todos êles, em substância, contra a liberal-democracia que êle representava. O eco dos mesmos, porém, morreu nas almas dos seus companheiros, como a voz interessante dum poeta e sonhador. Já, então, realizara êle várias conferências nacionalistas: ,O Homem do Brasil', em Ribeirão Preto; ,Processo de formação das cidades brasileiras', em Serra Negra; ,Literatura gaucha', em São Paulo. E outras.

Desde que foi eleito chefe integralista, já realizou em cinco anos, perto de mil conferências. Nelas sobretudo, aparece a fantasia espantosa com que Plínio Salgado, partindo dalguns postulados centrais, creia sempre novas formas, novas expressões para o seu pensamento principal.

Se não sobrasse nada, no futuro, de Plínio Salgado, ficaria o assombro desta capacidade de produção. Quatorze, dezeseis a de-

zoito horas de trabalho, por dia, são o seu ,pensum' ordinário. Um verdadeiro bandeirante da pena que causaria espécie ao próprio Balzac, se o gigante gaulês tivesse diante de si a figura delicada e quase franzina do autor de ,O Estangeiro'.

De fato „Plínio é meão de altura, magro, nervoso, mãos finas e compridas, cabelos castanho-escuros, rosto magro e afilado, olhos vagos, de olhar indeciso e velador de idéias, levemente acurvado para a frente, cabeça que se alarga da testa para o occipital... sendo notavel nele o tique nervoso que lhe repuxa, de momentos a momentos, o rosto para a esquerda...⁵⁰⁾.

As impressões, naturalmente, variam, mas os olhos vivos, brilhantes, interrogativos — antes de súplica do que mando, são, de fato, as únicas sentinelas que revelam o dono da casa, que lhe traem a alma em chamas, o coração torturado por um grande ideal. A paixão se concentra no seu olhar e tem algo daquela adoravel ingenuidade, daquele encanto indefinivel dos primeiros amores da adolescência. Os santos, os moribundos e até os histéricos teem êsses olhares⁵¹⁾.

A sua grande paixão é o Brasil e pareceria quase impossivel que êste coração ainda encontrasse margem para outros amores, se o contrário não fôsse verdade, se não fôsse verdade que, no mais aceso da campanha política, êle contraísse segundas núpcias com D. Carmela Patti, filha de italianos, numa cidadezinha da Província, com as pompas todas do cerimonial litúrgico^{51bis)}.

Muito realismo político encontrará nisso uma nota imprevista, tanto mais digna de mencionada, quanto exprime no seu lirismo, o conteudo immediato do idealismo político de Plínio Salgado: o perfeito político é, para êle, o homem perfeito: a vida pública deve har-

⁵⁰⁾ Êste perfil fisico é do Prof. Silveira Bueno, um dos melhores linguistas do Brasil e fiel à tradição clássica no meio de todos os epígonos modernistas que lhe silenciam as obras e os trabalhos. É, entretanto, inimigo da escravidão da língua pelos cânones arcaizantes lusitanos. A sua atitude lembra a de João Ribeiro, Gustavo Barroso e do próprio Plínio Salgado. É contra o Integralismo como movimento político, ainda que seja um dos maiores admiradores das idéias e da arte de Plínio Salgado. É autor de uma das mais profundas críticas do ,O Estrangeiro', em 1926. (Carta de 12. 4. 1936.)

⁵¹⁾ ,A Nação' escrevia em 1933: „Baixo, magro, êle tem nos olhos êsse brilho dos inquietos e dos em eterna atividade. A fala é rápida e incisiva. Nervoso. Cheio de movimentos mansos. E essa facilidade de expressão, essa sensatez nas palavras, que traduzem sempre um pensamento que floresceu. ,O ,homem contagioso' de Costeau.“ (Na Coletânea ,Plínio Salgado' o. c. pg. 12.)

^{51bis)} O nome da primeira mulher, já falecida, Maria Amélia, passou para a única filha que êle tem.

monizar com a vida privada: o homem exterior é um reflexo do homem interior: a política não deve ser a máscara, mas a essência mesma da nacionalidade: um Richelieu não deve ser Cardeal⁵²). Infelizmente é muito difícil ser político na poesia e poeta na política, mas felizmente os Platões sempre ainda aparecem na humanidade, para glória dela.

Tudo isso, Plínio Salgado, faz e diz por instinto e por intuição: é um apriorismo que se serve dos conceitos, para a visão que a consciência posteriormente canoniza na sua verdadeira significação. É assim que nasceu o seu programa fundamental, que repete um velho tema: „Deus, Pátria, Família.“ É assim que êle jura pela „Raça harmoniosa“, no novo mundo, fruto de todas as raças, encontro de todas as idades, vozes de todos os túmulos⁵³).

Nele se verifica o ritmo agitado dum romantismo elementar com a realidade complexa do presente. É a tonalidade estranha que nasce duma harmonia que tem o ritmo e a melodia de músicas elementares: a lei como necessidade de uma lei: a vivificação atual de deuses imprescindíveis, de postulados absolutos, falecidos na consciência. O poeta do Modernismo conciliando-se, procurando conciliar-se com o Tradicionalismo. Pelo menos, extrinsecamente. Tudo, em virtude, e sob o imperativo duma unidade superior. O conceito fugindo à inteligência abstrativa, e substituindo-se por uma idéia de universalidade, concreta, capaz de constituir um ideal de harmonia entre gregos e troianos⁵⁴): o Brasil como êle é e como poderia ser.

O caracter de Plínio Salgado encontrou um ensaista seguro na pena privilegiada do insuspeito Tasso da Silveira⁵⁵), que, entretanto,

⁵²) Cfr. „Técnica de Sorel e Técnica de Cristo“, „Revolução Integralista“, — „Revolução da Família“, no livro: „Palavra Nova dos Tempos Novos“, Rio 1936 de Plínio Salgado. Ou então o seu livro: „A Doutrina do Sigma“ S. Paulo 1935, em quase todos os seus capítulos. „... só o sentimento da família cria o amor de Deus e da Pátria“ ... „Palavra Nova...“ pg. 29.

⁵³) Plínio Salgado: „A Raça Harmoniosa“, no „Despertemos a Nação“ pg. 53. „A Batalha dos Túmulos“, no „O Esperado“, pg. 63. „Edipo e a Esfinge“ no „O Estrangeiro“, cap. 6 pg. 53. „Centenário do General Couto de Magalhães“, conferência publicada na „A Ofensiva“, 2 de Novembro de 1937.

⁵⁴) „Carteira de Identidade do Povo Brasileiro“ no „O Sofrimento Universal“ de Plínio Salgado, Rio 1934 pg. 145.

⁵⁵) „A Voz do Limbo“ l. c. 1936. Outros fizeram ensaios e estudos sobre Plínio Salgado, mas o interesse se estende antes à obra do que ao homem. Dentre êles sobresaem, o português Malheiro Dias, embaixador, diplomata e grande escritor, no estudo „Um pensador brasileiro“ no „Diário de Lisboa“. O estudo saíu publicado no livro „Plínio Salgado“ o. c. 1936, pgs. 122—134. Citamos ainda os

procurou, de preferência, o seu reflexo universal-sociológico, emquanto aqui tentaremos o particular-individual. Assim podemos dizer que Plínio Salgado é, antes de tudo, um apaixonado. Não há quase gesto, olhar, palavra e escrito que não revelem desde logo êste predomínio da comoção sôbre o espírito. No momento em que o pensamento não consegue florir no coração nem convulsionar os sentidos e a imaginação, o conceito e o juízo não trazem nem a vida da poesia nem a clareza lógica duma demonstração científica. Não tem aquela graça, mas sim o lastro da maranduva que depois personificou no 'O Cavaleiro de Itararé', em companhia — por sinal! — do impagavel mas suavíssimo alemão Müller⁵⁶).

Quando, porém, a comoção toma conta da visão intelectual e esta se cristalizou em prismas regulares e transparentes, o ser, a alma de Plínio Salgado é um florilégio que se esbanja à vontade, inexaurível: na poesia e na ciência. O pensamento é conciso, vibrante e de fôrça irresistível. A epifania da paixão, mas de uma paixão que se procura consumir, em si mesma, que só atua diretamente sôbre os outros, emquanto reflete o solilóquio vulcânico do autor. Poeta, portanto, num sentido mais íntimo da palavra. Poeta que não conhece a violência exterior perante o adversário.

Logo que êste se manifesta, Plínio Salgado se retrai, não por covardia ou por medo, mas por um sentido inato de fina espiritualidade que quer vencer pelo espírito e pelo coração, não por clamores e doéstos. Tem assim um pouco do Machado de Assis que abominava as polêmicas⁵⁷) sem ressentir-se, porém, do predomínio da paixão, da convicção apaixonada de Plínio Salgado.

brasileiros Ribeiro Couto: 'O Cavaleiro do Brasil Integral' no 'Jornal do Brasil', 20. 7. 1933, Rio. Jackson de Figueiredo: 'O Sací, o Avandava e o Imperialismo Pacífico' na 'Gazeta de Notícias', l. c. Virgínio Santa Rosa, já citado. Andrade Murici 'A Nova Literatura Brasileira', pgs. 381—388 e outros que, como estes, não pertencem à 'Ação Integralista Brasileira'. Entre os integralistas deveríamos citar, em primeiro lugar, o nome inconfundível de Gustavo Barroso, da Academia Brasileira de Letras, mas a intenção, pelo menos subjetiva, de neutralidade, nos veda êste recurso.

⁵⁶) No quarto capítulo trataremos os livros de Plínio Salgado — pensador, e no quinto os seus romances.

⁵⁷) Alfredo Pujol, em 'Machado de Assis' 2a ed. pg. 271. A Pujol refere, aí as palavras de Carlos de Laet, o clássico e mais temível polemista brasileiro do primeiro quartel dêste século: 'Tempo houve em que Machado de Assis foi objeto de rijos e porfiosos assaltos. Mas nunca respondeu. A brincar com êle, uma vez eu lhe dizia que ainda o havia de obrigar o ter comigo uma polémica. — Não faça tal, respondeu-me a gaguejar ligeiramente, que os partidos não seriam iguais; isso para você seria uma festa, uma missa cantada na sua capela; e para mim uma aflição...'

Esta paixão explodida no seu íntimo, explica um pouco a sua capacidade de trabalho: a paixão não dá sossego interior. Onde sentimentos violentos se arrostam, não pode haver paz, não pode haver adiamento. Cada momento lhe sugere novas perspectivas que assoberbam a alma e não lhe dão siquer o tempo de ficar doente: porque a paixão é doença que absorve as outras⁵⁸).

As próprias derrotas, no terreno do seu grande ideal, encrespam-lhe de carneiros a superfície agitada da alma e desdobram-se em novos arremessos no seu íntimo: o espírito não descansa e não desiste e sempre volta ao ataque, como êste belo mar selvagem nas costas do nosso Continente⁵⁹).

Às vezes, a melhor arma é, para êle, a renúncia, o sacrifício, o sofrimento, não como capitulação, como derrota, mas como melhor meio de conhecimento. Paixão e sofrimento se tornam sinônimos. Só o sofrimento pode revelar os antagonismos mais secretos do ser humano: os seus anelos entre o divino e o diabólico que no seu íntimo se agitam em perenes contradições. O amor, às vezes, só vence, morrendo: „A nossa geração precisa convencer-se de que será uma sacrificada. Não realizará o definitivo. Não verá o advento do Poeta, do Chefe, de Iniciado...“⁶⁰).

Para apaixonados assim, cada novo acontecimento, cada instante da sua vida, representa uma nova crise de afetos: sugestão para a vontade e sugerência para o espírito e a fantasia. O episódio

⁵⁸) Cfr. „O Último Ocidente“ em que Plínio Salgado analisa o sonho de Bolívar e onde o autor num estilo épico se traça a própria epopéia de realizações. Realizações que já passam os limites da própria Pátria e abarcam todo o continente americano. As culminâncias são vertiginosas e para os seus creadores só pode existir um lema: „excélsior“. „Palavra Nova dos Tempos Novos“ pgs. 107—117.

⁵⁹) „Ficai à sombra de vossa árvore, ó velhos. Comei o vosso fiambre mumificado. Bebei na linfa dos direitos antigos.

Nós continuaremos na tempestade, batidos pelo vento do século, pelas rajadas das lutas vivificadoras, sem temer os raios de todos os infortúnios que flamejarem sôbre nossas cabeças.

Nós comeremos o pão amargo do ostracismo, das perseguições e dos sofrimentos que retemperam, que dão aos nossos nervos a dureza do aço. Não nos dessedentaremos na fonte dos vossos direitos, mas mitigaremos nossa sede de justiça na água viva dos deveres que nos impomos e que imporemos à Nação...“ Plínio Salgado: „A Doutrina do Sigma“ pg. 149.

⁶⁰) Plínio Salgado: „A Revolução da Anta“. O. c. Genial e profundamente poética é a sua intuição de sacrifício, quando, na última transformação do Brasil, (Novembro 1937) êle respondeu àqueles que lhe assumiram parte do programa, com a parábola da vinha. (Marcos: c. 12, v. 1—10) Publicou a parábola de Jesus, sem um comentário, sem nenhuma expliação. (Cfr. „Ação“ 10 de Fevereiro de 1938.)

assume feição do drama total: é sua continuação como parte do todo: a parte está no todo, como êste está na parte. Qualquer contemporização divisória, prejudica o todo e prejudica a parte.

O mesmo fenômeno que se opera no subjetivo, quando quer agir por suas faculdades distintas, sem o concurso simultâneo das outras, verifica-se objetivamente na produção de Plínio Salgado. Assim é que a sua obra de „pura“ ficção, como foi a experiência nos versos, caiu no olvido, desapareceu, e poucos sabem que Plínio Salgado, um dia, escreveu também versos. Sabe-se que lhe coube o pagamento de tributo à versificação e sabe-se até o nome do livro: ‚Tabor‘, mas o brilho da transfiguração, a delícia de morar nestes tabernáculos não foi o quinhão de herança daqueles que o tiveram à cabeceira nas horas de lazer.

Desapareceu das livrarias e não se encontra mais nos ‚sebos‘, apesar da devassa conscienciosa que se fez. A poesia nele só deveria celebrar apoteoses quando nascesse da vida de um ideal total ou em relação direta com êle. É esta a razão porque na obra propriamente estética de Plínio Salgado, já aparece delineado o seu futuro programa político, e porque neste volta continuamente o poeta romântico que êle é. É o romântico totalitário na filosofia, transferido para a estética. Em contradição, portanto, com a estética romântica, propriamente dita⁶¹).

A coexistência dêstes traços paralelos no homem e na sua obra, marca, outrosim, o método de argumentar e discorrer de Plínio Salgado. Indução e dedução que se procuram completar, que se revezam, que se confundum, que desaparecem. Para provar a síntese, analisa continuamente.

A síntese, alguns postulados, alguns axiomas de valor dogmático nasceram com o poeta, cristalizaram-se desde o berço, desde as primeiras letras ministradas pela Mãe, e desde os primeiros serões familiares em que, o coronel Francisco Salgado narrava ao filho os episódios das vidas dos grandes estadistas do Império, cuja origem estadual nunca disse ao filho, para não lhe acordar o senso regio-

⁶¹) O que não impede que êle escrevesse: „Em arte ninguém se forma; o artista está permanentemente se formando; sempre que termina, começa, porque é um médium das intenções do seu tempo. É claro que me refiro aos artistas capazes de viver, isto é, aos que não param.“ (‚O Romance Moderno‘, Rev. ‚Panorama‘ no. 9 1936) O que não deixa de ser verdade se se considera o fenômeno artístico, em si mesmo, independente do conteúdo. Êste, entretanto, por indiferente que seja para a estética, não deixa, por isso de existir realmente, e reclamar os seus direitos.

nalista. Os mesmos ideais que a mãe de Pedro Maranduba ensinava: Deus, Pátria, Família e Liberdade. „Então, vieram histórias heróicas das guerras, estrondos nos campos de Curupaití. Vieram figuras de bravos: Osório de peito engomado, Caxias com suas medalhas, Tamandaré de barbas brancas. Poesias de Gonçalves Dias e de Casimiro de Abreu. E do sr. D. Pedro II.

A mãe de Maranduba dizia-lhe: „Abençoados os que morrem nos campos de batalha, desfraldando a bandeira ,Deus — Pátria — Família — Liberdade‘ “⁶²).

A Plínio Salgado cabia o papel mais difícil da análise. A análise da realidade conduzindo para aquelas idéias que nele tinham e tem a sugestão das idéias platônicas, inatas e eternas. O caminho puramente racional, para atingí-las, não é o dom precípua de Plínio Salgado. A própria natureza dos fins colimados fizeram de Platão, o Divino: de Plínio Salgado fariam o Poeta, e do Poeta o Moralista. A unidade do pensamento deve salvar-se para êle e salva-se na síntese que sobredoura o caleidoscópio complexo da análise. Esta deve escalar o edifício para dar-se a mão na cúpula preestabelicida ... não pela razão pura, mas pela vontade, pela necessidade, pelo coração.

Não é novo este método, nem é novo o seu conteúdo, mas é admirável, é original na forma a pertinácia do autor do ,O Estrangeiro‘ para realizá-lo. Original na sua mocidade e pela convicção quase ingênua do autor de poder aplicá-lo a uma burguesia perfeitamente céptica. Só a poesia pode realizar estes milagres, mas realiza-os nos corações virgens: porque só a virgindade do espírito ou a saudade da mesma se ativa, se entusiasma para realizar e sentir estes postulados. E quando o escopo são, exatamente, estes sonhos eternos da alma humana: Deus — Pátria — Família — Liberdade — a reação virá necessariamente, se o encanto dum poeta os souber cantar. Ninguém quer estadear o sinete duma senilidade precoce, antes de reçumar a seiva da mocidade e a pujança da virilidade. E, por isso, Plínio Salgado, na paixão duma primavera, em flor, conquistou a mocidade, a ingenuidade e o espírito guerreiro da nação ... pela poesia duma moral imutável, capaz de encher o coração de entusiasmo e a vontade de sacrifício. O velho tema e a sempre jovem verdade das nações grandes e fortes.

⁶²) ,O Cavaleiro de Itararé‘ S. Paulo, 1933, pg. 131. Cfr. „Dados biográficos de Plínio Salgado“ l. c.

A poesia não é, porém, o fim último de Plínio Salgado. Não é o fim último do homem, da pátria, da família, de Deus. Não é a finalidade, em si mesma, ainda que seja uma finalidade. É, e deve ser, a companheira ou a auréola de qualquer fim realizável ou realizado na humanidade. Por si só ela não realiza nada, — não obstante e apesar dos pesares dos estetas puros, que o são, apenas, de nome — e estará sempre com o ser, na verdade e na bondade, aquém e além e dentro da verdade e da bondade⁶³).

Entre a verdade e a bondade das coisas e dos seus postulados, Plínio Salgado prefere sempre a atração da segunda para chegar à viabilidade e à consistência da primeira. Emfim, êle é antes de tudo um moralista, entre os florões de poesia. É um poeta-moralista, o que não é o mesmo que um moralista simplesmente. Êste último volta-se, dirige-se para a vontade alheia, aquele para a beleza do objeto moral ou imoral. O que decide no Poeta é o sentimento e só por meio dêle se atua sôbre a vontade. A vida passa diante do leitor como ela é, nos seus aspetos positivos e negativos: o leitor é quem decide e não o autor.

Plínio Salgado não consegue nunca abandonar êste caminho atraente, mesmo quando explode em verrinas contra os erros da política brasileira, porque êle continua „poeta, ainda, nas páginas de eloquência nova — há uma eloquência que é poesia penetrando a inteligência — e das quais êle se serve para transpor em teoria sociológica as puras intuições do seu entusiasmo creador“⁶⁴).

Pode parecer complexa a mentalidade de Plínio Salgado, mas, em rigor, só o é na aparência. Nunca êle se afastou dêste método analítico de poeta e moralista para conduzir a si mesmo e ao seu leitor às verdades elementares da síntese aprendida dos lábios de sua Mãe e de seu Pae: as verdades, finalmente, que ainda sobrevivem,

⁶³) Theodor Haecker: ‚Schönheit‘, Ein Versuch, Leipzig 1936. É provavelmente o estudo mais profundo que até agora saíu sobre o problema da Beleza, nos arraiais católicos. É de notar-se, sobretudo, e de admirar-se a larga margem que o autor deixa para a discussão: não do seu ponto de vista, mas dos problemas em si mesmos.

⁶⁴) Tasso da Silveira: ‚A Voz do Limbo‘ — ‚Plínio Salgado‘ o. c. pg. 52, onde êle acrescenta: „Tinha de ser assim. As ânsias indefinidas de uma raça que surge, pelo instrumento da poesia é que se anunciam aos homens. Não só porque veem carregadas de sombras primordiais, de vapores do caos de que derivam e da vida violenta de todas as energias primitivas, o que lhes dá êsse halo de profundidade e de mistério que é o acento predominante da poesia, — como porque nos ritmos poéticos, nos ritmos épicos ou líricos encontram uma força conformadora e ordenadora que as polariza, e lhes impede a dispersão e as constrói para uma existência superior.“

em sua peregrina sugestão, sôbre o vulcão sociológico dos nossos dias.

Mas esta síntese, está transplantada para um país novo do Novo-Mundo, onde os extremos sociológicos fazem oscilar o pêndulo da incerteza entre espaços maiores. Na ordem moral e cultural. Somos para uns o continente da oportunidade ou necessidade econômica; para outros um refúgio de liberdade religiosa, intelectual e racial.; para outros um campo fértil para a experiência de idéias políticas e sociais. No fundo um laboratório de experiências, de ensaios, em que a intelectualidade indígena ou estrangeira tira as suas comparações da Europa. A tentativa de uma independência nunca poderá isentar-se destas causas que, imediatamente, a provocaram e provocam. E não será de um salto, que se poderá realizar. Sua efetivização seguirá necessariamente as fases de todas as coisas criadas. Plínio Salgado naturaliza a fase que êle vive e realiza em si mesmo, „sinal da infância... madrugada... imprecisões da vitalidade latente...“⁶⁵), fase que mostra a síntese enlaçada na sua fecundidade nova com as raízes mais remotas da nacionalidade.

E o que mais torna simpático o caracter de Plínio Salgado é a extrema humildade do seu coração de artista. Mas não é aquela humildade que nasce do desesperatismo, do fatalismo e que não passa geralmente de um disfarce do vício contrário da humildade: nele a humildade nasce do amor do seu ideal e da impossibilidade de poder realizá-lo por si mesmo. A humildade como verdade deante de si mesmo, deante dos amigos e inimigos. A fôrça não se preconiza como fruto da própria vontade, mas como atuação duma vontade de muitos no mesmo ideal. Quando os seus companheiros o escolheram para chefe, êle passou por uma das horas mais amargas da vida, não quiz sê-lo e não o podia compreender⁶⁶). Tímido, por natureza, êle previa os sofrimentos que são o apanágio dos sonhadores do Bem⁶⁷).

⁶⁵) „O Estrangeiro“ o. c. pg. 58.

⁶⁶) „A Razão“ em vários artigos de 1931. 32 mostra qual era o pensamento de Plínio Salgado: êle procurava acordar, entre os chefes da Rev. de 1930, um chefe capaz de realizar o seu ideal, e como um verdadeiro sonhador de grandezas, emprestava dons de mando supremo a quase todos aqueles que, mais por retórica do que por convicção íntima, refletiam nos seus discursos os horizontes largos do seu próprio ideal. Cfr. „Despertemos a Nação“, pgs. 9—10: „Contrariando o meu temperamento, vejo-me colocado na direção da Ação Integralista, em cujos quadros desejei figurar como obscuro soldado. Esta circunstância me tem proporcionado o dissabor de me ver completamente desfigurado nas lendas e fantasias que os inimigos e os amigos estão criando a meu respeito.“

⁶⁷) Plínio Salgado: „A Doutrina do Sigma“, cap. 13: „Sofrei sonhadores do Bem“.

É profundamnete significativa para esta sua humildade a sua atitude intransigente em face dos „messianismos“ que procuram divinizar os seus chefes. „Desde o primeiro dia, o Chefe combate o messianismo, a idolatria, a deshumanização a que o querem submeter...; tremenda é a sua luta gritando todos os dias: sou um homem como qualquer miliciano... Engendram-se as maiores loucuras, porque a massa humana quer fugir da sua própria realidade, quer amesquinhar-se, afirmando que aqueles que a dirigem não pertencem à mesma condição humana dos dirigidos.“ E como os vivos parecem não ouvi-lo, dirige-se aos mortos: „Ó camisas-verdes mortos! Velai pela nossa Revolução, para que ela não pare no misticismo, no messianismo em tôrno de um Super-Homem, de um Semi-Deus“⁶⁸⁾.

Se se procura aferir esta humildade com a cristã, se constatará o mesmo efeito dentro da dúvida da causa, e se verificará, mais uma vez, que a natureza humana é „naturaliter christiana“. Plínio Salgado tem ainda êste característico especial: não se deixa induzir pelas leis estabelecidas das coisas, mas pelas leis que as coisas lhe impõem segundo o critério com que êle as vê. Antes de sentí-las, antes de vivê-las, não há dogmatismo capaz de lhas impor, e quando sentidas e quando vividas, não é o dogma, mas a própria consciência que lhas impõe. É um processo bastante comum em que é difícil, mas evidente a distinção entre a fé natural e a sobre-natural. É o fenômeno que acompanha quase sempre as naturezas e os temperamentos delicados dos grandes poetas ou artistas em épocas de cepticismo racionalista. O que outros não conseguem durante toda uma vida pela razão, estes alcançam num ápice intuitivo do coração.

Estes desvios quase inconscientes no ver e sentir as coisas encerram uma sugestão estranha para o leitor, mas ao mesmo tempo a explicam. Sem moralizar, êle nos apresenta a doutrina para a vida moral e espiritual, que brota imediata do sentimento, do conhecimento ingênuo da alma humana e porisso também da Verdade. Nos seus romances encontram-se, por assim dizer, intuições, que lembram anedotas morais⁶⁹⁾. É mais a voz da Sabedoria do que da Ciência.

⁶⁸⁾ Plínio Salgado: „Cartas aos Camisas-Verdes“, Rio 1935, cap. 18: „Palavras ao sol dos Mortos“ pgs. 188—189; pg. 195.

⁶⁹⁾ „O Esperado“ o. c.: „É preciso viver o assunto. Vivê-lo até à dor. Longe o espírito da pesquisa! Longe os canhenhos e os lapis e todos as perguntas e questionários, para apanhar a vida no seu flagrante... Querendo viver, não procures a vida; deixa que ela te leve. É a única maneira de se poder falar aos astros alguma coisa inédita...“ pg. 93. Fiquemos apenas no „O Esperado“. Cfr. pg. 231; 214; O cap. 20 „Novos Deuses“ pgs. 189—198; pgs. 159—163.

Entendem-no melhor as crianças, ou então os velhos das experiências vividas.

Emfim, um homem como os homens são, em geral, naturalmente... espontaneamente. Ele é e parece o que os outros são, às vezes, e parecem muitas vezes. E nêle não há solução de continuidade. Sempre sincero consigo mesmo, sem cálculo e sem reticências. Sobretudo, sem volubilidades, o que não é comum nos artistas, sobretudo nos artistas que não são místicos pela essência intangível de um ideal. Para político segundo ,Il Principe', um verdadeiro desastre, pois para Machiavelli basta que o príncipe „paia a vederlo e udirlo, tutto pietà, tutto fede, tutto integrità, tutto religione“⁷⁰).

Mau político? Segundo esta receita, sem dúvida, pois Plínio Salgado, não sabe simular e dissimular. É um político, sem o ,realismo' político que, hoje, ainda continua a existir como no tempo do Duca Valentino. Um político a-político e um moralista, sem a Igreja, sem o *corpo* doutrinário da Igreja. Com êle brigarão os catedráticos políticos e religiosos. Estará sem uns e outros... prestando, provavelmente, o melhor serviço a uns e a outros. Portanto verdadeiramente político e verdadeiramente religioso, nos efeitos.

Aí tocamos na raiz psicológica da significação histórica de Plínio Salgado. O character do autor do ,O Estrangeiro' apresenta traços simples, claros e communs: vir justus. A justiça natural, a equidade inata. Nada de extraordinário, porque a maldade não é ordinária e natural... Os homens, entretanto, se tornam célebres, entram na história por outros caminhos. O character bom ou mau é um pressuposto ou a achêga secundária da celebridade.

A celebridade tem muitos graus e muitas dimensões. É porém, indispensavel para a celebridade que um homem tenha exercido, em geral, grande influência, em vida ou depois dela, que tenha construido ou aniquilado alguma coisa de interêsse geral. Estritamente falando, os contemporâneos não podem tornar célebre um homem, ainda que possam celebrizá-lo: os célebres são aqueles que continuam a viver na memória da humanidade culta, cuja lembrança sobrevive num círculo maior ou menor — segundo o objeto da celebridade — de homens que se interessam por êste objeto. Em rigor, portanto, a celebridade só nasce da canonização dos pósteros⁷¹).

A atualização póstuma está, entretanto, condicionada pela própria vida do memorado. Também esta deve ter uma celebridade

⁷⁰) Machiavelli: ,Il Principe' cap—18.

⁷¹) Cfr. Peter Lippert — Cromwell, ,Stimmen der Zeit' Oktober 1936.

contemporânea. Ora os contemporâneos só se interessam geralmente por aqueles homens, cuja ação lhes sensibilizou agradavelmente a alma e o coração: emfim, aqueles que souberam provocar uma reação de amor ou de desprezo, de entusiasmo ou de abominação⁷²).

Num mundo de indiferença um homem não se pode tornar célebre: é preciso amor ou ódio: amor entranhado e ódio figadal. Quanto mais êle conseguir acordar estas paixões, tanto mais garantida está a sua memória. Amor e ódio, ao mesmo tempo: ninguém só pode ser amado e muito menos só odiado: a vida humana tem esta polaridade contraposta, exige-o sua natureza, os seus afetos e interesses.

Quer-se ainda para o indivíduo célebre, a „oportunidade“: o acôrdo ou desacôrdo de suas idéias com aquelas da época em que vive, políticas, religiosas, filosóficas, artísticas e econômicas. Em geral esta dependência é essencial; quanto maior ou menor for o grau de sua influência na ação do homem célebre, quanto melhor êle souber servir-se delas para canalizá-las no sentido do seu próprio ideal, tanto mais estribada andarà a sua atuação.

Se tiver ademais o dom peregrino de emprestar ao seu ideal a magia de uma novidade, capaz de emocionar os profundos anseios de beleza, bondade e verdade do coração humano, terá aberto imediatamente o caminho para as grandes massas e para a dedicação incondicional de discípulos apaixonados. É o grande sêgrêdo dos sucessos rápidos de tantos condutores de homens. Bastaria lembrar o nome de fundadores de Ordens e creadores de movimentos políticos. As deficiências, como propaganda, organização, dinheiro, se suprirão, quase, por encanto, pelos discípulos devotados.

Neste ponto está, hoje, Plínio Salgado, na ordem política, onde mais decide o sucesso ou insucesso na tomada do poder e da sua manutenção efetiva, do que as idéias em si mesmas. Como homem, como artista, mesmo como pensador ninguém lhe negará um valor próprio que também possui inúmeros admiradores. A celebridade póstuma não pode ser afirmada com critério infalível pelos seus

⁷²) Dissemos „geralmente“, porque há casos em que a celebridade contemporânea era nula ou quase nula, que só se atualizou em gerações futuras. Basta recordar o nome do Preposto agostiniano, Gregório Mendel cujas descobertas geniais foram redescobertas no começo deste século por A. v. Tschermak, C. D. Correns e H. de Vries e hoje quase inteiramente vulgarizadas. Cfr. Friedrich Keiter: „Rasse und Kultur“ o. c. I. Band Einleitung, pg. 1 e pg. 18. Os contemporâneos ficaram indiferentes, o que certamente não se pode dizer de hoje.

contemporâneos. E, por isso, o melhor critério é o do próprio Plínio Salgado dirigindo-se aos seus companheiros de letras: „Nós escritores de hoje, é que não nos podemos julgar, em definitivo, uns aos outros, a menos que a vaidade nos haja tornado completamente tolos. Pois não temos ainda perspectiva histórica para a compreensão exata de uma época e para a aferição do valor interpretativo das obras de arte, que procuram exprimir essa época“⁷³). E aí só fala da arte: o que também vale para os outros valores.

Se, entretanto, se lerem as ‚Reden an die deutsche Nation‘ de Fichte, achamos bem possível, que os princípios de Plínio Salgado, — exprimindo com tão grande paixão nacional, um todo homogêneo de seu temperamento e razão, — sobreviverão às gerações, e, quando, já não se conhecerem mais os nomes dos políticos do dia, ainda se lerão os seus livros, se preconizará o seu nome como um dos grandes unificadores da nação brasileira⁷⁴).

Antes de examinar o romance de Plínio Salgado, faremos um exame geral dos seus livros doutrinários. Antes dêste exame, porém, queremos mencionar o critério estético que preside às produções estéticas de Plínio Salgado, procurando pô-lo de acôrdo com o nosso. Sabemos que, neste ponto, há divergências, originadas, às mais das vezes, da diversidade de perspectiva em que se coloca o crítico, quanto ao próprio ato estético. Exposto, porém, o nosso modo de pensar, se poderá julgar com mais equidade a nossa opinião sobre a produção artística de Plínio Salgado.

⁷³) Plínio Salgado: ‚O Romance Moderno‘ na Rev. ‚Panorama‘ An. I no. 9.

⁷⁴) Cfr. R. Pauli: ‚Fichte als Politiker und als politischer Erzieher‘ 1933. Se acima afirmamos que as idéias de Plínio Salgado não estavam de insofismável acôrdo com os ensinamentos da Igreja, não tocamos, evidentemente, na prática ortodoxa de Plínio Salgado. Tomamos o autor como êle se nos antolha, em seus livros e ainda aí, precisamos afirmar, que, muita vez, quiçá, êle está mais na alma da Igreja do que muitos que se acham engastados no corpo dela.

III

O critério estético de Plínio Salgado.

No Brasil é iniludível — parece-nos — a influência de Benedetto Croce e da sua escola através dos franceses e italianos, nos críticos literários⁷⁵). Exceptuados, naturalmente, os críticos morais, políticos, religiosos, filosóficos e sociais. A essência do crítico, está segundo êsses na reintuição da intuição do autor criticado⁷⁶). A palavra rein-

⁷⁵) Compare-se Charles Morgan: 'Défense du Roman', na 'Revue de Paris', no. 6 Março 1938 e Benedetto Croce: 'La Poesia', Bari 1936 pgs. 8—12. Entre os críticos brasileiros é Agripino Grieco, quem melhor recorda a agudeza e a síntese crociana. É, porém, muito interessante, ler-lhe a seguinte passagem na admirável crítica que faz sobre Tristão de Ataíde: „Mas o sr. Tristão lerá ainda mais que os outros, se bem que, já agora eu não mais o inclua entre os que, todas as manhãs, fazem exercícios de halteres intelectuais nos volumes dos campeões de peso-pesado da crítica universitária, tal êsse Benedetto Croce que é o horror de Papini, que Mussolini se ufana de nunca haver lido, e cuja biblioteca, maior que a do nosso Rui, foi incendiada pelos fascistas.“ 'Evolução da Prosa Brasileira, Rio, 1932 pg. 332.' Agripino Grieco tem, entretanto, uma vantagem sobre Benedetto Croce: quando ofende, o ofendido não tem quase jeito de magoar-se. Fá-lo com tanto espírito e excesso amável que o criticado interiormente não o pode acreditar. Assim esta crítica do Duce, cujo movimento político tem raízes filosóficas que Benedetto Croce vulgarizou. É, aliás, inexato, quando Agripino Grieco afirma que os fascistas lhe incendiaram a biblioteca. Entraram-lhe pela madrugada em casa, e o filósofo ouviu, de cama, como lhe romperam as vidraças, fazendo grande bulha. Quando porém, lhe quizeram invadir a biblioteca, Croce se interpôs dizendo: „Ragazzi, l'italiano mai distrugge i libri...“ E os rapazes se retiraram sem tocá-los. Êste episódio o pensador narrou ao seu grande Amigo K. Vossler.

⁷⁶) B. Croce: 'Grundriß der Ästhetik'. Trad. de Th. Poppe Leipzig 1913. IV. Kunstkritik und Kunstgeschichte pg. 77. Com uma consequência inexorável, mas também inevitável, B. Croce diz que, em rigor, só se deveria chegar ao seguinte juízo crítico na obra artística: „*A é uma obra artística* — com a sua fórmula correspondente negativa — *A não é uma obra artística*.“ É uma pura constatação do ato intuitivo do artista, cujo sucesso positivo ou negativo, independe do crítico: sucesso positivo quer dizer, em última análise: belo; sucesso negativo: feio estético. Nada mais, mas também nada menos. B. Croce, porém abre outro vez as portas e parte da declaração ou explicação da obra artística, para o fato histórico sucedido e dêste para a crítica da vida. O círculo está feito e todos estariam de acôrdo se a atitude do espírito humano, em face da vida, fôsse igual em todos. Assim, porém, o constatar intuitivo ou mesmo lógico da intuição do artista acaba no constatar voluntário ou involuntário da intuição da vida do crítico.

tuição tem um sentido translativo, porquanto a crítica não precisa ser — ainda que o possa ser nos críticos verdadeiramente artistas — uma nova criação artística, mas a constatação pura e simples, a relação intelectual, histórica da obra artística. Secundários, para o ato intuitivo, são o conteúdo e a forma, pois que a intuição é formalmente a fusão dos dois. Entretanto, na prática, os críticos se alargam quase exclusivamente na forma e no conteúdo, especificando estilos e escolas literárias e variando quase infinitamente os gostos.

Quando se lê, sem nenhuma prevenção, este gigante pensador italiano, não se pode evitar a impressão de que o seu ‚ricorso‘ traz a nebulosidade dos seus próprios mestres⁷⁷⁾. Se ele ficasse apenas na intuição, B. Croce só teria admiradores, pois esta como se apresentou a Vico, já tinha as suas raízes na própria Escolástica, e hoje é universalmente admitida por obra e mérito sobretudo de B. Croce, mas na análise gnoseológica da intuição, o autor de ‚La Poesia‘⁷⁸⁾, necessariamente devia topar com a lógica e a filosofia, onde para ele „só é real a síntese das sínteses, o espírito, que é o verdadeiro Absoluto, o *actus purus*“⁷⁹⁾. Aí está a última razão do carácter „ondulante“ dos críticos crocianos: é um mar sem limites, onde as criações artísticas, as intuições se sucedem sem outro ponto de referência

Henry Bidou na ‚Revue de Paris‘, no. 6, 15. 3. 1938, no artigo „Le Mouvement littéraire“ resume a „Introduction à la poétique“ que M. Valéry apresentou, em forma de preleção no Collège de France. M. Valéry, distinguindo três fases na obra de arte: o ato produtor, o produto, e o ato do consumidor, faz, segundo o nosso parecer, uma série de interessantes arabescos que, entretanto, não alteram as linhas centrais da estética de Croce.

⁷⁷⁾ Contanto que entre esses não se cite a Vico, porque o autor da ‚Scienza Nuova‘ era tudo menos crociano na filosofia... filosófica e na filosofia da vida. Cfr. ‚Unità di vita e di pensiero in G. B. Vico‘, de Agostino Gemelli. Vol. X da ‚Serie Prima‘: Scienze filosofiche. „G. B. Vico“. Milano 1926, pgs. 7—19 cfr. pg. 200 seqq. Não obstante, B. Croce o enumera entre os heresiarcas, ao lado de Kant e Hegel. ‚Grundriß der Ästhetik von B. Croce‘ O. C. pg. 58.

⁷⁸⁾ B. Croce, Saggi Filosofici. Vol. VIII. ‚La Poesia‘ O. C. pg. 14 Cfr. ‚Estetica‘, Bari 1928 pg. 26, Grundriß der Ästhetik, o. c. pg. 16.

⁷⁹⁾ B. Croce: ‚Grundriß der Ästhetik‘. O. c. pg. 59. Nesta mesma obra o autor estuda e analisa com aquela clareza, que lhe é peculiar, o fato da intuição, mas quando a quer explicar gnoseologicamente, surge, de repente, um vácuo e da „imagem“ perfeita, da pura intuição como produto da fantasia, aparece a dificuldade de justificá-la intelectual e conceitualmente, e então, para não conceder o carácter intelectual da mesma, faz maravilhosa acrobacia pela comparação do romantismo e classicismo e termina por atribuir a unidade da intuição ao sentimento, que já lá está na própria intuição. Cap. I. ‚Was ist Kunst‘ pgs. 21—22 e 24—26.

que o subjetivo de cada sujeito. Ora mansas e macias, ora revôltas e escachoantes, as vagas derivam sem outro roteiro que derivar... por derivar, no mar tenebroso da *humanidade* absoluta. Um dos tabús da filosofia estética de B. Croce é a inteligência. Esta, êle exclue categoricamente do ato intuitivo⁸⁰). Não o prova, entretanto, ou antes, a sua prova é uma prova por exclusão⁸¹). O papel da inteligência é, segundo êle, exclusivamente formar conceitos universais que não são, entretanto, possíveis sem as intuições das coisas. Ora, isso diz uma grande verdade, mas só parcialmente, porque as intuições representando uma ação em que participa o homem todo, necessariamente reclamam também a presença daquela faculdade que faz com que o homem seja homem⁸²).

Não estará lá como razão que discorre e julga, ou seja pensar por idéias, categorias e conceitos, nem estará lá para distinguir o real do irreal, mas está lá para entender, para vêr, para sentir. É isso que significa o *„visa placet“* de Sto. Tomaz quando define o belo: *„Pulchra dicunter quae visa placet“*, ou, *„apprehensio placet“*, definindo outra vez o belo: *„pulchrum autem dicatur id cujus ipsa apprehensio placet“*⁸³). O vêr e apreender não se refere só à vista dos olhos ou à apreensão dos sentidos, mas à alma humana com todas as suas faculdades: também da inteligência.

Como se faz isso? Achamos viável a receita de F. Muckermann: *„Grüble nicht weiter drüber nach; denn niemals wird dieses Geheim-*

⁸⁰) J. Maritain: *„Art et Scolastique“*, 1927, Paris. Notes, pg. 255, nota 1, diz: „La grande erreur de l'esthétique néo-hegelienne de B-Croce, victime lui aussi du subjectivisme moderne (Le beau n'appartient pas aux choses...‘ Esthétique, trad. franc., Paris 1904, pag. 93), c'est de ne pas voir que la contemplation artistique pour être intuitive, n'en est pas moins intellectuelle avant tout. L'esthétique doit être intellectualiste et intuitiviste à la fois.“

⁸¹) B. Croce: *„Estetica“* o. c. pgs. 26, 28. Melhor ainda: *„La Poesia“* pg. 15 o. c.

⁸²) J. Maritain, O. C. pg. c.: „Ainsi la contemplation artistique touche le coeur d'une joie *avant tout intellectuelle*, et il faut même affirmer avec Aristote (Poétique, IX, 3, (1451, b, c.) que „la poésie est quelque chose de plus philosophique et de plus sérieux que l'histoire, parce que la poésie s'occupe davantage de l'universel et que l'histoire s'occupe seulement du singulier“, et pourtant l'apprehension de l'universel ou de l'intelligible ont lieu la sans discours et sans effort d'abstraction.“

Nesta mesma Nota (no. 55, pgs. 252—258) J. Maritain apregoa o termo de „Sentido inteligenciado“, com que a intuição encontra a sua melhor declaração, mas não a sua cabal explicação. Mais conciliáveis se mostrariam, talvez, os aprioristas do idealismo kantiano, se se dissesse „Sentido espiritualizado“.

⁸³) A primeira definição está na Sum. Theol. I, q. 5. a. 4., ad primum; a segunda na Sum Theol. I—II, q. 27, a 1, ad tertium. Cfr. M. Grabmann: *„Thomas von Aquin“*, München 1935, pgs. 186—195. *„Die Lehre vom Schönen“*.

nis restlos geklärt werden...⁸⁴⁾. A intuição, por isso, não trava a inteligência, mas totaliza o seu ato, humanizando-a no mais alto grau possível e aproximando-a, por analogia, da visão divina⁸⁵⁾.

Na descrição do fenómeno intuitivo, em si mesmo, os filósofos aqui mencionados, estão de acôrdo entre si. O processo analisado, com tanta precisão e clareza, por B. Croce⁸⁶⁾, apóia-se na distinção entre conceito e idéia. O conceito do conceito não é o conceito da idéia. A intuição corresponde a unidade do objeto representado, não são mais duas unidades, mas uma só: a unidade da idéia: da idéia artística. Se B. Croce não passasse de largo deante da Escolástica, teria encontrado já nos escolásticos, antes de Vico, a seguinte claríssima distinção entre conceito e idéia: „Multi perfecte vident et cognoscunt aliquod artefactum, v. g. domum vel statuam, imo res naturales perfecte a multis cognoscuntur: et tamen non habent ideam istorum, quia non sunt artifices, et multo minus factores rerum naturalium. *Idea autem est forma factiva ideati exemplariter*“⁸⁷⁾. É a intuição de B. Croce e a expressão correspondente.

⁸⁴⁾ Goethe, Bonn 1931, pg. 27. Depois é preciso lembrar que „für die Kunst und den Künstler im Menschen als solche ist hier kaum ein Problem“ e „es gibt nicht das Fühlen *allein* im menschlichen Geiste, so wenig wie Denken oder Wollen, sie sind alle drei, real untrennbar (aber unterscheidbar!) ineinander verwickelt, ja verwoben, ja mehr als das, so daß es durchaus keine Bilder und Vergleiche aus der Technik des Menschen dafür gibt... dieser Kardinalsatz unserer Theorie verhindert den Irrtum, Fühlen und Schönheit radikal zu separieren von Wahrheit und Intellekt, von Gutheit und Wille.“ Theodor Haecker, „Schönheit“. Ein Versuch, Leipzig 1936. Vom Wesen der Schönheit, pg. 29 seq.

⁸⁵⁾ „Dans la perception du beau l'intelligence est, *par le moyen de l'intuition sensible elle même*, mise en présence d'une intelligibilité qui resplendit (et qui dérive en dernière analyse, comme toute intelligibilité de l'intelligibilité des Idées divines), mais qui en tant même qu'elle donne la joie du beau, n'est par suite dégageable ni séparable de sa gangue sensible, et par suite ne procure... pas une connaissance intellectuelle actuellement exprimable en un concept.“ J. Maritain, o. c. pgs. 253—254. B. Croce liquida tudo isso, afirmando simplesmente o contrário: „Un altro motivo concorrevva a dar apparenza di verità al falso rapporto della poesia con la filosofia, ed era la concezione della filosofia come contemplazione delle *pure idee*; le quali dall'astrazione passando nell'immaginazione, se atteggiavano a deità e rifoggiavano una specie di mitologia, più sottile della prima e popolare, ma sostanzialmente non meno fantasiosa, etc...“ „La Poesia“ o. c. pgs. 14—15. Num outro lugar êle diz: „Con intonazione giocosa, ma con seria asserzione, Lorenzo Sterne confessava di aver sempre una Dulcinea per la testa, perché così l'anima gli si ,armonizzava'; di esser sempre vissuto innamorato, ora di una principessa ora di un'altra, e nello stesso modo sperar di vivere fino al momento di raccomandare lo spirito a Dio.“ o. c. pg. 49. O mesmo, parece acontecer com os filósofos.

⁸⁶⁾ „Estetica“ o. c. pg. 11.

⁸⁷⁾ João de S. Tomáz. *Cursus Theologicus*, q. XV, de ideis, disp. 1, a, 1, § 13. Está em Maritain, o. c. Nota 162, pg. 333. O grifo é nosso. Diz F. Mucker-

A luta entre os autores que discutem sôbre os problemas estéticos recomeça sempre novamente quando se trata de estabelecer a sua dependência ou independência da verdade e da bondade, i. é. da moralidade. Não há dúvida, que a verdade não é o fim do artista: a verdade lógica ou filosófica. Entretanto, requer-se que todo o artista seja verdadeiro, que a sua obra reflita alguma unidade real ou aspirada da natureza e ainda que tudo na natureza real ou imaginada possa ser objeto da intuição, nem tudo será objeto da arte e da beleza. A beleza é um pouco menos e um pouco mais do que o simples ser, mas é do ser. Ora, o ser tem diversos graus de ser, que o artista não pode desconhecer impunemente, que é preciso respeitar para crear a verdadeira beleza. E então se verá que o artista não pode existir verdadeiramente sem a verdade da natureza, da natureza na sua unidade, da unidade na sua ordem, da ordem na sua hierarquia de valores. Dizendo: a verdade da natureza, estamos naturalmente longe de afirmar que a arte, para ser bela, deva *imitar* a natureza: que a obra artística, deva ser *exata*, *naturalista* ou *realista*: dizemos que a intuição deve ser humana, humaníssima dentro da ordem. A ordem observada traz a integridade, a perfeição, a proporção e a claridade: emfim a beleza, na tranquilidade da ordem, creada pelo espírito humano dentro da lógica das coisas⁸⁸).

mann: „Mag sich auch heimlich ein Abstraktionsprozeß dazwischenschieben, so besteht doch, wie Christian Pesch in der ‚Scholastik‘ in mehreren Artikeln ausgeführt hat, ein Unterschied zwischen Begriff und Idee. So groß ist am Ende dieser Unterschied, wie er zwischen Plato und Aristoteles, so groß, wie der zwischen Augustinus und Thomas, so groß, wie der zweier Typen, die wir in gesonderten Schulen und Strömungen durch alle Jahrhunderte wandern sehen“... ‚Goethe‘ o. c. pg. 29.

⁸⁸) Karl Muth: ‚Schöpfer und Magier‘ Leipzig 1935: ‚Goethe‘ pg. 125. E na página 126 traz este juízo de Goethe: „War der junge Goethe der Sturm- und Drangzeit noch der in den Tagen des sog. Impressionismus wiederaufgelebten Meinung, es sei für den echten Künstler gleichgültig, ob er das Gesicht der Geliebten, seine Stiefel oder die Antike darzustellen habe, so lesen wir im Jahre 1788 bei ihm: ‚Ich komme immer auf mein Altes zurück: wenn der Künstler einen echten Gegenstand hat, so kann er auch etwas Echtes machen.““ Aquí citamos novamente o grandioso trabalho de Theodor Haecker ‚Schönheit‘ sobretudo as alíneas que começam na pg. 42 até 61: ‚Das Schöne scheint zu gleicher Zeit sowohl mehr als auch weniger zu sein als das Wahre und das Gute... ‚Das Schöne aller Stufen und Ordnungen, welche die Stufen und Ordnungen des Seins selber sind, ist ein überfließendes Sein, das eben darum von einer selbstgenügsamen beschränkten Wissenschaft *ohne Weisheit*, von einer separierten und stolzen Ethik *ohne Heiligkeit* so leicht und so falsch — das Falsche ist in diesem Äon viel leichter als das Richtige — für *überflüssig* gehalten wird, während doch im Elend dieser Welt es gerade das ist, was *not tut*.‘ pg. 43.

O fim da arte, por conseguinte, não é a verdade lógica, mas isso não impede que ela deva ser necessariamente lógica, i. e. refletir a lógica mesma das coisas, sem mentir. Emfim a autonomia da arte na criação da beleza é como todas as outras coisas, a parte de um todo que não pode ser invertido: a intuição reassume os seres e creia a realidade artística. Esta, lembra, recorda as coisas, e com elas se parece dum modo muito mais profundo e misterioso do que a evocação, a presença real, a imitação exata poderiam fazer⁸⁹).

O mesmo „mutatis mutandis“ se pode e se deve dizer da moralidade da arte. O fim da arte não é a bondade moral do objeto estético ou do próprio artista. Isso é hoje um lugar comum, apesar de surgirem sempre e novamente os moralistas ou rigoristas que nos queiram convencer do contrário. E por não poderem conceber a arte sem moralidade, acham supérflua a arte e a beleza: a tal ponto que levou a Theodor Haecker, a citar o queixume do grande poeta inglês Francis Tompson: „Die Kirche, die einstmals die Mutter der Dichter war nicht weniger als der Heiligen, hat während der letzten beiden Jahrhunderte die Herrlichkeiten der Dichtkunst Fremdlingen überlassen, wenn auch die Herrlichkeiten der Heiligkeit sie für sich behalten hat. Die Palme und der Lorbeer, Dominicus und Dante, Heiligkeit und Sang, wuchsen zusammen auf ihrem Boden: sie hat behalten die Palme, aber eingebüßt den Lorbeer. Dichtkunst im weitesten Sinne, auch wenn nicht erklärterweise irreligiös, ist zu lange unter vielen Katholiken entweder Mißachtung oder Mißtrauen begegnet; zu stark und zu allgemein ist das Gefühl gewesen, daß sie im besten Fall überflüssig sei, im schlimmsten verderblich, sehr oft gefährlich“⁹⁰).

⁸⁹) J. Maritain: „Art et Scolastique“ o. c. pgs. 83—106 e as „Notes“ sobretudo 116 e 116bis. pgs. 288—291. Na nota da pg. 84 éle observa como complemento da necessidade lógica da arte: „...Et dans un ordre qui n'a plus rien de rationnel, d'où l'idée est délibérément evincée pour faire place à la seule architecture du rêve, Pierre Reverdy aussi est logique, d'une logique nocturne inconsciente d'elle même, incarnée dans la spontanéité du sentiment. Les poèmes d'un Paul Eluard n'échappent pas à cette loi, ni les „textes surréalistes“ eux mêmes, quand ils ont une valeur poétique. Le hasard même est logique dans le coeur d'un poète“...

⁹⁰) Th. Haecker: „Schönheit“, o. c. pg. 60. No Brasil quem melhor compreenderia esta queixa delicada, é Jackson de Figueiredo. Cfr. a citação do cap. I, pg. 19 e mais estas palavras do mesmo Agripino Grieco: „Sua vida — provaram-no, em belos estudos, os srs. Hamilton Nogueira e Perilo Gomes — representa para todos nós uma nobre experiência terrestre, que, a rigor, aproveitará mais a nós outros do que aproveitou a éle próprio;...seus sobressaltos e arrancadas importam para nós em conselhos de serenidade cristã.“ („Evolução da Prosa Brasileira“ o. c. pg. 323.)

Ainda, porém, que o fim da arte não seja a bondade, mas a beleza do objeto estético⁹¹⁾, não há dúvida nenhuma que o artista não pode fugir do mundo e do universo, e dentro dêste universo há também uma ordem moral que o pervade no todo e nas suas partes. Assim como o próprio ato estético, especificado na intuição artística, toma o homem todo e se apodera dêle, com inteligência, vontade, fantasia e sentidos, assim também o objeto artístico exprimindo a beleza, como propriedade transcendental do ser, como ser, não pode prescindir da verdade e da bondade dêste ser. O bem moral não é a razão formal do ato estético, mas se em algum lugar tem cabimento o provérbio: „diga-me com quem andas, e dir-te-ei quem és“, será no artista que êle melhor se verifica⁹²⁾.

Pode variar a concepção da vida, entre os homens, e varia, de fato, como varia a concepção metafísica da mesma, e, por isso,

⁹¹⁾ „Als unmittelbar Empfangender und als unmittelbar Zeugender ist der Künstler als *Künstler* amoralisch; dieses Wort hat hier keinen moralischen Beigeschmack. Auf zweierlei Art kann das immer gefährdete Gleichgewicht dieses gefährlichen Satzes gestört werden: vom Moralisten und vom Immoralisten. Der Moralist müßte konsequenterweise verbieten, daß ein Dichter einen Schurken seinswirklich ohne ‚Moral‘ gestaltet oder ein Schauspieler ihn ohne Entrüstung darstellt. Der Immoralist wird die seinswirkliche Unterscheidung zwischen Gut und Böse und deren Wesensbeziehungen zum Schönen und Häßlichen ingnорieren und leugnen.“ Th. Haecker, o. c. pg. 74.

⁹²⁾ „Die Schönheit ist transzendental. Alle Transzendentalien sind für den menschlichen Geist nur Aspekte — freilich notwendig getrennte — des *Unum* des ‚Einen‘ die einander aber berühren müssen, je reiner sie jeweils sind. So berührt auch die Kunst jeweils, und gerade je reiner sie ist und vollkommener in der Offenbarung der Schönheit, um so sicherer und unvermeidlicher auch ‚das Wahre‘ und ‚das Gute‘ des Seins... Echte ‚Poesie‘ kann einer schaffen, der weder weise noch gut ist. Wenigstens als Episode. Auf die Dauer freilich und sozusagen habituell ist es nicht denkbar, weder daß einer in dem Reiche des Schönen zu Hause ist, ohne immer mehr zu ahnen, wenn nicht zu erkennen, die Einheit mit dem Reiche des Wahren und des Guten, noch daß einer seine Gabe der Kunst nicht verliert, wenn er immer mehr in Lüge und Gemeinheit sinkt.“ Th. Haecker, o. c. pg. 117—118. Cfr. Karl Muth: ‚Schöpfer und Magier‘, o. c. pg. 126, onde êle diz: „Wo für einen Gegenstand keine erhöhte Teilnahme möglich ist oder gar das sittliche Gefühl beleidigt wird, kann auch die höchste Kunstfertigkeit keinen Ausgleich schaffen, der die künstlerische Leistung zu einem Kunstwert stempelte.“ Ou ainda Th. Haecker, o. c. pg. 88: „Schönheit ist nicht um ihrer selbst willen da, aber auch nicht um eines Niedrigeren willen, als sie selbst ist.“ E o mesmo diz J. Maritain em todo o cap. IX de ‚Art et Scolastique‘ o. c. „L’art a pour seule fin l’oeuvre elle-même et la beauté. Mais pour l’homme qui opère l’oeuvre à faire entre elle-même dans la ligne de la moralité et à ce titre elle n’est qu’un moyen... L’art n’a aucun droit contre Dieu. Il n’y a pas de bien contre Dieu, ni contre le Bien final de la vie humaine.“ pgs. 120—121. E cita a propósito a admirável página da ‚L’Art romantique‘ de Baudelaire, quando critica aqueles que se propõem a arte como supremo fim do homem. ‚Art et Scolastique‘ nota 138, pg. 322.

variará, também, a natureza da subordinação do estético, segundo a respetiva filosofia da vida — mas o estético, o belo como categoria independente e autônoma não existe⁹³). Os estetas que se chamam ,puros‘, só existem na teoria, bem como os críticos estéticos ,puros‘. Na prática, isto é, na intuição e na crítica agem sob o influxo de alguma hierarquia implícita, de alguma ordem preestabelecida. O que alguns expatriam, muita vez, do reino estético, com o imperativo de: ,mau gosto‘! — não passa da subreptícia canonização de uma ordem moral, de uma ordem lógica, que continua intangível no seu subconsciente.

Aparece isso também, claramente no finíssimo crítico brasileiro, Andrade Murici, encastelado como Apolo no seu observatório pagão de estrelas cristãs. A ,humanidade‘ a cada passo quebra o invólucro e lhe trai os deuses alcantilados em planos outros que puramente humanos. Também para êle é impossível librar-se exclusivamente na contemplação do belo estético. A beleza não pode, subsistir, com o sacrifício de si mesma, como seria o caso se ela se isolasse do ser, ontológica e logicamente, de que é uma propriedade como a verdade e a bondade⁹⁴).

⁹³) Friedrich Keiter: „Rasse und Kultur“ I. Band 1938 Stuttgart: „Eine Kulturbilanz der Menschenrassen als Weg zur Rassenseelenkunde“, escreve à pg. 233: „In der Kunstbetätigung wirken zu sehr verschiedene Triebrichtungen zusammen, als daß man das ,reine‘ Kunstwerk vom ,angewendeten‘ irgendwelchen Lebenszusammenhang dienenden Kunstwerk trennen könnte. Im Grunde dient nämlich auch das scheinbar ,reinste‘ Kunstwerk des l’art pour l’art irgendwelchen Lebenszusammenhängen, schwebt nicht in der Luft, sondern ist irgendwie Bedürfnisbefriedigung und Weltverbesserung für Schöpfer und Genießer.“

⁹⁴) Andrade Murici considerado hoje em dia o mais estremo e fino defensor da arte literária — não da ,l’art pour l’art‘, mas da pureza da arte literária escreve na „Festa“, Rio no. 9, 2a fase: „Quando um Maritain condena, baseado em S. Tomaz, qualquer intenção religiosa e proselitista no trabalho de criação artística, não será um Radek, em seu primarismo, que conseguirá subordinar a sensibilidade e a imaginação artísticas a meras necessidades de propaganda.“ Não tratamos aqui da pureza da arte, mas da subordinação da parte ao todo, e dentro desta subordinação que não pode excluir as finalidades subordinantes, já afirmamos amplamente a necessária, a intrínseca, a essencial independência da arte. O fim da arte é e fica o belo, o descanso, o repouso, a satisfação do espírito humano na visão do belo: „... pulcrum est idem bono, sola ratione differens. Cum enim bonum sit *quod omnia appetunt*, de ratione boni est quod in eo quietetur appetitus; sed ad rationem pulchri pertinet quod in ejus aspectu seu cognitione quietetur appetitus.“ S. Th. I—II 27 I, ad tertium). No bem é a posse, no belo é o conhecimento que proporciona o descanso, mas sempre dentro da subordinante: „cum enim bonum sit *quod omnia appetunt*.“ Vê-se, pois, que o desacôrdo não está entre Andrade Murici e outros, na noção do belo, mas na determinação do bem. Andrade Murici, parece, não achar viavel a subsistência do belo, dentro de certos objetos ou conteúdos estéticos. Quando aparecem, já

Plínio Salgado escreveu muito sobre a arte e esta foi a sua grande preocupação até 1926. Se não fossem as críticas de Oliveira Viana e de Jackson de Figueiredo e a morte cristã de Rodrigues de Abreu, se não fôsse a sua viagem ao Oriente e à Europa — ou melhor se não fôsse a inquietação social do Brasil e do Mundo, — é certo, que Plínio Salgado, não teria abandonado o plácido remanso das musas, para se atirar à empresa gigantesca de criar o pressuposto indispensável — a tranquilidade da ordem, — para a serenidade do espírito e a vida fecunda dos artistas. „As angústias modernas e a impotência do homem em encontrar-lhes a terapêutica apropriada, conjugam-se para facilitar o progresso dos idealismos elementares, meramente utilitários, e, afinal, dêsse romantismo linear que julga poder atingir a felicidade com o exercício imperativo do mais material pragmatismo“⁹⁵).

O critério estético de Plínio Salgado, não se afasta essencialmente dos princípios que aqui mencionamos. Não se preocupou tanto com as últimas raízes gnoseológicas do critério estético — o conhecimento das mesmas e as respectivas teorias são perfeitamente secundárias e até despidiendas para o verdadeiro artista, — como já observamos — quanto se inquietou com as manifestações imediatas da arte. Nestas manifestações, a evolução ameaçava destruir os limites da arte e do pasticho — da „Kunst“ e do „Kitsch“. Era êste um problema que numa cidade como S. Paulo, assumia a mais angustiosa realidade e se entrelaçava imediatamente com outro problema — êste já mais êle vislumbra deserção da arte: no que êle, de fato, hoje, geralmente tem razão, mas isso está na *intenção* do autor que assim deixa de ser artista, não, porém, na *natureza* do assunto. E é isso que diz Maritain na „Art et Scolastique“ o. c. se compararmos o cap. VII: „La Pureté de l'Art“ com o cap. IX: „Art et Moralité“. Entre, „os eternos fundamentos de humanidade, sem os quais não há realização perdurável em arte“, (Andrade Murici: „A Nova Literatura Brasileira“, o. c. pg. 397) estão necessariamente os bens da Liberdade, da Família, da Pátria e de Deus: não como finalidades da arte, mas como efeitos necessários, se quisermos discernir os artistas verdadeiros dos artistas puros. Cfr. Quanto à teoria do belo em Sto. Tomás, M. Grabmann: „Thomas von Aquin“ o. c. VIII. „Die Lehre vom Schönen“, pgs. 186—195.

Andrade Murici é o mais espiritual, o mais delicado e talvez o mais justo dos críticos brasileiros, mas quando êle escreve: „Vejo esta gente com a qual convivo, e que me communica as suas ânsias e as suas inquietações, com aquela visão misteriosa do Renascimento, do maior poeta moderno do Brasil, o negro Cruz e Souza, filho de escravos:

„E pela curva dos longínquos ares

Ei-las que veem, como o imprevisto bando

Dos albatrozes dos estranhos mares...“

(o. c. pg. 399) Andrade Murici está conosco, no meio desta gente: e está como verdadeiro, não como „puro“ artista.

⁹⁵) Andrade Murici: „A Nova Lit. Brasileira“ o. c. pg. 399.

complexo — o da finalidade da arte, independentemente dos seus efeitos imediatos. Como já observamos na pg. 36, nota 61, Plínio Salgado define o artista como „um medium das intenções de seu Tempo“, mas confessa sinceramente que os contemporâneos, não se podem julgar uns aos outros, porque faltam os critérios para se precisar o que há de estavel, melhor o que há de verdadeiro e autêntico e definitivo para a caracterização das intenções do Tempo. Cada qual se julgará na posse destas intenções e assim só um futuro, talvez ainda muito remoto, poderá discernir o estavel do instavel, o humano do artificial e até mesmo — em grande escala — a arte do pasticho.

Quanto ao binômio arte-pasticho, não há, entretanto, nenhuma dúvida, que já os contemporâneos podem ter elementos de distinção e de claro discernimento entre arte e pasticho. Porque se derrama tanta tinta para provar a oposição entre arte e pasticho? A muitos estranhará êste porquê? Entretanto, é justificado, porque cada qual evidentemente quer conhecer os critérios da diferença. Esta distinção não existia antigamente, até o sec. XIX. Havia, é verdade, creações artísticas de maior ou menor valia, mas pasticho, no nosso sentido, não existia, ou, pelo menos, não se discutiam teorias sobre êle.

Tudo o que o artista e o artezão — então não se ventilavam com tanto empenho, ou mesmo se desconheciam os limites precisos entre estes dois conceitos⁹⁸⁾ — fazia era justo e verdadeiro dentro da causa material e final. Isso acontecia porque o homem de então sentia *organicamente* dentro duma concepção uniforme da arte e da vida: sentimento que o pervagava em *todo* o seu ser. Assim como a mesma seiva, o mesmo princípio vital invade e fecunda uniformemente *todo o ser, integralmente*, da paineira ou da roseira, desde a mínima raiz até o mais delicado estame da flôr, assim também a idéia uniforme e formal da vida — que era o Cristianismo — se aninhava e trabalhava na alma do homem. Ora, cada forma da paineira ou da roseira nasce e cresce organicamente, nasce justa e verdadeira e por isso incondicionalmente bela dentro do seu ser de roseira ou paineira.

Veio, porém, o século 19 com o reclamo assustador dos seus „ismos“: Racionalismo, Liberalismo, Individualismo, Subjetivismo,

⁹⁸⁾ Cfr. G. Gietmann und Sörensen: Kunstlehre I. Teil. Allgemeine Ästhetik, 1899, Freiburg i. B. pgs. 70—80. J. Jungmann, Ästhetik, 1884, Freiburg i. B. pgs. 10—14. Gietmann mostra, sobretudo, esta diversa nomenclatura desde Aristóteles, Cícero, Plotino até S. Tomaz, e como S. Tomaz (S. T. in Arist. Ethic. libr. 6, 1, 3.) ficou com a definição de Aristóteles. (Arist. Ethic. Nicom. 6, c, 4.)

Materialismo, para dizer só alguns. Não há dúvida, que as raízes destes „ismos“ já vêm de longe, pelo menos da Renascença, mas os seus frutos só agora maturaram plenamente: dissolução e destruição. O sentimento religioso unívoco e uniforme da vida cindiu-se, e, por isso, se desfez também o humus comum do solo fecundo que durante séculos produziu inumeráveis obras primas de arte, admiráveis revelações de espírito creador do gênio europeu que ensombrava com sua larga ramagem o Novo Mundo, através de Portugal e da Espanha.

Sob os golpes destes „ismos“ as forças creadoras necessariamente deviam estarrecer. A anemia era geral: em vez de produzir — se reproduzia, se refazia, se refundia, se ressuscitava. O nome novo não conseguia disfarçar a paternidade antiga — sem a fecundidade intrínseca e orgânica da antiga. Já não existiam mais sentimentos vitais e humanidade romana, gótica e barroca — mas faziam-se igrejas góticas, romanas e barrocas. Simplesmente um roubo — irresponsável, moralmente, — mas artisticamente, esteticamente uma borradura, um pasticho⁹⁷⁾: isto é, uma desconformidade entre a vida e a sua expressão: falta de veracidade orgânica: uma espécie de carnaval estético.

A verdadeira expressão do nosso espírito não é mais gótica, romana, pela razão simples de que o homem gótico está morto a quatrocentos anos. O caudal dos tempos não volta para trás, mas se precipita adiante, em demanda de outras distâncias e novas margens. Nunca um rebento reentra em seu tronco — muito menos quando este tronco não existe mais... Podemos copiar, macaquear uma arte que foi *creada*, mas não *creá-la*. Assim como podemos imitar uma rosa no macio do veludo e no farfalhante do papel. Mas que diferença entre a rosa orgânica e sua beleza e a rosa artificial⁹⁸⁾.

⁹⁷⁾ Pasticho, na falta de um termo consagrado como o „Kitsch“ alemão, é um galicismo que só os competentes poderão substituir.

⁹⁸⁾ Com isso naturalmente, não queremos fazer um juízo pejorativo sobre estes estilos históricos e sua justa imortalidade. Como valores absolutos se conservarão dentro de todas as vicissitudes do gosto. O seu valor é, precisamente, absoluto e duradouro, porque nasceram organicamente do espírito de seu tempo, condicionados pelo seu tempo e, por isso, intrinsecamente verdadeiros. Pode alguém até extasiar-se perante a ousadia divina e nobre graça de uma catedral gótica e ficar — sem inconsequência — um adversário irrefragável da sua cópia ou imitação atual, porque a forma imitada não é arte, por falta de integralismo e, por isso, intrinsecamente mentirosa. Admiramos Camões, mas não o podemos imitar em nossa prosa ou verso, sem nos tornar ridículos. Podemos admirar o gibão antigo e o merinaque de outrora — mas, hoje, este seria um quebra-cabeça para as companhias de bondes, como aquele um incidente viável no entrudo.

Êste é também o pensamento central de Plínio Salgado quando expõe os anseios do seu temperamento estético: „Não foi possível crear nada de novo como forma para o século do rádio. E eu estou olhando só a França, para não alongar estas páginas; o resto da Europa é a mesma coisa. Ainda há tempo para se ler Proust, para discutí-lo. A literatura não tomou conhecimento da velocidade e da tremenda luta social. Ela está repleta de estudos psicológicos exaustivamente analíticos, de narrativas realistas terrivelmente repetidas desde Zola e Maupassant.

A cadência dos estilos ainda é a dos trolis das unilateralidades ociosas de sec. XIX. Estamos no fim da Era Burguesa. Ainda há literatos minuciosamente realistas e milionários para encarcê-los⁹⁹⁾.

Entende-se a razão secreta, percebe-se o pensamento porque Plínio Salgado se tornasse um dos paladinos da arte moderna no Brasil. Entretanto seria falso se se enquadrassem autores, como M. Proust, entre creadores de pasticho. São artistas — ninguém o negará — mas artistas, porque exprimiram esteticamente o desorgânico na axiologia contemporânea: não serão edificadores da Vida na sua verdade natural, mas os profetas da saturidade numa época de decadência. Há também uma beleza do mal que se manifesta na falta de transparência do ideal: não porque o ideal tradicional da cultura ocidental seja clara e meridianamente a revelação de *todos* os segredos da vida humana, mas porque êste ideal aparece ao crente, ao hierarquista, inefavelmente translúcida, como fonte eterna e oceano eterno de Beleza e de Amor — ainda que insondado e insondável¹⁰⁰⁾. Esta falta de transparência, nasce imediatamente da inversão, da eversão dos valores dos seres, em suas finalidades últimas: o aniquilamento da hierarquia tradicional. A causa última desta inversão da ordem é a omissão de um elo essencial da ordem do universo: e quem negará que muitos dêstes elos não encontraram mais a consagração dos poetas? Omitiu-se a beleza moral, a beleza da virtude, a beleza da liberdade no seu uso justo e consagrado e omitiu-se sobretudo a beleza da Primeira Causa¹⁰¹⁾.

Plínio Salgado, na sua luta, pelo verdadeiro critério estético, passou por uma evolução singular e altamente honrosa para o seu

⁹⁹⁾ Plínio Salgado: „O Romance Moderno“, „Panorama“ Ano I, no. 9.

¹⁰⁰⁾ Th. Haecker: „Schönheit“ o. c. „Die Schönheit des Bösen“, pgs. 78—92.

¹⁰¹⁾ Para um crente, para o cristão o estudo de Th. Haecker, revela ainda outros élos omitidos, sobretudo aquele da Virgem que creou os mais lindos poemas de sons, cores e palavras do Ocidente e o primeiro poema escrito na América por J. de Anchieta, na areias das praias brasileiras.

espírito privilegiado. Da revolução da forma nasceu-lhe a necessidade da revolução do conteúdo, da revolução do conteúdo apareceu-lhe a necessidade de um objeto novo, digno e eterno. Isso em linhas gerais que se pôdem seguir como que guiado pela mão dos seus livros. A sua conferência: „A Anta e o Curupira¹⁰²⁾“, realizada em 1926, já toca em todos estes problemas imediatos da arte. É, antes de tudo, um dar de costas a todos os „ismos“ transatlânticos¹⁰³⁾, mas segundo o nosso parecer um dos „ismos“ ficou-lhe encravado no espírito, e ainda que o seu „habitat“ seja quase exclusivo do verso, encontrou agasalho carinhoso nos romances de Plínio Salgado. Referimo-nos ao simbolismo, no seu efeito próximo, mas sobretudo na sua significação remota e na sua íntima psicologia.

Não é a música das palavras, — que êle não despreza e muita vez dão um entono épico às suas visões¹⁰⁴⁾, — mas a música secreta e muda do espírito que, às vezes, em duas ou três palavras, acorda na alma, as mais estranhas visões e anseios de formas puras¹⁰⁵⁾. Êste

¹⁰²⁾ Plínio Salgado: „Despertemos a Nação“ o. p. pgs. 29—51.

¹⁰³⁾ Já êste era também o escopo da revolução literária e artística de 1922—1923 que „teve o mérito de acender um chamejante espírito de rebeldia, com a qual iniciávamos a derrubada dos velhos cultores da forma, quebrando o ritmo do processo de estilo, e nos encorajávamos no sentido de quebrar também o ritmo político do país.“ Plínio Salgado, na „Breve História dêstes Escritos“, referindo-se ao livro „Despertemos a Nação“ pg. 7, o. c.

¹⁰⁴⁾ Cfr. „O Esperado“ S. Paulo 1931, pg. 376—377; „Os trovões avultaram, retumbando aos tombos, retumbos de bambardeio“ pg. 375; „O Cavaleiro de Itararé“ S. Paulo 1933, pg. 343; e todo este cap. intitulado „A coluna Prestes“ pgs. 231—239. Sinestesia e onomatopéia, que são também do simbolismo.

¹⁰⁵⁾ Esta página é de uma segustão irrestível para qualquer brasileiro: „Dia 30 de abril. Casamento de Humberto.

Maio. Dias limpos e altos. A estrela da tarde, tremendo no crepúsculo fino. Sumo doce no íntimo das horas.

Céu pernalta, das noites de Junho pensil.

Jongo.

Da colônia, cantigas marinhas, — Santa Luzia lontana... Fogueiras de Santo Antônio e São João.

Beijos e ineditismos. Indolências macias de carficias curiosas de lua de mel. Amor curioso como lanternas.

Quitação plena e geral selada ao Destino e pazes com a vida.

Mocidade dos beijos. Beijos. E beijos.

Calor familiar da lareira. Violas — sabiás.“

(Do „O Estrangeiro“, S. Paulo 1926, pg. 90) Só aquelas duas frases; „Sumo doce no íntimo das horas“, e „Quitação plena a geral selada ao Destino e pazes com a vida“, dizem tanto que um livro volumoso não o poderia dizer. O simbolismo francês não se pode definir com gênero e diferença específica, porque no momento em que se o faz, não será mais simbolismo: deve ficar uma bruma indecisa, que, aqui é ali, se rasga de visões e aparições que não se vêem distintas e claras, mas confusas e obscuras, que dão alguma coisa à alma e alguma coisa ao coração.

efeito imediato e próximo é frequente nos romances de Plínio Salgado. Quando êle se ri dos muitos „ismos“ que na Europa coherdaram o passado, não menciona o simbolismo¹⁰⁶), porque não há dúvida que êste efeito imediato e próximo é de toda a arte verdadeira.

O simbolismo, porém, trazia ainda outras vantagens para Plínio Salgado. Quando os símbolos, como na simbólica medieval, tinham o dom e a finalidade de sintetisar verdades eternas da fé e da religião, é claro, que por si mesmos, acordavam o respeito e a veneração das almas e dos corações. Ora, a deficiência e a morte dêste respeito e desta fé, na época duma Burguesia céptica e decadente, acordava na saturidade, o desejo e a aspiração de novos símbolos e novos conteúdos. Se não existiam, era preciso creá-los, ainda que fôsse só na aparência e na ilusão, ainda que fosse só pelo emprêgo da maiúscula em palavras que tinham perdido o seu sentido tradicional ou às quais convinha dar um sentido novo. Se no pontífice máximo Mallarmé ou em Stephan George, o arquimandrita germânico, talvez não passaram de extravasões de complexos, em Plínio Salgado se revestiram, logo, do desejo apaixonado da verdade. Não era formalidade, mas sinceridade de convicção. Quando êle escreveu: „Está caíndo angustiosamente uma noite sôbre o mundo. Creio que da América Latina e, sobretudo, do Brasil, sairá o Dia Novo. E porque não hade saír?“¹⁰⁷), o grito não era meramente estético, mas a expressão de uma angústia que lhe macerava todo o ser.

A psicologia íntima do simbolismo arrastava assim um dos seus admiradores à criação de símbolos que equivalessem em força íntima aos símbolos da idade de fé e heroísmo. Não mencionaremos aquí o misticismo dos inumeráveis símbolos políticos que hoje em dia pompeiam tanto viço e encerram tanta sugestão real ou aparente, mas a raiz psicológica é a mesma do simbolismo literário e o simbolismo estético lhes abriu o caminho e facilitou a aceitação. O mesmo faria o creador de Integralismo.

A revolução da forma em Plínio Salgado não se limitou a aceitar sugestões do simbolismo. A forma devia ser, para êle, nativa,

¹⁰⁶) No „Despertemos a Nação“ pg. 8, êle enumera o futurismo, o dadaismo, o simultaneismo, o impressionismo, o expressionismo, o surrealismo, o primitivismo, o realismo o academicismo, o aticismo, o cientifismo, o parnasianismo. Cfr. Nota 19.

¹⁰⁷) Plínio Salgado: „Despertemos a Nação“, o. c. pg. 34.

brasileira... mas espontânea, não procurada: não estrangeira, mas nacional, como indicamos no primeiro capítulo¹⁰⁸).

Era a transição do critério estético da forma para o conteúdo. Como artista êle podia desprezar o fenômeno estético propriamente dito — mas o conteúdo e a forma nunca podem escapar dos imperativos duma época, e estes são, por sua vez, atitudes, estados de espírito diante das últimas finalidades da vida humana. Apanhar estas atitudes é ser moderno, sem ser modernista.

Passados dez anos entre a publicação do seu primeiro romance e os seus novos livros doutrinários políticos, Plínio Salgado considera-se chamado para dar uma opinião sobre a forma e sobre o conteúdo da literatura atual do Brasil e do Mundo: rejeita os romances „modernos“ europeus por falta de „velocidade“, „simultaneidade“, „complexidade“, „dinamismo“ e „síntese“¹⁰⁹). „O romance atual, capaz de apreender o sentido *cinemático* e o *tumulto da vida moderna*, ainda não foi creado. Esta série“ — refere-se aos seus três romances — „perdura como uma tentativa. É um convite que ficou sem resposta“¹¹⁰). O que êle entende por forma cinemática, o nome já está dizendo e êle mesmo o explica, comparando-a à volada do avião, onde os dramas quotidianos se interpenetram na simultaneidade dos acontecimentos. Notas breves e rápidas que sem longos diálogos, sem análises cansativas, acompanham por alto o tumulto contemporâneo. Emfim, podemos dizer, que é outra vez uma espécie de simbolismo mais direto, que indireto, mais realista que nebuloso... mas simbolismo. Talvez, também, um pouco mais superficial, sem, por isso, deixar de impressionar, de suggestionar, de sugerir... como o cinema. As desvantagens do cinema e, um pouco, as vantagens do teatro.

Em Plínio Salgado, porém, a superficialidade desaparece em face da seriedade do conteúdo de lastro social e metafísico. O artista de 1926, percebeu logo que o problema da forma avançava o espírito para finalidades ulteriores, que, em última análise, se casam sempre com a beleza estética, capaz de viver, capaz de subsistir, como elemento positivo de construção.

Os mentores desta evolução ulterior de Plínio Salgado, como literato e esteta, foram Oliveira Vianna e Jackson de Figueiredo.

¹⁰⁸) cfr. pgs. 11—16 e nota 19.

¹⁰⁹) Plínio Salgado: 'O Romance Moderno', Rev. 'Panorama' Ano I, no. 9, 1936.

¹¹⁰) Plínio Salgado: id ib.

Se êle mesmo não o confessasse, as próprias idéias o revelariam. Em 1926, o grande antropólogo, escrevia ao joven literato: „Eu subscrevo integralmente o juízo de Monteiro Lobato, acrescentando, porém, que desejaria vêr o belo plano do ‚O Estrangeiro‘ desenvolvido pelo seu autor num outro domínio, no domínio dos estudos sociais, em que fixasse e explicasse o fenômeno paulista de nossos dias num quadro igualmente profundo e poderosamente estruturado, mas posto em base científica e não em bases de ficção. O talento lhe sobra. Que faça isto!“¹¹¹).

Os problemas sociais tinham já, em si, a virtude da atualidade e Plínio Salgado desenvolveu-os em sentido — não científico — mas político. Nos romances seguintes, no ‚O Esperado‘ e no ‚O Cavaleiro de Itararé‘, o problema social entra em larga maré enchente e, às vezes, quase sufoca a impressão agradável das intuições artísticas. Há, porém, páginas que em beleza pura, ainda excedem as melhores do ‚O Estrangeiro‘. E se quisermos ser justos não podemos deixar de subscrever êste juízo do próprio Plínio Salgado: „Aquilo que era visto, pelos ‚estetas puros‘, como um grave pecado nos meus romances, tornou-se, de repente, uma virtude. E, como em nenhum dêsses romances (quando se os analisa profundamente) existe qualquer defesa de tese política, ao passo que, em muitas novelas recentes, repontam mal dissimulados pontos de vista doutrinários, os três livros que formam esta série de ‚Crônicas da Vida Brasileira‘ tornaram-se os mais rigorosamente isentos do conceito de arte de Tolstoi“¹¹²).

Se Plínio Salgado não seguiu o conselho amigo de dedicar-se ao estudo científico das questões sociais, a sua obra, entretanto, não deixou mais a sugestão poderosa do autor das ‚Populações Meridionais do Brasil‘ e, pode-se dizer, que a literatura política de Plínio Salgado, se tornou, um complemento necessário do antropólogo e do etnólogo: pois, Oliveira Viana, é, felizmente, menos sociólogo do que etnólogo.

Oliveira Viana, porém, nos seus estudos não enchia totalmente as ansiedades da apaixonada alma de Plínio Salgado. A intuição genial de Jackson de Figueiredo ia mexer mais fundo ainda nos refolhos sensibíllissimos do coração de Plínio Salgado. E fê-lo com aquele dom todo especial que parece procurar para si, quando procura para outro. A velha sabedoria, sempre remoçada, de Sócrates,

¹¹¹) Oliveira Viana no livro: „Plínio Salgado“ o. c. pg. 259.

¹¹²) Plínio Salgado: ‚O Romance Moderno‘ o. c. l. c.

que supõe um coração delicadíssimo e uma companhia igual. O autor de ‚Pascal e a Inquietação Moderna‘, sabia lançar longe o anzol, porque além de pescador de peixes, era pescador de homens.

„Se êste livro, se êste romance, se êste resultado da atividade configuradora de um espírito, dá testemunho, por sua vez, da fôrça configuradora da coletividade paulista, que bálsamo que é êste livro para a nossa inquietação!

O Estrangeiro para quem a terra surgira ‚pura e divina como a virgem das purifacções.“

Salus infirmorum.

Consolatrix afflictorum;

para quem, no entanto fôra apenas, „o caminho do triunfo, que o devolvía a todas as amarguras e rebeldias de outrora; devesa desabrochada em espinhos, como os olhos misteriosos de Maria de Lourdes“; isto é, com a fôrça vital e a tristeza mortal do amor; e que, por fim, nem ao menos neutralizara o veneno que trouxera nas veias, êsse Estrangeiro é aquele, irredutível, a quem a terra nova, se não despersonaliza na desmoralização e na miséria, acaba por fulminar, impelindo-o de repente, novamente, para si mesmo. Mas há outro Estrangeiro múltiplo e vulgar, que serve de côro a essa figura dramática e dolorosa. É a este que o Brasil opõe a puerilidade poderosa do Sací... Esta sómente?

O próprio livro do Sr. Plínio Salgado aponta outras barreiras, que são ao mesmo tempo, máquinas de nacionalidade, retortas de brasilidade¹¹³).

E neste tom amigo de quem procura uma resposta certa e conhecida, Jackson de Figueiredo parece fazer aquele famoso diálogo de Platão, em que Sócrates e Hípias procuravam a diferença entre o belo e a beleza.

Plínio Salgado que era um materialista teórico, em que havia mais formalismo e um pouco de moda, inquietou-se e o tom displacente, com que, quase, premeditadamente, nos conflitos morais de ‚O Estrangeiro‘, evitava as barreiras do sobrenatural, transformou-se em augustosa interrogação, quando estas balisas, já amiudavam no ‚O Esperado‘, para tomar feição paralela com outras atitudes centrais, no ‚O Cavaleiro de Itararé‘. O conflito espiritual mudou-se, concomitantemente em problema sobrenatural e a questão da fé

¹¹³) Jackson de Figueiredo: „O Sací, o Avanhanda e o Imperialismo Pacífico...“ ‚Gazeta de Notícias‘ 1, 12. 1926. Rio.

resolveu implicitamente problemas complexíssimos dos próprios romances. A fé sob variadas manifestações.

Como esteta, entretanto Plínio Salgado não se deixou arrastar, nem por Oliveira Viana, nem por Jackson de Figueiredo: os seus romances, objetivamente falando, refletem, o que êle acima disse, mas a alma já não é a mesma e já aí ela aparece inextricavelmente atada às causalidades remotas e últimas da questão social e da questão moral.

O seu critério de beleza literária se entrelaçava subconscientemente com outras feições do ,ser', atributos que lhe andam inseparáveis e sempre aparecem novamente — positiva ou negativamente — lá onde aparece a Beleza: a Verdade e a Bondade.

„Ninguém poderá dizer que me conhece, antes de ter lido estes três romances e de ter meditado sôbre suas páginas longamente“¹¹⁴) e, sobretudo serão injustos aqueles que esquecidos de probidade científica, só conhecerem a Plínio Salgado pela simpatia ou antipatia que sentem perante a sua projeção política no Brasil.

Pode-se dizer que a sua própria campanha política tem uma profunda raiz estética, donde ela nasceu organicamente, como um imperativo das circunstâncias extraordinárias da sociedade brasileira: esta raiz é o fascínio de um país joven, com todos os pressupostos materiais de uma grandeza futura, prelibada na fantasia do joven jornalista atirado da província para a capital estonteante de São Paulo. Aí lhe surgiu a dolorosa verdade da desproporção entre a luminária do asfalto cosmopolita e a imensidade silenciosa, de choro quieto e lágrimas resignadas, do hinterland brasileiro. Era falsa e mentirosa a realidade brilhante e a visão estética dos artistas: era um pasticho.

Esteticamente, o Brasil devia ser brasileiro. Ora, o Brasil é verdadeiramente a nação-criança, a nação-cabocla, a nação-moleque, onde a ingenuidade, a alma simples e um pouco selvagem, direta, imediata, intuitiva, nunca se disfarça inteiramente, nunca se racionaliza de todo. A reflexão pode esterilizar nações cansadas de cultura, mas no Brasil ela só terá virtude sugestiva, quando sôbre o tronco espinhento da realidade, a fantasia sobrepairar como a flor roxa da paineira em flôr: este símbolo muito brasileiro, pois semelha

¹¹⁴) Plínio Salgado: ,O Romance Moderno' o. c. lc. „os que lerem e compreenderem estes livros, estes romances, onde não há doutrina, nem polêmica, nem política, nem luta, mas apenas, exposição, terão lido e compreendido a minha própria fisionomia e adivinharão minhas directrizes nesta hora nacional.“

a flor mais gigantesca pela conjunção de milhares de flores. É o país da comoção sentida, da ânsia e da inquietação da mocidade: a poesia no seu habitat natural, mesmo sociologicamente falando. É ainda a terra que precisa de argonautas, É ainda uma casa nova, gigantesca acordando a curiosidade dos seus habitantes, com seus rincões ignotos, porões misteriosos, torrinhos vedadas e devesas atraentes. A mocidade do espírito, a mocidade ambiente é... também o ambiente nativo da poesia.

Por isso, no critério estético de Plínio Salgado o modernismo não era um primitivismo que, sendo tendencioso como tese estética, já não é mais arte verdadeira, mas o modernismo de Plínio Salgado era o Brasil sem fingimento e sem o verniz da mentira orgânica. A arte devia expressar êste formidável complexo que Plínio Salgado descreve numa síntese anavahante nas páginas do seu livro que é também uma síntese da sua vida, no „Despertemos a Nação“¹¹⁵).

¹¹⁵) Plínio Salgado: O capítulo: „Fisionomia“ no „Despertemos a Nação“ pgs. 99—107.

IV

Plínio Salgado como pensador.

Quando Plínio Salgado publicou o „O Sofrimento Universal“, êle escreveu no prefácio: „Considero esta coleção a minha própria biografia, a única digna do meu desesperado esforço de afirmação nacional“¹¹⁶).

Vai aí indicada, expressamente, a razão derradeira do esforço intelectual de Plínio Salgado: a afirmação nacional, o Brasil. Lidos, de vez, e sem prevenção, os seis livros propriamente doutrinários¹¹⁷), uma impressão permanece clara e insofismavel: Plínio Salgado não procura a verdade pelo prazer especulativo, mas pelo prazer do seu amor ao Brasil: a teoria ao serviço da prática. As últimas causas do ser o interessam para melhor acarinhar o bem moral supremo de suas aspirações: a grandeza da Pátria.

A lógica, a crítica, a ontologia, a teodicéia, a psicologia, a cosmologia só lhe merecem verdadeira consideração, emquanto necessárias para integrar a idéia ou aspiração central, que é de ordem sociológica, ou melhor, — para evitar um termo demasiadamente vago — de ordem ética social.

Mas ainda assim, esta ética especial, não é puramente teórica: é sempre subordinada ao fim prático imediato, e subordinante, ao mesmo tempo, dos esforços da razão teórica, que só atinge universalidade, emquanto melhor estriba a reconstrução da sociedade nacional.

Se se quizerem resumir as fontes remotas do pensamento de Plínio Salgado, a cada passo se topará com o positivismo, especialmente o inglês, com o idealismo filosófico alemão, com o seu reverso no determinismo marxista e através de T. Carlyle com o romantismo que, por sua vez, leva aos princípios fundamentais da própria Escolástica. É um „fiat“ singular, mas real, em suas obras.

Quem se sentir, mais ou menos, em casa, em alguma teoria filosófica, poderá seguramente marcar — sem fingimento — o

¹¹⁶) Plínio Salgado: „O Sofrimento Universal“ 2a ed. Rio, 1934.

¹¹⁷) Estes livros são: „A Psicologia da Revolução“, Rio 1933; „O Sofrimento Universal“, o. c.; „O que é o Integralismo“, Rio 1933; „A Quarta Humanidade“, Rio 1934; „A Doutrina do Sigma“ S. Paulo 1935; e „Despertemos a Nação“, Rio 1935.

homem de boa vontade, e só elogiar os pensamentos de Plínio Salgado, que estejam de acôrdo com os próprios. Mas a injustiça, neste caso, seria imperdoável, ainda que o fim colimado se justificasse plenamente.

Plínio Salgado, porém, não apresenta um sistema homogêneo nos seus princípios filosóficos. E isso não pode admirar por razões muito óbvias. Já dissemos que o fim dêle não era filosofar. Depois, no Brasil, até pouco, o estudo da filosofia, fora dos seminários teológicos, estava entregue ao amadorismo dos raríssimos interessados. „Pela falta de base filosófica e de humanidades se abandonam, sem defesa, os cérebros moços à corrupção de toda uma literatura de cordel, em que se mesclam os realismos mais torpes, as dissoluções estéticas mais deletérias e os socialismos mais charlatães¹¹⁸⁾.

„Em nenhum país do mundo é mais facil a introdução de qualquer doutrina, de qualquer ordem de idéias. A novidade empolga nos primeiros instantes e parece que a vitória foi a mais completa possível. Basta, entretanto, esperar um pouco, para que a desilusão seja total¹¹⁹⁾. E no mesmo lugar: „Tudo no Brasil, sofre a pressão de um ritmo intelectual sem constância, cedendo à mutação permanente do processo mental¹²⁰⁾.

Acrescente-se a esta desordem brasileira, a desordem do próprio pensamento moderno internacional, acrescida com a raiz estética do próprio Plínio Salgado que, também êle, filho do Brasil, participava do espírito multifário e irrequieto do brasileiro¹²¹⁾.

Plínio Salgado não podia fugir desta pressão e no naufrágio geral êle sobrenadou com uma só e única idéia: a idéia da Pátria. Ainda que o seu espírito se debatesse no desencontro de todas as filosofias, o seu coração se agarrou convulsivo a esta última tábua de salvação, que o salvou do caos ameaçador. Ê um apriorismo prático e sentimental, mais do coração do que da razão... mas também da razão, — pelo menos, posteriormente. A crise que se manifestou primeiro no terreno estético, na literatura, e ameaçava transformar-se no contrário do fim colimado, na iconoclastia de todos os valores tradicionais, bem depressa acordou nele a consciência das causas mais remotas da crise individual e nacional.

¹¹⁸⁾ Plínio Salgado: „A Doutrina do Sigma“ o. c. pg. 40.

¹¹⁹⁾ Plínio Salgado: „Despertemos a Nação“ o. c. pg. 102.

¹²⁰⁾ Plínio Salgado: ib. pg. 103.

¹²¹⁾ „O caracter do povo brasileiro se exprime: Pela incapacidade de conceber idéias gerais, contentando-se com pontos de vista unilaterais dos problemas; ...“ Plínio Salgado: „A Psicologia da Revolução“. o. c. pg. 153, onde êle enumera as qualidades negativas dos brasileiros.

Por isso, o seu primeiro filosofar se refere também à psicologia da revolução dos indivíduos e das nações, chegando à conclusão de que uma condiciona a outra numa perpétua interdependência.

Este será também o primeiro livro, cujo esboço aqui procuramos fazer agora. Chama-se o livro: „A Psicologia da Revolução“ e foi o primeiro da série com que êle começou a firmar-se também como pensador.

Segundo a opinião do autor, o método de crítica da psicologia revolucionária, deve basear-se na consideração de dois mundos coexistentes, independentes, mas interdependentes: o *mundo-idéia* e o *mundo-fato*, ou então, a *Idéia Força* e a *Idéia Matéria*¹²²⁾.

O primeiro mundo é dos idealistas, dos indeterministas, dos super-homens, daqueles que sabem intervir decisivamente na determinação de novos rumos — falsos ou verdadeiros — da humanidade. „O ‚Herói‘ de Carlyle, como o Super-homem de Nietzsche, não é mais do que o intérprete oportuno na hora da ruptura de um equilíbrio social preestabelecido“¹²³⁾.

É o evolucionismo de Spencer, pelos movimentos contrários de evolução, e dissolução, de adaptação e integração. A demanda do equilíbrio que é, outra vez, ponto de partida de nova dissolução. Um processo cósmico, universal, parecendo sem princípio e sem fim: a revelação da *fôrça absoluta*. E é ainda „o critério hegeliano segundo a dinâmica dos contrários do movimento social“¹²⁴⁾.

O *mundo-idéia*, abrange assim especialmente o individualismo histórico de Tomás Carlyle, sem excluir, entretanto, a teoria do meio em que o Espírito interfere „sobre o desenvolvimento das fôrças da matéria“¹²⁵⁾, pois só assim é possível „o poema solitário dos heróis“¹²⁶⁾. Estará certa ou incerta esta teoria segundo a agudeza fenomenológica do observador, — isso observamos nós — porque podemos dizer o mesmo do evolucionismo inglês que ficar na fenomenologia, não como última etapa da inteligência humana e derradeira explicação dos seres, mas como mera constatação dos fatos históricos. Assim, certamente, se contornam os escolhos do positivismo agnóstico.

¹²²⁾ Plínio Salgado: „A Psicologia da Revolução“ o. c. I. Parte I, pgs. 9—17, pg. 32, etc. As mesmas idéias se encontram também em Graça Aranha, no romance: „A Viagem Maravilhosa“ Rio, 1929. Cfr. pg. 54 etc. O panpsiquismo de origem estética de Graça Aranha, produz em P. Salgado a visão do Brasil integral, pelo menos no sentido estético.

¹²³⁾ Plínio Salgado: ibidem, pg. 11.

¹²⁴⁾ Plínio Salgado, ibidem pg. 10.

¹²⁵⁾ Plínio Salgado, ibidem, pg. 19.

¹²⁶⁾ Plínio Salgado: ibidem, pg. 11.

O *mundo-fato*, é dos deterministas, dos materialistas históricos e do empirismo, aida êste, de Spencer, em oposição ao seu apriorismo relativo. Êste apriorismo admite a organização espiritual do Indivíduo, admite-a sem exame ulterior, quanto à sua essência, declarando-a nos seus efeitos como o fenômeno hereditário de gerações¹²⁷⁾. Não passa pois de um apriorismo empírico, que a própria experiência científica ainda hoje não apresenta como verdade¹²⁸⁾.

Estes dois mundos autônomos, mas não diferentes¹²⁹⁾ se conciliam pelo *movimento* que é a expressão fundamental do universo¹³⁰⁾, e nele, finalmente, se conciliam em diferentes traduções, o mundo-ideia e o mundo-fato: ambos com a mesma essência, isto é com o *movimento* que é a revelação do *Absoluto*.

O último fim e a causa última de todo o movimento, de toda *ação revolucionária* do espírito humano e das sociedades humanas é o Absoluto.

Assim, em traços largos, está explicada a psicologia das revoluções. A „sociedade perfeita“, como derradeiro estádio sob os imperativos de uma „ética absoluta“, como Spencer a sonhou, vem substituída em Plínio Salgado pela concepção integral da sociedade.

Neste passo a „A Psicologia da Revolução“ é saturada de nebulosidades, no que se refere a um conceito insofismável da última

¹²⁷⁾ A. Messer, „Geschichte der Philosophie im 19. Jahrhundert“, 6. und 7. Auflage, Leipzig 1923, pg. 58 cfr. especialmente, J. Schmidt-Hartefeld, no Friedrich Man's „Pädagogisches Magazin“, Heft 1330: „Das Erziehungsziel als Ausdruck sozialen Lebens“, Langensalza 1931, pg. 14, nota 32 onde cita estas palavras de Spencer: ...„Während wir einerseits die Wahrheit anzuerkennen imstande sind, welche in der Lehre von der „prestabilierten“ Harmonie liegt, so wie auch die Wahrheit, welche in der Lehre von den „Formen der Anschauung“ gegeben ist, vermögen wir doch zugleich diese Wahrheiten zu erklären als Folgerungen aus der Lehre, daß aller Verstand durch Erfahrungen erworben ist: Wir brauchen diese Lehre nur dahin zu erweitern, daß sie außer der Erfahrung jedes einzelnen Individuums auch die Erfahrung aller Vorfahren erfaßt. Indem wir diese gegebenen Tatsachen des Verstandes betrachten als apriorisch für das Individuum, aber als aposteriorisch für die ganze Reihe von Individuen, in der jenes nur das letzte Glied bildet, entziehen wir uns den Schwierigkeiten, welche beide Hypothesen in ihrer gewöhnlichen Auffassung mit sich bringen.“ É claro que Spencer, não poderia cogitar no princípio desta fila de indivíduos, dizer onde está o primeiro e como a êste se aplicaria o seu aposteriori!...

¹²⁸⁾ F. Keiter: „Rasse und Kultur“, o. c. pg. 293, onde o autor apresenta uma lista de 83 questões que ainda apresentam „schmerzliche Lücken der biologischen Kenntnis kulturellen Geschehens“.

¹²⁹⁾ Plínio Salgado: „A Psicologia da Revolução“, pg. 14.

¹³⁰⁾ Plínio Salgado: *ibidem*, pg. 166.

causa. De fato fica a impressão, a convicção de que o autor não consegue livrar-se do positivismo, emquanto, contornando o que este tem de pavor metafísico, recorre à ciência positiva da matemática; e fica, outrossim, a impressão de que a mudança de nome de 'sociedade perfeita', para 'sociedade integral' não evita os percalços do evolucionismo spenceriano ainda que Plínio Salgado não preconize um futuro Estado definitivo, pois „um Estado definitivo é um Estado morto“¹³¹).

É verdade que Plínio Salgado alija o agnosticismo pela declaração apodítica de uma Inteligência Ordenadora, mas no aferi-la com a ciência, fá-la um postulado essencial e substancialmente conexo com ela. De fato, o que é este Absoluto?

É o resultado da análise da matéria que através das moléculas chega ao infinitamente pequeno, que já não é matéria, mas energia¹³²). A matéria desaparece e fica a força, o que é novamente um regresso a Spencer¹³³). De fato, Plínio Salgado, escreve: „Tudo é força no universo e, entretanto, a força está subordinada, em última análise, ao número. Essa expressão número envolve a idéia de cálculo.

Existe, pois, na massa dos mundos, qualquer coisa que tem parentesco íntimo com a nossa faculdade de calcular.

Nem tudo, portanto, é matéria, como nem tudo é força, porque mais além está o que costumamos denominar matemática, como poderemos chamar Deus¹³⁴). A simples ponderação de que seja

¹³¹) Plínio Salgado: *ibidem* pg. 62.

¹³²) Plínio Salgado, *ibidem* pg. 169.

¹³³) R. Falckenberg: 'Neuere Philosophie', Leipzig 1904. pg. 500, resume a filosofia de Spencer: „Die allgemeinste Wahrheit ist das Fortbestehen der Kraft, aus welcher sich außer den Axiomen von der Unzerstörbarkeit des Stoffes und der Fortdauer der (aktuellen und potentiellen) Bewegung noch weitere Wahrheiten... ableiten lassen.“

¹³⁴) Plínio Salgado, *ibidem*, pg. 170. Compare-se, entretanto, esta passagem com o que Plínio Salgado escreve na „A Doutrina do Sigma“, o. c. pg. 21: „Vivemos hoje uma época de síntese. Quando as ciências se encontram todas no recesso dos átomos, quase se confundindo a química com a astronomia, a velha verdade de Aristóteles, surge do fundo da misteriosa harmonia da gravitação dos iônios, mostrando-nos em todas as expressões do Universo a diferenciação na unidade.“ Mais adiante veremos explicada a aparente contradição destes pensamentos de Plínio Salgado e „a velha verdade“ de Aristóteles. No mesmo livro ele ainda escreve de Spencer: „Spencer é o filósofo da Burguesia e do Capitalismo inglês, como Adam Smith é o economista do liberalismo nacionalista e imperialista da Gran Bretanha. A palavra mágica, tanto para um como outro, é a mesma de Darwin: a luta.“ pg. 109. Ainda aqui se descobre outra vez a influência de Graça Aranha sobre Plínio Salgado. Cfr. „A Viagem Maravilhosa“ o. c. pg. 53.

preferível — admitida a analogia da *fôrça* mecânica, com o nosso modo de pensar ou calcular — procurar em nós mesmos, a origem do nosso pensamento ou cálculo, em vez de perquiri-la nos ions e electrons, não enfraquece a conclusão teista de Plínio Salgado, mas complica-a inutilmente, além de o expor à balda do agnosticismo, que êle tantas vezes rejeita. Não se pode, pois, negar que ao crente, ou mesmo, ao filósofo católico, êste método abespinhe um pouco a sensibilidade, mas a pecha que o Apóstolo atirou contra os Romanos aquí não tem cabimento e êle procurou sinceramente o invisível pelo visível. „Invisibilia enim ipsius, a creatura mundi, per ea quae facta sunt, intellecta, conspiciuntur: sempiterna quoque ejus virtus, et divinitas“¹³⁵).

Se a exposição da teoria revolucionária leva a recifes traiçoeiros, na aplicação da mesma, o seu pensamento se reveste do bom senso da sabedoria popular. Acaba sendo o eterno antagonismo do ideal e da realidade. A segunda parte do livro é uma síntese luminosa da história do Brasil, num feliz paralelismo entre o espírito do Novo Mundo e da Europa, culminando naquela página inédita sobre o character brasileiro e suas qualidades positivas e negativas: é de fato uma „Carteira de identidade do povo brasileiro“¹³⁶).

O segundo livro de Plínio Salgado, pensador, é o seu „O Sofrimento Universal“. Se se quizer sintetizar de um modo largo e geral, pode-se dizer que êste volume narra a realidade, o mundo-fato da atualidade mundial e o seu reflexo angustioso no Brasil.

Porque sofre tanto a humanidade? Esta é a grande pergunta, e as cem primeiras páginas nos apresentam êste panorama de dor e aflição, sob mil variados aspetos. „Rufam no espaço os motores; gritam as locomotivas; berram os automóveis; uivam os apitos das fábricas; estrondam as usinas; mugem os navios; sibilam polés; estridulam guindastes; cantam os rádios... É a sinfonia planetária“¹³⁷). Tudo para satisfazer e glorificar o homem... que, entretanto, continua a gemer e, nas grandes babilônias, cresce o estranho rumor dos condenados e oprimidos.

O século XX é o século da máquina, o animal do oitavo dia, que veio desvalorizar o Homem.

„O Homem nada mais vale.

¹³⁵) Epist. ad Rom. I, 20.

¹³⁶) Plínio Salgado: ib. pgs. 145—165. Esta „Carteira de identidade“ torna-se luminosa, se se completar com o „Blick von oben“, de Hoffmann-Harnisch, no seu livro: „Brasilien“ o. c. cfr. nota 4.

¹³⁷) Plínio Salgado: „O Sofrimento Universal“, o. c. pg. 11.

Para o industrial êle é, apenas a ,máquina de consumir'; para o político, a peça na ,máquina do Estado'; para o arquiteto, o ,objeto acondicionavel'; para o psicólogo e o pedagogo, um ,barro plástico'; para o biólogo, uma ,espécie animal'; para o fisiologista e o médico, um ,campo de experiências'; para o filósofo, o ,fenômeno da consciência"¹³⁸).

„O mundo moderno perdeu o senso puro da alegria. . . . Estamos vivendo o grande período humano da confusão. E, nesse estado de espírito, o homem é triste. Profundamente triste. Todas as suas barulhentas expressões exteriores não passam de dissimulações. O mundo pagão, o mundo ocidental, o mundo livre . . . caminha, so-torno e trágico, como uma marcha fúnebre . . ."¹³⁹).

Como remediar tudo isso? E dar um sentido à dor? „Realizar, na finalidade superior do Estado, a verdadeira finalidade do homem integral, pequeno mundo em si mesmo e parte do mundo na Nação; ser essencial, como personalidade, e ser contingente, como fator de produção, de riqueza coletiva e de grandeza nacional"¹⁴⁰). O problema da dor, parece, aquí encontrar uma solução exclusivamente política, em oposição, ou, como complemento, — para o caso isso pode ser indiferente — da solução cristã do problema da dor. Esta solução, traz a santificação, a elevação da dor pelo sofrimento do seu próprio fundador. Por isso não precisa ser considerado como uma pena de faltas pessoais¹⁴¹). É meritória para os sofredores, útil aos outros e um complemento da paixão do Mestre¹⁴²), ao mesmo tempo que nobilita e aumenta a energia moral do homem, aproximando-o mais de Deus. Não são, portanto, apenas, ensinamentos como já o proclamou a sabedoria pagã, mas verdadeiras graças do Alto¹⁴³). A idéia da com-paixão que leva à união perfeita na amizade sobrenatural, dentro da filosofia dualista do Cristianismo; à idéia da autarquia estoica, em que a virtude faz ignorar a própria dor, como achêga despicienda na concepção monista do Universo; à idéia da ataraxia epicurista, para a qual a própria morte deixava imperturbavel o sábio, porque „emquanto vivemos, a morte não existe, e quando vem a morte, já nós não existimos"; Plínio Salgado

¹³⁸) Plínio Salgado, *ibidem* pg. 52.

¹³⁹) Plínio Salgado, *ibidem* pgs. 57—63, o. Cap. „A marcha fúnebre".

¹⁴⁰) Plínio Salgado, *ibidem* pg. 103.

¹⁴¹) Lu. 13, 1 sqs.

¹⁴²) „Qui nunc gaudeo in passionibus pro vobis, et adimpleo ea, quae desunt passionum Christi . . ." S. Paulo, Ad. Col. 1,24. Cfr. Keppler, *Das Problem des Leidens*, 8. e 9. Auflage, 1919 Freiburg i. B.

¹⁴³) Cfr. O. Schilling: „Lehrbuch der Moraltheologie", II. Band, München 1928 pg. 7.

opõe ou propõe a idéia do homem integral, aquele que se subordina à finalidade do Estado, para que realize a sua finalidade superior. Sob êste ponto de vista, o sofrimento não é propriamente explicado, mas indica-se o caminho para exilá-lo do mundo, ou diminuí-lo entre os homens. „O ser essencial, como personalidade“ deixa o caminho aberto para a subordinação do sofrimento dentro da metafísica ou da ética de qualquer concepção do Universo e da Vida.

Plínio Salgado não tinha, em vista, diminuir os derivativos que para a dor propõe a Religião e a Filosofia, mas acrescentar um novo adminículo àquelas ou uma razão nova para superar o sofrimento, para aqueles que não tinham mais Religião ou Filosofia. „Os dogmas religiosos pertencem à humanidade. Assim, em política estamos presos ao que temos de essencial, de humano, porém estamos presos, por outro lado ao que temos de contingente, de nacional“¹⁴⁴). Ressalva-se a solução que tenha caracter de universalidade, ainda que na sua aplicação, não se poderá nunca prescindir da contingência histórica, geográfica e cultural das nações e lugares particulares. O que êle entende, entretanto, por homem integral, não vem explicado globalmente neste livro, ainda que os característicos essenciais venham esboçados. Por isso, o deixamos para o livro seguinte que é „A quarta humanidade“. Ainda, então, ficarão dúvidas.

Antes, porém, de considerarmos êste livro, é justo que se constate um singular paralelismo na mentalidade de Plínio Salgado, paralelismo que até agora só encontrou um crítico seguro, pois à maioria escapa êste fenômeno que, entretanto, é, salvo melhor aviso, o grande segredo de Plínio Salgado. Êste crítico é Tasso da Silveira.

Escreve Tasso da Silveira: Plínio Salgado „expõe conceitos metafísicos e políticos, ou de moderníssima economia, porém em bruscos arrancos, em sínteses velozes, cuja sequência lógica como que lhe escapa muitas vezes. As suas grandes afirmações, as suas certezas definitivas de triunfos vindouros ficam quase sempre desamparados de qualquer outro fundo alicerce que não seja o seu próprio fervor entusiástico de apóstolo e poeta“¹⁴⁵). E chama a isso „o curioso e empolgante fenômeno ‚pliniesco‘, que não se manifesta só nesta desconexão de princípios invocados e ideal sonhado, mas também na confraternização dos próprios princípios, às vezes, entre si, perfeitamente antagônicos. Acontece algo, parecido com o que Plínio Salgado escreve dos icebergues:

„Nos grandes degelos, que fazem rolar das regiões árticas as imensas ilhas de neve, à proporção que o bloco diminue de volume,

¹⁴⁴) Plínio Salgado: „O Sofrimento Universal“, pg. 161.

¹⁴⁵) Tasso da Silveira, „A voz do Limbo“, o. c. pg. 63.

rodando para as zonas cálidas dos trópicos, até as feras se aconchegam; o urso polar, a raposa, a rena e a foca se irmanam, e se há esquimaus perdidos na catástrofe, êsse ser humano confraterniza com as feras¹⁴⁶⁾.

Transferir esta ,menagerie' da fauna nórdica, dos desertos atlânticos para o vespeiro das controvérsias metafísicas e éticas, só é mesmo possível ao fervor místico dum apóstolo e dum poeta. Um europeu não o entende e êste não entendê-lo, ou entendê-lo como fenômeno exótico, mostra que estamos deante de um fenômeno legítima — e se quiserem — orgulhosamente brasileiro.

Os brasileiros começaram ,a pensar bruscamente. E tendo começado a pensar agora, tomamo-nos de um inesperado senso de autonomia espiritual que nos libertou das fórmulas feitas e dos mestres do presente no velho mundo. Assim como de uma audácia adolescente que nos impeliu a querer dominar por nós mesmos toda a ampla esfera da especulação superior.

Acontece, porém o seguinte: de um lado, esta rápida ascensão à inteligência não deu tempo, para nosso bem, a que nos desprendessemos do tumulto das energias elementares... De outro lado, desprovidos de ,habitus' milenários, desarmados das experiências e das técnicas indispensáveis, vemo-nos, nesse campo imenso, na contingência de um esforço doloroso de completação, de dominação, de integração.

Daí resulta a ,gaucherie', o desequilíbrio com que nos apresentamos nessa esfera, deixando visíveis as preparações desajeitadas, as passadas incertas com que vamos transpondo, às pressas, distâncias inverosímeis¹⁴⁷⁾.

Transferidas estas ponderações para o livro de ,O Sofrimento Universal', deixado à margem o capítulo: ,O outro lado de Deus', em que Plínio Salgado, recordando Haya de la Torre¹⁴⁸⁾, invectiva contra Hegel e parece, ao mesmo tempo, um autêntico hegeliano, como muito bem observa Tasso da Silveira — o mesmo singular paralelismo de argumentação, para explicar a dor, aparece aí sob

¹⁴⁶⁾ Plínio Salgado, ,O Sofrimento Universal', pg. 200.

¹⁴⁷⁾ Tasso da Silveira: „A Voz do Limbo“ o. c. pg. 53—54.

¹⁴⁸⁾ Haya de la Torre: „Sinopsis filosófica del Aprismo“ publicada em „Hoy“; Santiago de Chile no. 237. É claro que com isso não queremos insinuar que Plínio Salgado tomasse as idéias emprestadas do fundador do Aprismo-marxista: mas apontar a influência que o filósofo alemão — provavelmente através dos seus comentadores franceses — exerceu sobre os dois. O cap. ,O outro lado de Deus', foi publicada já em 1932 e a „Sinopsis“ de H. de la Torre é de 1936.

um outro aspeto, porque aí o autor não quebranta a solução cristã do sofrimento, senão que a emparelha à própria, sem conexão lógica, sem continuidade de pensamentos, numa quase ingenuidade, como o fariam os místicos numa esfera onde o „diligentibus Deum omnia cooperantur in bonum“¹⁴⁹). E come êle é um místico da Pátria, o mais belo que o Brasil até hoje teve, depois de D. Pedro II, para êle o „diligentibus Patriam omnia — o próprio amor de Deus — cooperantur in Patriam.“

E êle então especifica: „A voz de Nietzsche clamava que o Cristianismo era triste; que imprimia um sentido deprimente à vida do Homem, quando êste devera ser alegre e forte.

O Cristianismo, porém, produziu Miguel Angelo; O Anti-Cristianismo nos apresenta as telas dadaístas das galerias soturnas da rua de Saint-Honoré...“¹⁵⁰).

E depois vem esta página sôbre a verdadeira felicidade, que parece quase uma tela da Família de Nazaré:

„Há, num lar humilde, um trabalhador que está contente com a sua pobreza, porque se sente cercado do amor e do carinho de sua esposa e de seus filhos. O pouco que faz dá para as pequenas alegrias modestas do lar. Ao erguer-se do leito tem nos lábios a sùmula da sabedoria, que é uma pequena oração, em que pede o pão de cada dia, perdoa as ofensas que sofreu na véspera, submete-se a uma Vontade Superior. À noite, ao regressar do trabalho, não vai aos clubes. Nos teatros só algumas vezes aparece e, com isso tem mais prazer. Espera-o um ambiente modesto, onde existe uma ventura maior, que é a sinceridade do carinho, cousa tão simples e tão grande que os ricos nem sempre possuem. A comunhão do sentimento, que provém da própria disciplina das aspirações, que se origina diretamente da concepção da vida, da idéia de uma finalidade superior, creia o ambiente amavel e espiritual. E a felicidade é apenas isso. Um senso de limites. De realidades. E isso não é resignação humilhante, mas sabedoria suprema. Bem maior do que as conclusões sociais que vieram dos laboratórios. E isso não é também fraqueza; é a mais inexpugnável das fortalezas, porque, só a capacidade das renúncias inspira a verdadeira independência. É a fôrça pura do caracter, impondo um condicionado ao complexo interior, tumultuoso, mordido de desejos tresloucados. A vontade dêsse homem não é um catavento como a dos super-homens desesperados da grande civilização. Êsse é o verdadeiro Super-Homem,

¹⁴⁹) S. Paulo, ad Rom. 8, 28.

¹⁵⁰) P. Salgado: „O Sofrimento Universal“, o. c. pg. 48.

vencedor, de todas as batalhas. Sua casa é a casa da bondade e da paz, da alegria pura e da felicidade perfeita...¹⁵¹⁾.

Esta página vai apenas como amostra, mas ela poderia ser multiplicada em uma perfeita e verdadeira antologia, com a sugestão que pode causar emulação aos melhores moralistas¹⁵²⁾. Independente das razões indicadas por Tasso da Silveira; independente do anelo central de toda a obra de Plínio Salgado, isto é, a grandeza moral, espiritual, cultural do Brasil e seus derivados na ordem política e econômica; independente da raiz estética de todo o filosofar e moralizar de Plínio Salgado,—não há dúvida que o senso profundo de sabedoria lhe nasce imediata e espontaneamente do seu desejo natural, profundo e sincero da verdade. Tem algo e muito daqueles remotos perquiridores da verdade que, na antiguidade, culminaram, depois, em Sócrates e Platão.

Como aqueles, Plínio Salgado, depois de sacudir todos os dogmas pela miragem do materialismo, se encontrou, de chofre, diante de todos aqueles problemas e dúvidas que o catecismo, outrora, abor-dara com a naturalidade e certeza que não admitia discussão. Agora, o espírito devia renascer mais uma vez — por si mesmo. Renascer com as dores de todos os nascimentos — sem a graça da fé sobrenatural, mas com a graça inata da razão humana e o privilégio da boa vontade. Ainda que êle diga: „não nos colocamos num ponto de vista meramente eclético“¹⁵³⁾ êle, de fato, fez o papel de colecionador, mas de um colecionador das pérolas mais preciosas da sabedoria humana, e, também, da Sabedoria. E, por isso, dêle podemos dizer o que Agostinho dizia dos Platônicos: „Este é o motivo, porque, colocamos estes filósofos acima dos outros: enquanto outros filósofos empregaram todo o seu talento e toda a aplicação para perquirir as razões das coisas, o reto modo e método do conhecimento humano e da atitude moral, estes, pelo conhecimento de Deus, descobriram onde se encontrava a causa do todo o creado, a luz para o conhecimento da Verdade e a fonte onde se hauria a felicidade. Que os Platônicos ou quaisquer outros filósofos, de outra nação, tenham esta opinião de Deus, é secundário: o principal é que tenham a nossa opinião“¹⁵⁴⁾.

¹⁵¹⁾ P. Salgado, *ibidem* pgs. 73—74.

¹⁵²⁾ Neste gênero superabunda, especialmente, o livro de Plínio Salgado: „Palavra Nova dos Tempos Novos“, Rio de Janeiro 1936. Não há entretanto, obra nenhuma dos quinze volumes de Plínio Salgado, onde estas meditações não espiritualizem o ambiente dos seus dramas.

¹⁵³⁾ Plínio Salgado: „A Psicologia da Revolução“ o. c. pg. 165.

¹⁵⁴⁾ Aug. „De Civitate Dei“ VIII, 10.

O grande bispo de Hipona discute, no capítulo seguinte, a possibilidade de Platão ter encontrado esta Sabedoria nos profetas judeus: a fonte de Plínio Salgado não deixa margem para estas dúvidas. Êle a tem do Evangelho, através da Babel do pensamento moderno que sempre se emaranhou mais, à proporção, que se afastava do gigantesco pensamento orgânico, da unidade orgânica da Idade Média¹⁵⁵).

Plínio Salgado tem um pensamento central e êste êle acaricia com tanta paixão, com tanto ardor, com tanto amor... que, em todos, êle o *supõe* vivo e palpitante como na sua intuição. De fato, em todos os pensadores modernos, o pensamento central da alta Escolástica, exerceu o seu fascínio sobre a evolução positiva ou negativa da filosofia moderna¹⁵⁶), e, Plínio Salgado, como nossos imortais garimpeiros, em todos êles foi descobrir, com aquele tino de poeta, as ocultas afinidades, os veios subterrâneos que uniam uns aos outros. Êle tem a percepção instintiva das analogias latentes, das passagens secretas entre os espíritos mais antagônicos: é uma escala misteriosa de tons, que misterioso parentesco acaba unindo numa sinfonia elementar que desnorreia e delicia, ao mesmo tempo.

De repente, porém, o encanto cessa e, em meia pagina, êle faz tábula rasa, numa vassourada, com todas as mazelas que na moderna filosofia, lhe deslustram a idéia nuclear:

„Não ficamos com aqueles que, como Spencer, subordinaram tudo à sistematização do evolucionismo darwiniano, justificando as opressões da burguesia contra os trabalhadores; nem com aqueles que, como Le Play, Ratzel, Demolins, pretenderam ver na geografia social a única chave dos problemas políticos; nem com aqueles que como Gobineau ou Gumplovitz, apontavam toda a solução do problema étnico no mistério dos plasmas germinativos; nem com Karl Marx, que considerou uma face do Homem, a face econômica, e muito menos com Adam Smith, precursor de Marx, que acreditou no dogma das leis naturais em economia; nem com Sorel que reduziu tudo à luta de classe; nem tão pouco com aqueles que negaram a luta de classe“¹⁵⁷).

¹⁵⁵) F. X. Kiefl: „Kath. Weltanschauung und modernes Denken“. 2. und 3. Auflage, Regensburg 1922, pgs. 14—16.

¹⁵⁶) Esta verdade vem luminosamente tratada pelo agudo pensador Tadeu Soiron no seu próximo livro „Der Geist des Abendlandes“, especialmente no cap. 12: „Das Werden einer neuen Zeit“. Temos, em mãos, o original litografado.

¹⁵⁷) Plínio Salgado: „A Doutrina do Sigma“ o. c. pg. 20. Cfr. no mesmo livro a pg. 108. Depois, encontra-se uma rajada paralela na „A Quarta Humanidade“ no cap. „Marx, Hegel e Kant“, precedido de outra sobre Nietzsche, Leopardi e Marx. pgs. 49—54.

Plínio Salgado nunca poderá ser compreendido por aqueles que o quizerem analisar sob o critério do ser ou não ser, isto é, que o quizerem pôr diante da alternativa de „sim ou não“. Plínio Salgado se entende, porém, sob o critério de „sim e não“. Sim, para todas aquelas análises dos filósofos e moralistas que prescindem da dependência das partes do Todo, sem negá-la, entretanto, e sem separá-la. Não, para aquelas que fazem o contrário, isto é, que na análise das partes fazem dessas as últimas e supremas sínteses autônomas.

Aí está o último segredo dos seus sucessos e insucessos: mas sobretudo dos sucessos. Ficando, só, *num dos aspetos, numa das partes*, dêste gigantesco drama, temos a prova meridiana do que aqui dizemos. Referimo-nos aos seus entendimentos e desentendimentos com a Igreja no Brasil. Os pensadores „puros“ se erigam de impaciências agressivas: para êles só há ser ou não ser. Os outros que são a maioria, assumem diante de Plínio Salgado, a atitude que êle mesmo assume diante dos pensadores humanos e dizem „sim e não“. E muitos lamentam que esta alma apaixonada não se apaixone também pela fé sobrenatural. Mas isso não depende só dêle.

Aí, também, se descobre a razão porque o consideram partidário de todos os credos políticos, religiosos, econômicos e filosóficos do mundo moderno: mas também porque nas suas fileiras militem os elementos mais antagônicos: o que, provavelmente, será ocasião de muitas depurações. Podemos, assim, entender melhor o seu terceiro livro doutrinário: „A Quarta Humanidade“. No prefácio, Plínio Salgado diz: „...nada mais tenho podido fazer, senão estenografar meu pensamento, num conjunto de livros que são fragmentos, em cada qual as gerações futuras encontrarão um traço de unidade identificador. Juntando colunas, capitéis, blocos de bases, ver-se-á que existe, nos elementos esparsos, um plano arquitetônico“¹⁵⁸).

Ê este, perfeitamente, o método de trabalho de Plínio Salgado: o sistema dêle é que todos os sistemas lhe ofereçam um subsídio para o seu agoniado esforço de síntese nacional, individual e universal. Êste terceiro livro, entretanto, é aquele que mais logicamente apresenta um plano de unidade, mais ou menos, coerente consigo mesmo. Não será original, a não ser na conclusão. Esta, porém, se ressentirá, por sua vez de uma deficiência de clareza, — logicamente falando, — ainda que, sob o ponto de vista estético,

¹⁵⁸) Plínio Salgado: „A Quarta Humanidade“ o. c. pg. 4.

as paisagens mais variadas, as regiões mais distanciadas, os sonhos mais desencontrados e as contrárias mais antagônicas, acabem confraternizando no mais amável dos sincronismos, em que a imaginativa é o simposiarca incontestado.

A primeira parte do livro, que é propriamente a parte teórica, divide a humanidade e sua história em quatro períodos: o politeísmo, o monoteísmo, o ateísmo e o integralismo.

Às vezes, a gente se pergunta sobre a última razão, por que Oswald Spengler encontrou e encontra tantos prosélitos e admiradores no Brasil. Será, apenas, a sugestão das prerrogativas estéticas do livro, que nos deliciam a fantasia e também a inteligência como um filme sincronizado da humanidade? Ou será especialmente o eco poderoso de todas as tendências de uma época que procurava uma explicação plausível, lógica e consolidante da própria decadência? De repente, Spengler, se tornou moda no Brasil. A História da humanidade precisa, também, qualquer coisa parecida com a moda. Desejavam-se vêr — mais por displiscência e espírito de novidade do que por necessidade intrínseca — vestidos novos, ousados, marcantes, para estes ‘manequins’ que as molas da inteligência dos historiadores e filósofos sempre nos apresentavam nas mesmas atitudes. E Oswald Spengler foi êste alfaiate genial.

Na Alemanha a base lógica da sua morfologia já estava refutada quando o seu livro apareceu e a sua metafísica naturalista se esboroava nos escolhos do naturalismo. Proclamar a evolução espiritual como um processo cego da natureza é desconhecer a sua essência. Concedendo mesmo que o seu naturalismo não é mecânico, mas vital, em oposição a Haeckel, ficará sempre ainda àquele determinismo entorpescente que, apesar do protesto de Spengler, leva ao pessimismo¹⁵⁹).

¹⁵⁹) „Ähnlich ist es mit der Sensation, welche Spenglers ‚Untergang des Abendlandes‘ erregt hat; der Wahnsinn, daß selbst die Mathematik als relative, mit der Zone und dem Klima wechselnde Wahrheit verkündet wird, ist wohl das Äußerste in der Entwicklung der modernen Ideen. Aber wenn die Mathematik relativ ist, wie soll Spenglers Theorie dann absolut, d. h. wahr sein? Wenn O. Spengler mit dem Auge eines Gottes das großartige Schauspiel genießen will, wie über die Meeresfläche des Urseelentums immer neue Kulturen ihre majestätischen Wellenkreise ziehen; wie sie aus der Tiefe empor-tauchen, ihre prachtvollen Linien entfalten und wieder verschwinden, so erinnert das an Hermann Keyserlings philosophischen Reiseroman, der eigentlich in nuce das Schicksal des deutschen Idealismus schildert: der Mensch will mit Gottes Auge im Reiche der Wahrheit sehen. Aber er verliert damit das menschliche Auge für dieselbe.“ F. X. Kiefl, „Kath. Weltanschauung und modernes Denken.“ o. c. pg. 14.

Não são, porém, estas as razões por que Spengler gozava e ainda goza de uma ,relativa' atualidade grande no Brasil¹⁶⁰). Oswald Spengler, de uma assentada resume todas as tendências do nosso tempo. „Spengler ist alles zugleich: Der Dekadent, der mit ironisch blasiertem Lächeln dem Untergang seiner Welt zusieht, und der gewalttätige Despot, der mit souveräner Willkür diese Welt in die ihm vorschwebende Form pressen will; der erdflüchtige Mystiker, der sich an allen Künsten und Philosophien der Welt wie an einem raffiniertesten Opiat berauscht, und der nüchterne praktische Kaufmann, Politiker und Ingenieur großen Stils, der einsieht, daß nur in der seelenlosen ungeistigen Technik des äußeren Daseins noch eine Zukunftsmöglichkeit für uns besteht; der inbrünstige Religiöse, der in seiner Schicksalslehre fast eine neue Religion aufstellen möchte, und der unerbittliche kalte Verstandesmensch und Skeptiker, der die Möglichkeit jedes Wissens belächelt, jeden religiösen Glauben als bloße Ausgeburt einer Zeitstimmung in seiner Subjektivität durchschaut“¹⁶¹). Um museu de tantas aptidões, representando o museu histórico da humanidade, Spengler apresenta margem para todas as atitudes, para todos os ineditismos que são o manjar predileto para um país onde a semente do pensamento europeu encontra sempre uma terra virgem de convicções — também de preconceitos — cristalizadas. Spengler é uma Canaan que, apesar do determinismo, fatalismo, pessimismo, agita a inquieta fantasia tropical e une dentro do Brasil, as épocas da infância do espírito humano com aquelas da senilidade: as duas existem no Brasil“, „man bleibt beweglich, ohne radikal zu werden, und man

¹⁶⁰) Dizemos, que goza de uma relativa influência, emquanto a sua visão ainda consueve um problema agudo, uma verdade quase incontestada, uma etapa a vencer-se ainda. E é relativa, porque o Brasil é um „País que não lê“, como afirma Plínio Salgado. „Se não temos um ensino organizado e se os governos não estimulam as forças intelectuais, e se os triunfadores na sociedade não são os mais inteligentes e cultos, porém os mais expertos e audaciosos, não há impedir que a média da mentalidade brasileira cáia progressivamente, até ao ponto de não mais conceber idéias gerais e rastejar num empirismo degradante, agravado pela ação medíocre e cretinizadora da imprensa.“ „A Psicologia da Revolução“ o. c. pg. 157—158. Em outro lugar diz Plínio Salgado: „O nosso grande mal é o semi-analfabetismo, essas massas de homens incapazes de raciocinar, avessos à leitura, repisadores de duas ou tres idéias que se lhes meteram na cabeça, opinadores superficiais em todas as oportunidades. Com as poucas luzes que teem, em vez de ganhar a capacidade de intuição, estas luzes em vez de o iluminarem o perturbam“... „Despertemos a Nação“ o. c. pg. 175.

¹⁶¹) L. van Bertalanffy, citado por A. Messer: „Die Philosophie der Gegenwart“ 7. Auflage Leipzig 1931.

ist zugleich konservativ, ohne zu erstarren¹⁶²). É um universalismo na capacidade de assimilar um pouco de tudo sem compromisso definitivo, sem profundidade, também. E, à margem, podemos observar que a aproximação dos estrangeiros, dos imigrantes, com os nativos, se opera, no Brasil através dos índices culturais dos países donde nos vêm estes estrangeiros. E são os nativos, os brasileiros, e não os estrangeiros que atualizam estes índices. Misterioso „fiat“ genesíaco que, por caminhos indiretos, renova o velho tema do amor, como vem descrito no Simposion, apesar de Oswald Spengler.

Plínio Salgado repete, em parte, Oswald Spengler quando divide a humanidade em quatro épocas¹⁶³). A primeira seria, pois, do politeísmo. É claro que Plínio Salgado aqui só se pôde querer referir à humanidade em sua expressão cultural ou civilizatória — achamos perfeitamente artificial a distinção de cultura e civilização ambas são a expressão do mesmo espírito humano: são a mesma

¹⁶²) H. Ullmann: „Land der Zukunft“, o. c. pg. 47.

¹⁶³) Cfr. Oswald Spengler: „Der Untergang des Abendlandes“, IB. 11.—14. Auflage, München 1920. Especialmente às pgs 567—587. Também pgs. 254 sggs. Seria, entretanto ingênuo, se da atitude negativa em face da filosofia de Spengler, se quizesse deduzir a falsidade da decadência ambiente do nosso século. As mesmas causas produzem os mesmos efeitos e se compararmos o coletivismo ético, como extremismo ou modernismo, com o budismo da cultura índia, com o estoicismo da cultura greco-romana, com o fatalismo da cultura árabe, então é certo que ele como estes preludiam os epínícios da cultura ocidental. Mas se estas causas são negativas, houve também as positivas que importa restabelecer: „Ein Körnchen Wahrheit liegt der Sensation Spenglers zu Grunde: wir sind im Niedergange begriffen, und ob wir uns wieder erheben werden oder ob wie dereinst über Nordafrika in einigen Jahrhunderten die Wüste über Europa ihr fahles Leichentuch breiten wird, hängt davon ab, ob die europäische Kultur christlich bleiben wird. Denn das Christentum, nicht der Idealismus, hat den alten Völkern ins Grab geleuchtet und die jungen von der Völkerwanderung zur Höhe der Kultur emporgeführt.“ F. X. Kiefl: „Kath. Weltanschauung und modernes Denken“, o. c. pg. 361. Plínio Salgado, referindo-se a Spengler escreve: „Realmente, já Oliveira Martins, antecipando os métodos de Spengler, possivelmente com mais agudeza, escrevia (O Helenismo e a Civilização Cristã): „cada civilização é um sistema ou série; e da mesma forma que sucede com os organismos naturais, cada sistema contém num grau mais ou menos rudimentar todos os momentos de todas as séries.“ „A Quarta Humanidade“, o. c. pg. 30. Aqui naturalismo e monismo parecem dar as mãos ao materialismo, no fenômeno cultural propriamente dito.

coisa, com a manutenção ou inversão da hierarquia dos valores culturais¹⁶⁴), — e não à humanidade ou ao homem como tal.

O homem e a humanidade como tal não começaram como politeístas, mas monoteístas, como o provou a etnologia moderna¹⁶⁵), confirmando luminosamente o que já estava na Revelação¹⁶⁶). Mas o que aqui nos interessa é a quarta humanidade, aquela que se opõe à politeísta-panteísta com seu caracter de adição; que se opõe à monoteísta com caracter de fusão e à ateísta com caracter de dissolução, de desagregação¹⁶⁷).

Ao explicar esta quarta humanidade, Plínio Salgado não parte — como pareceria lógico — da idéia de Deus, mas da idéia do homem. Do homem brasileiro ou latino-americano, que acaba sendo, mais ou menos, o homem cósmico, a matéria prima de uma nova expressão humana, caracterizada pelo mais puro espiritualismo cristão em conúbio com o substrato etnológico-antropológico do índio que entrou „para o cristianismo em toda a inocência cândida duma infância selvagem“¹⁶⁸). „O materialismo grosseiro ficou, apenas, no litoral, em alguns aspetos das grandes metrópoles. Uma unidade sentimental assombrosa fixa-se em todas as latitudes. Ela é a base sobre a qual assenta a nossa superioridade de vistas, a largueza de nossos gestos fraternos e hospitaleiros, nosso desprendimento altruísta. Nenhum povo é mais amável, mais coração — aberto. Eivados de defeitos de educação êsse caracter persiste em nossa gente, num vasto sentido de universalidade“¹⁶⁹). O homem cósmico, o

¹⁶⁴) Não há dúvida que se podem e se devem distinguir os verdadeiros e os falsos valores em uma dada evolução da humanidade: mas a civilização não é um falso valor ou um valor invertido. O que se requer, apenas, é justiça na escala de todos os valores. Confusão e mistificação dos limites e degraus dêstes valores é degenerescência e barbárie. Se a isso se quizer dar o nome de civilização, vá em contrafeição do sentido primigênio de civilização, e para melhor fixar o positivo e negativo de uma cultura. Assim o faz, por ex. K. Schorn, numa síntese radiante: „Zivilisation und Kultur“ em o „Neues Münchner Tageblatt“ 1. 3. 1935.

¹⁶⁵) W. Schmidt: „Der Ursprung der Gottesidee“ 6 vol. Do mesmo: „Rasse und Volk“ o. c. pgs, 70, 166, 168. Cfr. tb. Hergenröther, Kirchenlexikon, Freiburg i. B. 1888, col. 1615—1618.

¹⁶⁶) S. Paulo, Ad. Rom. „Quia cum cognovissent Deum, non sicut Deum glorificaverunt, aut gratias egerunt: sed evanuerunt in cogitationibus suis, et obscuratum est insipiens cor eorum: dicentes enim se esse sapientes, stulti facti sunt. I, 21—11. Cfr. S. Agost. „De Civit. Dei“ VII, 32.

¹⁶⁷) Plínio Salgado: „A Quarta Humanidade“ o. c. pg. 38.

¹⁶⁸) Plínio Salgado: ibidem pg. 70.

¹⁶⁹) Id. ib. pg. 72.

espiritualismo cristão: dois característicos da Humanidade Integral. O que vem a ser êste homem cósmico? Mais adiante, Plínio Salgado, chama a êste mesmo homem „telúrico“¹⁷⁰⁾.

Cientificamente não se pode fazer muito com os vocábulos „cósmico“ e „telúrico“, e enquanto se exprime alguma coisa com êles, são até contrários entre si. Há raios cósmicos e há pós cósmicos em oposição aos raios e aos pós terrestres ou telúricos. O cósmico exprime algo que nos vem de fora desta terra considerada um planeta para si¹⁷¹⁾.

Plínio Salgado não cogitou nestas distinções ao proclamar o homem cósmico, o protótipo da quarta Humanidade. Êle diz: „Em seu livro ‚Raça Cósmica‘, o sociólogo mexicano José de Vasconcelos estabelece, para a ‚quarta Humanidade‘, para a civilização do futuro, o trecho da América compreendido entre as bacias do Amazonas e do Prata. Ê, mais ou menos, a opinião de Keyserling“¹⁷²⁾.

Já temos, assim, um elemento geográfico para precisar o homem cósmico. „Do ponto de vista do meio físico, é a América Latina o teatro onde se verificará, da maneira mais promissora, o nascimento de um tipo novo de humanidade“¹⁷³⁾. Além do elemento geográfico para o homem integral, já existe na América Latina o elemento antropológico indispensavel para o surto das altas culturas ou civilizações. A imensidade dos territórios, o desdobramento dos horizontes, o nomadismo largo e vagante, os campos infinitos, as florestas misteriosas, „creiam no fundo de nosso espírito um desejo forte de cooperação humana e as correntes imigratórias de todas as raças que para aquí se dirigem encontram o meio moral propício aos caldeamentos fecundos“¹⁷⁴⁾.

¹⁷⁰⁾ „Aquí, no Brasil, o homem arguto, cheio de instintos percucientes que herdou de seus próximos avós selvagens, o ‚homem telúrico‘ de Keyserling, plasmado dentro dos puros sentimentos espiritualistas e cristãos, desfralda a bandeira do Sigma.“ Plínio Salgado, *ib.* pg. 83.

¹⁷¹⁾ B. de Rudder: „Über sogenannte ‚kosmische‘ Rhythmen beim Menschen“, Leipzig 1937, pg. 20 sqq.

¹⁷²⁾ Plínio Salgado: *ib.* pg. 73, Vê-se aquí a influência do grande pensador mexicano, sobre Plínio Salgado.

¹⁷³⁾ *id.* *ib.* Aquí êle cita também Alberto Torres, no seu livro „Organização nacional“: „A zona intertropical é o berço do animal humano: foi em climas médios, ou cálidos, que se fixou o tipo mais perfeito do reino animal; ... para aí convergem, naturalmente, as aspirações e desejos dos homens de todas as regiões... Ê natural que o homem tente voltar para seu berço, sempre que aí encontre terras férteis e climas propícios à vida“.

¹⁷⁴⁾ *id.* *ib.* pg. 72.

O elemento antropológico transforma-se pois, 'eo ipso' em elemento moral do homem cósmico. A natureza rasgada de claros dias e noites majestosas reflete-se paulatinamente na consciência e no espírito dos homens. O mesmo fenômeno que a antropologia moderna verifica nas primeiras altas culturas do passado¹⁷⁵).

Condições geográficas condicionando fenômenos espirituais e morais¹⁷⁶) em raças que consevaram a alma virgem e infantil, eis em resumo, os requisitos do homem integral, da quarta humanidade.

Considerando, em seguida, as razões *imediatas econômicas*, pelas quais a América Latina, não acompanhou paripasso o surto anglo-saxônico, Plínio Salgado, preconizando o regresso à grandeza da agricultura, reduz em quatro os característicos fundamentais do novo tipo de humanidade: tipo que já existe no Brasil como produto dos caldeamentos étnicos:

„a) — A agudeza dos instintos, pela proximidade étnica com o selvagem, íntimamente ligado a subtís intercorrespondências com o meio cósmico...

b) — A extrema bondade, que tem a candura infantil dos povos-crianças, e que nos dá uma capacidade moral inigualável para considerar os problemas sociais e internacionais de um ponto de vista superior, isento dos pavores que solapam os povos antigos.

c) — A profunda espiritualidade, que confere ao nosso sentimento cristão uma pureza inatingível por outros povos.

d) — A tenacidade na luta, já provada em quatro séculos de desbravamento das florestas, da escravidão econômica, da pobreza de combustíveis, numa obra sem igual no mundo¹⁷⁷).

Há, pois, nesta visão da quarta humanidade, algo de positivamente real, projetando-se romanticamente para o futuro e edificando sôbre êle, com o entusiasmo dos iniciadores, dos noviços, uma real, verdadeira e próxima possibilidade de grandeza brasileira e latino-americana. Se dentro do Integralismo, entretanto, a especificação do homem integral desvirtuar a harmonia do seu princípio básico e quizer restringir o homem 'cósmico', ao homem luso-ameríndio-

¹⁷⁵) Cfr. W. Schmidt: „Rasse und Volk“ o. c. „Die Hochkulturen und ihre Rassen“ e „Der Mischcharakter der Hochkulturen und ihrer Rassen“. pgs. 73—81.

¹⁷⁶) Falando dos nômades vagantes das estepes asiáticas, que se tornaram o fator decisivo na criação das primeiras altas culturas, W. Schmidt, descrevendo o seu modo de viver durante toda a era paleolítica diz: „Von der reinen Religion der Urstufe, der Verehrung des einen Schöpfergottes, bleibt in diesem Kulturkreise am meisten bewahrt: in den weiten Steppen, mit dem ungeheuren Himmelsgewölbe darüber, wird sie noch mehr zur Verehrung des großen Himmelsgottes.“ o. c. pg. 70.

¹⁷⁷) Plínio Salgado, ib. pg. 77.

brasileiro, então, é certo que se enfraquece, melhor se aniquila, a pujança essencial intrínseca de toda a ação integralista brasileira. Sobretudo, destrói-se a idéia central do próprio Plínio Salgado¹⁷⁸). Mas esta acusação não se prova pela literatura integralista.

A concepção do homem integral, da quarta humanidade, abrange assim, de uma lado, o fenômeno biológico-geográfico, e, do outro lado, e fenômeno espiritual. Neste último se chega propriamente

¹⁷⁸) Não é de Plínio Salgado, nem de Gustavo Barroso nem de Miguel Reale, nem de Madeira de Freitas, para só mencionar alguns esta „contradictio in adjecto“ no pensamento integralista mas achámo-la, sem provas, suposta ou afirmada, direta e indiretamente, em Hermann Ullmann, na obra citada, pgs. 29—30, onde escreve: „Dieser Nationalismus ist nur auf das Pathos des Bodens, des besiedelten und unbesiedelten, gegründet, auf die aus Europa übernommene Sprache, die man zur Staatssprache macht, und auf jene erträumte Einheitsrasse, die man dem vorausgenommenen Nationalstaat nachträglich zur Grundlage geben will... Er bezieht von den europäischen Nationalstaaten nur die äußeren Formen, namentlich die Forderung: Brasilien den Lusobrasilianern.“ E encontrámo-la, singularmente, também no „Rundbrief des Deutsch-brasilianischen Arbeitskreises“ Jahrgang 3 Nr. 14, no artigo de Haetinger: „Zum rassischen Denken“. Aí encontramos ainda como prova e — como contradição — a seguinte frase: „Und wenn heute der Integralismus diesen Gedanken der Rassenmischung vertritt, so kann er das nicht aus seiner Weltanschauung der Synthese, des Gleichgewichtes und des Dynamismus heraus, weil er sich durch Vernichtung der schöpferischen Werte der Volkstümer in seinem Wesen, alle Kräfte zum Wohl der Nation zu mobilisieren, widerspricht (das hat Kam. Hunsche nachgewiesen), sondern er macht sich damit zum Anwalt des Lusonativismus.“ pgs. 6—7. Só queremos observar aqui, que a síntese integralista é síntese de um ideal brasileiro — real, suposto, futuro ou possível, isso é indiferente — e não coleção de ideais de todas as procedências, menos nativas. Que a língua seja, hoje, de fato, portuguesa, não depende mais de Portugal, como não dependeria da Itália ou da França, se fôsse italiana ou francesa. Depois, invocar teorias e princípios que se consideram falsos ou obsoletos, como faz o Sr. Haetinger, para atingir o escopo de teorias ou princípios contrários, é supor que todo o mundo seja ingênuo, como aqueles que o supõem.

Haetinger chama em seu auxílio a um brasileiro, o dr. Carlos Hunsche que escreveu o livro: „Der brasilianische Integralismus“. (Stuttgart, 1938). É o melhor estudo que até hoje se escreveu, em alemão, sobre o autor do „O Estrangeiro“. Infelizmente, porém, o autor não se integrou com a alma brasileira, com o sentir brasileiro, com o pensamento central de Plínio Salgado. Plínio Salgado não preconizou, nem indiretamente, o lusonativismo. Tão pouco o italo-teuto-franco ou turconativismo. Para o dr. Hunsche, o ideal brasileiro seria, entretanto, de fato, uma coleção de ideais, de todas as procedências, com a manutenção da língua materna, como principal, nos indivíduos destas várias origens. (Cfr. pgs. 67—90.) O sentir, o pensar, o querer de uma nacionalidade entretanto só se exprime adequadamente, em uma e não em várias línguas. O Brasil tem a mesma força telúrica, o mesmo dinamismo da gleba, do torrão nativo da Alemanha, da França etc. Este dinamismo independe da origem racial e quebra o estalão racial dos componentes humanos sincronizando-lhes também a língua que os fatos históricos canonizaram. O mais é discutir inutilmente em pura perda de tempo e em prejuízo de valores mais importantes

à idéia central da filosofia integralista. Se no suposto biológico-geográfico, a base física não abrange apenas o Brasil, mas todos os Estados latino-americanos¹⁷⁹⁾ na ordem espiritual e moral, a ten-
ainda. Dentro desta lógica, o dr. Hunsche deveria preconizar o regresso à língua polaca de centenas de milhares de polacos, dos quais se conservou apenas o nome característico em milhões de alemães.

Tudo isso, naturalmente, não impede o estudo, o respeito e o amor filial da língua e tradições da Pátria donde procedem os nossos antepassados, mas estas virtudes veem subordinadas às virtudes que dos brasileiros reclama o Brasil.

O dr. Hunsche escreve ainda: „Es ist sowohl ein Erbgut der überwiegend romanisch bestimmten Bevölkerung von Brasilien, daß das politische Denken vornehmlich in etatistischen, staatsbegrenzten Formen erfolgt. Während z. B. der germanische Mensch innerhalb des politischen Lebens noch über dem Staat höhere Werte kennt, wie die des Volkes und des Blutes, stellt der Staat für den Romanen den letzten Sinn jedes sozialen Zusammenlebens dar.“ (pg. 50—51.) Poderíamos retorquir simplesmente esta asserção e dizer que é exatamente entre as outras nações não só romanas, mas também anglo-saxões, que se defendem, não só teórica, mas também praticamente, valores mais altos do que a onnipotência do Estado e da Política. Preferimos, porém, esperar que se esclareçam conceitualmente, não mitologicamente, os termos „povo“ e „sangue“, e dizer que P. Salgado não preconiza em nenhum lugar a mobilização de mil ideais embaralhados, mas unicamente a realização do ideal brasileiro. E este ideal não tem cores físicas, olhos negros ou azues, cabelos crespos ou lisos: este ideal tem alma, Aranha mostra a conjunção dos extremos no fogoso revolucionário Raimundo Monteiro:

„A revolução é a minha vida, a minha razão de ser. Que era eu antes de me atirar no movimento? Um errante sem destino. Vocês sabem que eu sou nortista. Sou brasileiro, como ninguém. Sou branco, sou louro, que importa! Para ser brasileiro não é indispensável ser mulato ou caboclo. Estes recentes filhos de portugueses e de negras não tem a antiquidade brasileira, que eu tenho. Meus caros, aqui neste sangue correm trezentos anos de Brasil. A minha família, como a tua, Filipe, formou esta nação...“ „A Viagem Maravilhosa“ Rio, 1929. pg. 105.

¹⁷⁹⁾ „Vai se aproximando a hora em que surgirá a grande civilização atlântica. Desde já precisamos preparar as novas gerações, para uma larga política continental. A América Latina está destinada a formar uma verdadeira confederação. A união mais íntima entre os americanos meridionais dará a cada povo de nossa América uma segura independência econômica. A implantação dos Estados Integralsitas em cada uma das nações do Continente, será o primeiro passo que temos de dar em conjunto... Lutando pela libertação da América, devemos realizar o sonho de Bolívar.“ ib. pg. 79. Achamos que a idéia geográfica — uma vez que estamos no reino das belas possibilidades — teria maior sugestão e melhor síntese, se abrangesse toda a América, de polo o polo, isto é, a realização do sonho panamericano sob uma concepção nova da vida e seus derivados na ordem política e econômica. Briand já sugeria a idéia de uma Paneuropa e hoje os japoneses sonham com a Panásia. Ainda em 1932 apareceu um livro singular de Hermann Sörgel, que divide o mundo em tres grandes civilizações e consequentes constelações políticas: as duas Américas; a Europa-Africa e a Asia e Oceania. „Wenn schon, dann schon“, diz o alemão, e aqui seria o caso de uma ampliação integral. (H. Sörgel: „Atlantropa“ München 1932) pgs. 95—103. A concepção técnica do mundo, não tem, porém, nada que vêr com a concepção integral dêle. É apenas uma parte.

dência, o ideal é universalista, traz um núcleo irradiador que ultrapassa todas as fronteiras e representa, simplesmente, um ideal, para todos os povos. Pode-se sorrir dêste sonho, mas os próprios sonhos também teem uma verdade, — a sua verdade, — pois acalentam na exteriorização, anseios que dormitam vaga e saudosamente nos desejos de perfeição da humanidade. A poesia emprestou sempre as melhores azas para os vôos condoreiros do espírito humano: ou antes, estes são a poesia propriamente dita. Antes que o sol nasce, êle projeta os seus clarões nos horizontes distantes. Assim Plínio Salgado, em vez de expôr logo a idéia filosófica, envia os pre-núncios da fantasia incendiada:

„Depois da Humanidade ateísta virá a Humanidade Integralista. É a ,quarta Humanidade.’

Como um sol que vai nascer, ela já projeta seus primeiros clarões.

Uma nova luz se anuncia no mundo.

É a Atlântida que ressurgirá.

Em meio ao tropel cambaleante de um mundo que morre, escutam-se já nitidamente os passos da Quarta Humanidade¹⁸⁰).

E, ainda, antes de apresentar-se, em sua realidade, o pensamento integralista se distingue dos outros com que o querem confundir:

„O integralismo, pois, no Brasil, é bem diverso do integralismo francês de Charles Maurras, porque êsse não passa de um ,nacionalismo integral’, com a preocupação de restaurar as tradições; diverso é, também, do integralismo lusitano, que transplantou o sentido tradicionalista da corrente gaulesa, com a tendência de reatar o processo social moderno ao espírito medievalista; e diferente é, por outro lado, não só do ,racismo’ alemão, cuja tese da superioridade étnica exprime um prejuízo de cultura, como, ainda, do ,fascismo’ italiano, ao qual somente nos ligamos no concernente à nova atitude do Estado, em face da luta social.

Trata-se, portanto, de um movimento original, genuinamente brasileiro, com uma própria filosofia, um nítido senso destacado na confusão do mundo contemporâneo¹⁸¹).

O Integralismo brasileiro considera-se superior a todas as teorias da Europa: „Até há bem pouco, os movimentos de idéias, que se

¹⁸⁰) Plínio Salgado, ib. pgs. 82—84.

¹⁸¹) Plínio Salgado, ib. pgs. 87—88. Cfr., entretanto, para o Integralismo lusitano: Hipólito Raposo: „Dois Nacionalismos“, Lisboa 1929. Especialmente pgs. 143—144. Vê-se aí que as relações amistosas entre o Integralismo lusitano e o Integralismo francês, são apenas fictícias, separando-os a hostilidade e o orgulho do Integralismo francês „demasiadamente preocupado de si mesmo.“

efetuavam na Europa, repercutiam no Brasil vinte ou trinta anos depois; desta vez, podemos ter a mais absoluta certeza, vai se dar o contrário: nós é que iremos influir na Europa, cujas condições daqui a dez ou vinte anos lhe permitirão compreender-nos...

Na Europa, aos prejuízos culturais de uma civilização capitalista e burguesa, contrapôs-se a superstição e o fanatismo das correntes socialistas. Nos dois campos, a visão dos problemas é unilateral, de sorte que o Velho Mundo (ao qual podemos juntar os Estados Unidos da América do Norte), tem hoje uma vista vasada, e os que não vêem as coisas unicamente pelo olho direito vêem-nas tão somente, pelo esquerdo.

Falta, pois, ao Velho Mundo, o senso das perspectivas exatas, e equilíbrio visual, o sentido das proporções, razões porque nos encontramos em circunstâncias especiais para dizer uma palavra nova aos povos¹⁸²).

Em seguida, Plínio Salgado, em dez páginas faz uma síntese do pensamento filosófico do século passado, que melhor não se poderá encontrar, como síntese, nos melhores compêndios ou histórias de filosofia da Europa. O integralismo não condena nem proscree, de um modo absoluto, as filosofias de século passado: amplia-lhes o ângulo de visão e „vem subordiná-las a um conjunto considerando-as simples anotações subsidiárias ao novo pensamento construtor¹⁸³).

„A *Verdade* está no *Absoluto* das coisas e nós a atingiremos, pela concepção integral do Universo¹⁸⁴). Esta definição, é, entretanto, a nosso ver, tautológica e susceptível de crítica, mas é claro, que se deve entender, no conjunto e neste, depois, da crítica de Hegel, de Marx, do estoicismo burguês, Plínio Salgado, aponta a Nietzsche como a voz da tempestade, a voz da verdade entre os coriscos e trovões de um outro Sinai. „Em Nietzsche encontramos a atitude anticristã de desprezo aos humildes, de glorificação dos homens superiores. Atitude condenável de orgulho, de superdivinização dos heróis, ela teve o mérito, porém, (tão certo é que Deus fala pela boca de seus próprios inimigos), de mostrar, no momento em que se delineava a marcha coletivizadora, a anulação completa do indivíduo, prestes a transformar-se em peça de máquina, esta verdade suprema: — O Homem existe!... O pensamento gigante do creador de Zaratustra tem o valor de uma revolta, sibilando, como

¹⁸²) ib. pgs. 88—89.

¹⁸³) ib. pg. 92.

¹⁸⁴) ib. pg. 91.

um chicote de fogo às faces do século científico... Comte quer o burguês prudente e cauto, o marxismo quer os anões dos Nibelungen, Nietzsche conclama os gigantes da montanha. Nós integralistas queremos, apenas, o Homem. O Homem Integral¹⁸⁵).

Às vezes, é preciso ter muita paciência filosófica, para se encontrar o pensamento propriamente filosófico de Plínio Salgado. Em Nietzsche, aliás, acontece o mesmo: é que ambos são mais poetas, mais profetas do que filósofos. Plínio Salgado diz então: „O único sentido totalitário do Universo é ainda aquele ao qual nos ligamos: o pensamento de Aristóteles, a concepção da unidade diferenciada. Pretendemos realizar a síntese do pensamento e, por consequência, a síntese política¹⁸⁶). E das esperanças de um súbito clarão metafísico, caímos assim no terra à terra da política. E aí, novamente, aparecem, como nuvens rosadas, em largos horizontes de Outubro, os conceitos de Família, Propriedade, Pátria e Religião. Mas, uma definição clara do homem integral não aparece e na terceira parte do livro a crítica continua, através da confraternização das raças até a resposta da Atlântida. Ótimas e belas derrubadas, mas o alinhamento das novas plantas, viçosas e integrais não aparece com insofismável clareza. Assim, sob o prisma estritamente lógico, não se chega, nem a um elo último explicado como ser pessoal ou impessoal, nem ao conceito meridiano do homem integral. E a „novidade brasileira, — que, num largo rebojo de bonança convidativa atraísse as caravelas desmanteladas da Europa, — exula de si mesma e cai, outra vez, nos braços da Europa, porque em vez de dar uma lição clara à Europa, em todo o livro não se sai dela. Onde o pensamento de Plínio Salgado deveria atingir uma curva de distinção e entrar afoito numa afirmação categórica, — ele renova os dois conceitos de idéia-fato e idéia-fôrça, apontados no seu primeiro livro¹⁸⁷). Equivale isso ao melhor elogio de coerência no pensamento central de Plínio Salgado, pensamento que subsiste inalterado, ainda quando na superfície o mar se encarna com bochornos tropicais ou se povoa de gaivotas inopinadas.

O mundo-ideia, existe, sim, como existe o mundo real, e, na polaridade dos dois, se explica todo o fenômeno revolucionário, mas aqui procuramos a novidade do homem „integral“, como expressão nova de uma atitude metafísica nova — não pelos efeitos, mas pelas suas causas últimas. O homem integral de Plínio Salgado

¹⁸⁵) ib. pgs. 108—109.

¹⁸⁶) ib. pg. 110.

¹⁸⁷) ib. „O grande sentido do século XX“ pgs. 109—115.

é o homem integral da Filosofia perene e da Escolástica. Santo Tomaz procurava adaptar o Filósofo ao pensamento católico, Plínio Salgado adapta o homem integral da Escolástica às filosofias modernas. Mas o homem integral da Escolástica, Plínio Salgado, não possui através da fé, mas através da intuição, à qual, em última análise se devem subordinar a fé e a filosofia. Crê, filosofando, e filosofa, crendo, e não será bem compreendido nem pelos crentes nem pelos filósofos. Um sincero, na angústia da incompreensão! A expressão mais violenta da tragédia brasileira e, por isso, como disse Tasso da Silveira, Plínio Salgado é, como expressão genuína do Brasil, antes de tudo poeta¹⁸⁸). Já é tempo de resumir-se todo o pensamento doutrinário de Plínio Salgado. Os livros considerados até aqui, nos deram apenas — talvez é pouco, mas pode ser tudo — o homem integral, como produto antropológico e etnográfico dentro de uma concepção espiritualista do Universo¹⁸⁹). Esta concepção, porém, ficou menos clara, filosoficamente falando, na sua última filiação.

Se, agora, procurarmos em seus outros livros doutrinários: „A Doutrina do Sigma“, „Despertemos a Nação“, „Palavra Nova dos Tempos Novos“ e „O que é o Integralismo“, a razão dessa meia penumbra no seu pensamento filosófico, — pensamento que também aí se repete em perspectiva de grandes luminosidades que nos embelezam a fantasia, sem cristalizar um conceito definitivo, — então constatar-se-á que Plínio Salgado se filia filosoficamente à neo-romântica de feição irracional:¹⁹⁰) a intuição é, ora independente,

¹⁸⁸) Tasso da Silveira: „A Voz do Limbo“, o. c. e. l. c.

¹⁸⁹) No dia 1 de Novembro de 1937, Plínio Salgado podia dizer no seu grande discurso à Nação Brasileira: „O Doutrina Integralista foi exposta em mais de 50 livros... As edições sucessivas, que atingem a mais de 500 000 exemplares dessas obras, nos asseguram, que mais de um milhão de brasileiros, já estudou essa Doutrina, que não admite dúvidas, nem segundas interpretações.“ Da „A Ofensiva“, 2. 11. 37. É claro que a nossa crítica aqui nunca poderá ter em mira lançar uma dúvida sobre o valor prático atual, na ordem política e social do Integralismo, muito menos subentender intenções subalternas no creador do Integralismo. A intenção de Plínio Salgado paira acima de todo o escopo subalterno e é pura como um raio de sol. A nossa dúvida é de ordem puramente teórica e se refere à gnoseologia dos últimos postulados. Ainda neste discurso, Plínio Salgado, resumiu as fontes doutrinárias do Sigma nestas duas frases: „Nossa doutrina política origina-se de duas fontes: 1.) — de uma concepção espiritualista do Mundo; 2.) — de uma compreensão das realidades sociais brasileiras e universais.“ ib.

¹⁹⁰) Dizemos „irracional“, pela simples razão de não entrar só a razão nesta filosofia, mas também a fé. Provados os motivos de credibilidade, qualquer fé se torna racional, ainda que o ato de fé não seja o fruto da evidência intelectual intrínseca, mas da autoridade de quem revela o objeto de fé. Assim já o Conc. do Vaticano definiu a fé „como virtude sobrenatural,

quase „a priori“, ora, martelada penosamente através do positivismo francês e inglês — este último especialmente de feição evolucionista¹⁹¹), — ora, finalmente enxertada no ramo viçoso da néo-escolástica¹⁹²). Tudo isso é extremamente singular, mas profundamente atual, e, por isso, legítimo, especial e necessariamente em um poeta que não parte simplesmente da humanidade, mas da humanidade da sua Pátria¹⁹³).

Este entrelaçar de filosofias várias e contraditórias entre si, este apegar-se a tão variados salvavidas nos acabaram convencendo da velha verdade de que o coração pode ter as suas razões apesar da cabeça. De todos estes mares tormentosos do pensamento humano, cheios de recifes e sargaços, Plínio Salgado volta como a enguia para as fontes puras das montanhas alterosas e nos traz sempre o ramilhete de valores que são eternos, como a filosofia perene. Valores se percebem de outro modo que conceitos. Na percepção do valor participa o coração e o sentimento: e ainda que no conhecimento intelectual do valor seja necessário também o juízo sobre o valor, de fato na sua admissão decide primariamente, o amor e o ódio. O primeiro, i. é. o juízo, gera e convicção, mas o segundo — o sentimento — produz uma atitude do homem todo e como o amor é mais forte do que a razão, por isso os valores plasmam de preferência a vida, de preferência às idéias¹⁹⁴).

pela qual o homem aceita como verdade — pela assistência e ajuda da graça divina — tudo o que Deus revelou, não porque compreendamos com a luz da razão natural a sua verdade intrínseca, mas por causa da autoridade de Deus que o revelou e que não pode enganar nem conduzir ao erro.“ O que na teologia representam os „praebula fidei“, para a constituição do „Obsequium rationabile“, em Plínio Salgado é substituído pelo absurdo a que levam as filosofias modernas na constituição da sociedade. Leia-se o interessantíssimo cap. „O Brasil e o Romantismo“ de Plínio Salgado no livro „Despertemos a Nação“, o. c. pgs. 63—73. E no livro „Palavra Nova dos Tempos Novos“ o. c. ele diz: „Somos, pois, uma força moral; somos a voz das gerações do Futuro; somos a voz da História; somos a alma nacional que desperta...“ pg. 40.

¹⁹¹) O que também se verifica nestes outros livros do pensador. Cfr. „A Doutrina do Sigma“, pg. 92 e „Palavra Nova dos Tempos Novos“ pgs. 18 sqq. e pgs. 67 etc.

¹⁹²) Ainda aqui, Plínio Salgado, vai a priori e pela intuição, escrevendo páginas, que com levíssimos retoques poderiam ser pronunciadas por Vieira ou escritas por Bernardes. Leia-se aquela „Oração de Natal da Pátria-Criança“ no „Palavra Nova dos Tempos Novos“ o. c. pgs. 87—97. Cfrs. „Carta de Natal de Fim de Ano“ ib. pgs. 119—130.

¹⁹³) O que não impede que Plínio Salgado faça as mais horripantes críticas do povo brasileiro. Como amostra basta ler o cap. „O Povo-Criança“ no „Despertemos a Nação“ o. c. pgs. 131—136.

¹⁹⁴) Cfr. Fr. X. Eggersdorfer: „Wertdenken und Lebensgestaltung.“ Geleitwort ao „Das Reich der Werte“ de J. Klug, Paderborn, 1931, pgs. 17—18.

Sob êste critério se pode entender Plínio Salgado e percorrer os seus livros de doutrina. O mesmo cuidado de Comte: „On ne détruit que ce qu' on remplace“, ocupa sempre o espírito dêle, especialmente, em 1930¹⁹⁵). O seu ideal de um Estado forte¹⁹⁶) e autoridade mais acentuada: tudo com uma feição quase religiosa¹⁹⁷), sem falar de outros colorários que hoje vicejam no mundo: tudo isso Comte também queria e o tinha emprestado da Igreja católica¹⁹⁸).

Mas Plínio Salgado se afasta de Comte, no que êste tem de especificamente positivista e não substitue os dogmas pela ciência positiva. Esta levou a humanidade à atomização coletivizante, coisa que Comte queria exatamente evitar. A ciência, porém, mostra uma grande verdade: a evolução. Atrás dessa atua uma fôrça que na sua última análise leva ao Absoluto. Êste Absoluto é livre — e aí Plínio Salgado se afasta de Comte e de Spencer — e se manifesta na interferência do Espírito na evolução, também no fenômeno revolucionário¹⁹⁹).

O Espírito que não encontrou a sua plena satisfação no ideal científico, volta-se para postulados de fé e se estriba, ao mesmo tempo, no axioma da filosofia perene: o todo vem antes da parte: a síntese antes da análise²⁰⁰). A síntese é em Plínio Salgado um

¹⁹⁵) P. Salgado: „Palavra Nova dos Tempos Novos“, o. c. pgs. 43—48.

¹⁹⁶) P. Salgado: „Despertemos a Nação“ pg. 195. Êste pensamento, aliás, volta em todos os livros.

¹⁹⁷) P. Salgado: „A Doutrina do Sigma“ no cap. XIV onde se analisa o „Manifesto de Outubro“, pgs. 173—197. Cfr. ib. pg. 72, e no „Despertemos a Nação“ pg. 196.

¹⁹⁸) A. Messer: „Geschichte der Philosophie im 19. Jahrhundert, o. c. pg. 50.

¹⁹⁹) Esta idéia central se repete sempre e volta em forma de síntese no seu livro de vulgarização científica do Integralismo: „O que é o Integralismo.“ pgs. 23—24.

²⁰⁰) Quando em Maio de 1932 apareceu na imprensa pela primeira vez o nome de: „Integralismo-Universalismo-Totalitarismo“, nas colunas da „A Razão“, já procurávamos centralizar, paralelamente com Plínio Salgado êste pensamento da filosofia católica, como tábua de salvação no caos brasileiro. Já o artigo sôbre a consequência necessária dêste pensamento central: „Estado Corporativo“, não conseguiu mais aparecer porque „A Razão“ tornou-se presa das chamas que a destruíram completamente. O primeiro artigo foi reeditado no „O Panorama“ no. 9, 1936 com o título: „O Integralismo e a Hora Presente.“ Hoje êste pensamento central encontrou um extraordinário incremento com o livro do sábio franciscano E. Kurz: „Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas von Aquin“, München 1932. O livro nasceu do incentivo que C. Baeumker deu ao autor para a crítica do trabalho de Maurice de Wulf: „L' individu et le groupe dans la scolastique du 13 siècle.“ Neste ensaio de Wulf apregôou a frase: „L'État ou la collectivité existe pour le service de ses membres et

apriorismo intuitivo²⁰¹⁾ do Universo, como um todo organizado²⁰²⁾ com uma hierarquia de valores preestabelecidos e eternos²⁰³⁾. A admissão desta hierarquia inconcussa é o característico do homem integral e se resume no quadrinômio Deus — Pátria — Família — Liberdade²⁰⁴⁾. Um valor não pode estar sem os outros e na ordem política a projeção da Liberdade só é possível no Estado democrático real, isto é, no Estado onde os indivíduos dentro do seu estado, profissão ou corporação, tenham o direito inalienável de resolver os problemas e interesses da sua corporação, nos seus municípios, sem interferência imediata do Estado²⁰⁵⁾. „O Integralismo quer realizar uma democracia de fins e não uma democracia de meios“²⁰⁶⁾. Os interesses mais imediatos são especialmente econômicos, mas por sua vez imediatamente dependentes dos ideais espirituais e morais dos indivíduos²⁰⁷⁾.

O ponto de partida para a constituição do Estado Integral é o Homem Integral²⁰⁸⁾. O Homem Integral só se faz „ab intrinseco“²⁰⁹⁾, pelo conhecimento e pela fé dos supremos fins do homem. *non in verement.*“ Isso seria a doutrina da alta escolástica e do sec. 13. Ao que o célebre professor atalhou: „Das glaube ich nicht und glaube es auch einem de Wulf nicht.“ A base de todo o livro é o conhecido texto de Sto Tomaz: „Bonum commune melius est et divinius bono unius, si utrumque in eodem genere.“

²⁰¹⁾ P. Salgado: „Palavra Nova dos Tempos Novos“, o. c. pg. 114.

²⁰²⁾ P. Salgado: „O que é o Integralismo“, o. c.: „O mundo é como é, e não como pretendem que seja os teoretizadores de tantos sistemas que desorientaram o sec. 19“ pg. 24 sqq.

²⁰³⁾ P. Salgado: „A Doutrina do Sigma“ pg. 21, e „Palavra Nova dos Tempos Novos“ pg. 151.

²⁰⁴⁾ Este quadrinômio aparece, pela primeira vez em „O Cavaleiro de Itararé“ S. Paulo 1933, pg. 133. Depois, a liberdade suprimiu-se, no programa oficial, como ponto ou termo redundante, pois está compreendida dentro do trinômio: Deus — Pátria — Família: está compreendida e é suposto essencial do Homem Integral.

²⁰⁵⁾ P. Salgado: „Manifesto — Programa do Chefe Nacional da Ação Integralista Brasileira“ Rio de Janeiro 1937, pg. 5.

²⁰⁶⁾ P. Salgado: „O que é o Integralismo“ o. c. pg. 46.

²⁰⁷⁾ P. Salgado: „A Doutrina do Sigma“ o. c. 164 e „Palavra Nova dos Tempos Novos“ pg. 76.

²⁰⁸⁾ P. Salgado: „A Doutrina do Sigma“: „O primeiro ato revolucionário do integralista é assumir a atitude humilde do publicano deante de Deus e da Pátria. ... ninguém tem o direito de pretender orientar uma Pátria, quando não é capaz de governar-se a si próprio.“ pg. 16—17.

²⁰⁹⁾ „Quando se fala de ‚Revolução Interior‘, muitos (é tal a perda do senso das proporções e dos exatos lineamentos da creatura humana) julgam que me refiro a um ascetismo que só os santos podem atingir... No Estado, daremos a Cesar o que é de Cesar e a Deus o que é de Deus: na vida privada, aplicaremos a mesma regra, com o senso profundo das virtudes cristãs.“ P. Salgado: „Palavra Nova dos Tempos Novos“ o. c. pgs. 145—146.

É um trabalho de educação longa e difícil, um trabalho de paciência. „Nada mais digno, nada mais belo, nem mais glorioso, do que o Trabalho, nada mais nobre, mais significativo no plano do Universo, do que o Trabalhador“⁽²¹⁰⁾. Trabalho e humildade geram a alegria⁽²¹¹⁾. „Pedir a Deus coragem e paciência, fortaleza e inspiração, energia e bondade, severidade sem alarde, bravura sem ostentação, virtude sem orgulho puritanista, humildade sem indignidade e dignidade sem egolatria... Essa é a revolução interior, a revolução espiritual... Sei que essa Revolução Espiritual durará muito tempo e o seu triunfo completo só se dará nas futuras gerações“⁽²¹²⁾. Como um Bernardes dos tempos novos êle descreve o dualismo incessante entre o homem espiritual e o homem biológico: „O Homem é um ser complexo, com aspirações na Terra, como corpo, e aspirações no Infinito, como centelha da Luz Eterna“⁽²¹³⁾.

Êste ideal de Plínio Salgado, nos seus últimos valores, deserta a ciência e se recolhe à sabedoria. Cristalizou-se sempre mais depois da sua convivência espiritual e intelectual com a mentalidade católica, especialmente de Jackson de Figueiredo. Rodrigues de Abreu „falando de si, falou-lhe de toda a angústia da nossa espiritualidade em face do materialismo avassalador da civilização dêste século XX“⁽²¹⁴⁾.

Assim seu coração voltava sôbre os passos e se deliciava na contemplação dos supremos valores do Cristianismo, de cujas verdades se tornou um dos maiores Apóstolos e pregadores. Nunca, porém, em seus livros se declarou diretamente incardinado na Igreja que êle defendia nos seus valores eternos. A última razão é a sua sinceridade que causa admiração e espanto. Esta sinceridade vai diretamente entroncar-se na nebulosa do seu Absoluto⁽²¹⁵⁾, e,

²¹⁰⁾ É um dos mais belos capítulos do „Palavra Nova dos Tempos Novos“: „Concepção Integralista do Trabalho“ pgs. 147—152.

²¹¹⁾ P. Salgado: „A Doutrina do Sigma“ pg. 196.

²¹²⁾ id. ib. pg. 18. ²¹³⁾ id. „O que é o Integralismo“ pgs. 17—27.

²¹⁴⁾ id. „Despertemos a Nação“ o. c. pg. 83. Cfr. supra a nota 48.

²¹⁵⁾ No „O que é o Integralsimo“, que é uma espécie de catecismo integralista, Plínio Salgado escreve à pg. 18: „O outro conceito é o espiritualista, isto é, o que considera a vida humana como um fenômeno transitório, condicionando uma aspiração eterna, superior. Para os que adotam êsse conceito, existe Deus, existe a Alma, e, como consequência natural, tudo o que se relaciona com essas duas idéias.“ O texto é claro, claríssimo em si mesmo, mas nós não seríamos sinceros, se o declarássemos inofensível no contexto ou quando comparado com textos paralelos de outros livros. Mas é preciso lembrar também que com a lógica dos textos, podemos fazer ciência fulana ou sicrana, mas nunca chegaremos à sabedoria que só existe lá onde se confessa que a ciência nunca desvendará todos os mistérios.

por isso, nenhum homem do Brasil contemporâneo exemplifica melhor a escravatura e o resgate perfeito da inteligência. Por ser sincero, é obscuro na doutrina filosófica, obscuro mas distinto, ainda que inconsequente na aplicação. O homem integral na teoria é uma incógnita, ou meio incógnita, mas na prática é claro. Mas não é também a sinceridade uma das virtudes mais formosas que gravitam em torno da Justiça, que Plínio Salgado quer realizar na sua expressão social-política no Brasil? Aquela de que o mundo contemporâneo mais precisa, na política, na economia, na religião?

Assim como nos deixou o pensador, assim o deixamos aqui. Não pode ser compreendido sem as virtudes e sem os defeitos do Brasil. Uns e outros êle conhece melhor do que qualquer outro, porque ama o Brasil, como nenhum outro²¹⁶). É talvez, a expressão mais graciosa, mais espiritual, mas também mais angustiosa da cultura latino-americana. E, como tal, independentemente da estética e da filosofia, a sua obra traz os sinais da imortalidade, e — no que a estética tem de conatural, com uma época — a própria estética realizou nele os lineamentos gerais e genesíacos da Beleza.

Não fazemos aqui prognósticos nem comentários sôbre o movimento político desencadeado por êle no Brasil. Somos suspeitos, por filiar-nos, desde antes da sua fundação, aos seus princípios e ter assim cooperado diretamente na sua fundação. Não entramos na Ação Integralista Brasileira, porque somos contrários à entrada do clero na ação política imediata. A esfera religiosa não é a esfera política, ainda que as duas se interpenetrem e se completem necessariamente, dentro da concepção integral do Universo. Dentro de um Estado Integral não há mais entrada para um ou outro partido: todos são parte integrante, queiram ou não queiram. Dentro dum Estado Integral não pode existir o ateísmo, porque significa a destruição automática do Estado Integral. É claro que o católico quererá o seu Deus, como último cimo do Estado Integral, como outro de outra religião preferirá o seu, mas o político integralista não poderá impor a disciplina e o dogma de uma em prejuízo da outra. Respeitará as duas, contanto que as duas admitam um Deus, como suprema finalidade do Universo. A enorme dificuldade prática dêste postulado, só pode ser vencida pelo gênio político²¹⁷).

²¹⁶) À guiza de exemplo, recordamos o livro citado na nota precedente: pgs. 47 sqq., pg. 31, pg. 21.

²¹⁷) Aquí não pode ser ventilada a questão das relações entre Igreja e Estado, mas não há dúvida que sempre mais se nos afigura como ideal, o paralelismo de virtudes supremas para a Religião e para o Estado: fé, esperança e amor. Fé na causa, esperança nos meios e amor na posse. Estudamos com toda a simpatia e afincio o que sôbre o problema escreve Tristão de

Sob este ponto de vista, pode-se e deve-se dizer que o Integralismo brasileiro não é integralmente católico, e não o podia ser, porque não é um movimento religioso, mas um movimento político. Como movimento político, não podia ser totalitário, no sentido estrito desta palavra: abrange apenas o todo brasileiro, como uma parte do Universo em que se enquadra hierarquicamente pela profissão de um Deus que reje os destinos do mundo²¹⁸).

Nesta atitude, que é filosófica, está a sua distinção essencial do Integralsimo lusitano e francês e dos outros movimentos nacionalistas de hoje. O Integralismo lusitano e francês só mediatemente ou como subsídio político abrangeram estas supremas finalidades: o brasileiro parte imediatamente delas. Em duas palavras: o Integralismo brasileiro não é totalitário e universalista *simpliciter*, mas *secundum quid*, para usar da velha distinção da filosofia perene²¹⁹).

Ataide no „No Limiar da Idade Nova“, onde analisa, especialmente, as obras concernentes de Maritain. Os pensamentos centrais, achamos nós, se encontram na o. c. (Rio 1935) às pgs. 58, 77, 74 e 67, quanto ao problema Estado-Igreja. A questão social, enquanto se relaciona com a questão religiosa é considerada especialmente no cap. „Sociologia católica“ pgs. 259—287. Falando do „Distributismo“ de Belloc e Chesterton, mostra a ligação íntima do mesmo com uma reforma moral, com objetivos práticos e realização imediata. Esta ligação íntima, segundo o nosso parecer, está necessariamente em todos os movimentos sociais modernos — também do comunismo — pois todos eles invocam uma atitude interior, como pressuposto de reforma socioeconômica. Não há, entretanto, uma ligação essencial maior entre „distributivismo“ e catolicismo, do que entre distributivismo e fascismo, para só falar de um.

²¹⁸) „Manifesto de Outubro“ 1932.

²¹⁹) Indicamos, apenas, a última distinção, ainda que haja inúmeras outras, como em diversos estudos mostrarem os melhores pensadores do Integralismo brasileiro. Lembramos, apenas, Jayme Azevedo Rodrigues: „Mensagem a Jackes Maritain“, „Panorama“ 1937, no. 12. Prof. Lúcio José dos Santos ib. „Sobre o Integralismo“. Miguel Reale: „Nós e os fascistas da Europa“, ib. 1936, no. 6. O Integralismo português se encontra esplendidamente resumido por Hipólito Raposo em „Dois nacionalismos“, Lisboa, 1929. Cfr. especialmente pgs. 97—108.

Outrosim seria falso confundir o Integralismo brasileiro com o Universalismo, esp. de Othmar Spann. O Universalismo de Spann, (Cfr. „Der wahre Staat“ 3te Auflage, Jena 1931) além do seu apriorismo estático, simbolizando, aliás, uma hierarquia formosa em oposição ao atomismo causal-mecânico da ciência moderna, martela — ainda aqui apriori — a compreensão e a inteligência com o método morfológico que nos declara uma arquitetura possível e ideal da sociedade — sem dar-lhe a última explicação. Cfr. G. Weippert: „Das Prinzip der Hierarchie, Hamburg 1932, pgs. 132—135. Não há, porém, nenhuma dúvida que O. Spann foi um dos autores mais estudados quando se iniciou a campanha nacionalista em S. Paulo e se não fôra a falta de uma tradução portuguesa dos seus livros, mais generalizada ainda teria sido a sua influência. Depois, não pode haver dúvida, que os seus argumentos contra a marxismo, contra o materialismo histórico, contra o falso liberalismo e contra o individualismo, tem valor imortal para todos os tempos.

O nome Integralismo, por isso, tem também um sentido inteiramente próprio no Brasil. Desde 1932 quando foi empregado, o seu emprêgo revelava já o seu sentido filosófico e se filiava à concepção orgânica e hierárquica da sociedade e do mundo, concepção inseparável do conceito de 'ordem' no sentido da filosofia grega e escolástica²²⁰), dentro de um mundo criado e não emanado. Este momento, como vimos, no creador de Integralismo brasileiro, sofre às vezes a interferência do evolucionismo inglês e do panteísmo dialético de Hegel.

O integralismo escolheu como símbolo o sigma grego. „Em matemática, define-se a Integral, como sendo a soma de um número infinitamente grande de parcelas, sendo cada parcela infinitamente pequena. Por analogia, dir-se-ia que o elefante ou a figueira seria cada um a integral das moléculas d'água; o deserto do Saara, a integral de grãos de areia²²¹). No que é de notar-se que se trata apenas de um símbolo, como os integralistas não cessam de acentuar. O símbolo exprimindo uma analogia entre um todo matemático e um todo político. No todo político, os homens não são parcelas infinitamente pequenas mas substâncias individuais de natureza racional, subordinadas racionalmente ao todo relativo do Estado. Logo, subordinadas livremente, 'porque o bem próprio não pode existir sem o bem comum²²²) como já disse Sto. Tomaz, repetindo

²²⁰) Cfr. nota 200. O Integralismo brasileiro representa uma singular simbiose entre platonismo e aristotelismo e aos dois êle só chegou através da Escolástica. É sabido que Sto Tomaz tinha a consciência de estar sempre de acôrdo com Aristóteles no método de pensar, e, quase sempre, ou em regra geral, no conteúdo do pensamento. (Cfr. E. Kurz: Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas von Aquin', o. c. pg. 87—88. Quanto à filosofia do Estado, cfr. M. Grabmann: „Thomas von Aquin' 6te Aufl. München 1935, pg. 180) Ora, esta filosofia do Estado em Aristóteles se resume na subordinação do bem particular ao bem comum, da parte ao todo, princípio que Sto Tomaz repetiu dezenas de vezes, ampliando-o pelo pensamento platônico de que a unidade precede à multiplicidade. (Cfr. G. Weippert: „Das Prinzip der Hierarchie' o. c. pg. 68) O todo do Estado não é um todo existente real e *ontologicamente*, 'sed comparatur' ao todo ontológico de existência real: é um todo social e orgânico em que a subordinação das partes se deve realizar, 'ad instar' das partes de um todo ontológico real, i. e. de uma substância real porque 'unaquaeque pars, *naturaliter* plus amat commune bonum totius quam particulare bonum proprium.' É uma coisa *natural* e *da razão*.

²²¹) João Carlos Fairbanks: „O que é Integralismo!“, A Ofensiva' 3. 8. 1935. Cfr. Plínio Salgado: „O que é o Integralismo' o. c. pg. 24: "O sinal que adotamos... (sigma) indica em matemática o símbolo do cálculo integral. Quer dizer que a nossa preocupação é somar tudo, considerar tudo, nem nos perdendo na esfera exclusiva da metafísica, nem nos deixando arrastar pela unilateralidade do materialismo."

²²²) 2, 2, 47, 10, ad 2.

Aristóteles. Mas o bem comum também não pode existir sem o bem particular essencial das suas partes componentes. Nesta concepção do Estado ou da Política creou-se a maior cultura da Antiguidade e a maior da Europa²²³): sem cair nos extremos do universalismo orgânico rígido e do positivismo — também êste organicista seja biológico seja evolucionista — de Comte ou de Spencer²²⁴). Sem liberdade não há cultura e não há Estado²²⁵) e o Estado organicista rígido a suprime essencialmente.

²²³) Cfr. Werner Jaeger: „Paideia“ 2te Aufl. Leipzig 1936... „Eben deshalb hat man bei uns lange Zeit auch die Griechen und ihre Kultur vorwiegend vom ästhetischen Gesichtspunkt betrachtet. Aber damit ist der Schwerpunkt gewaltsam verschoben“ (pg. 114). O centro de gravidade é o seu conceito de Estado: e em torno dêste centro girou a cultura ocidental.

²²⁴) E. Kurz: „Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas“ o. c. pg. 31 onde o autor mostra que não são apenas alemães os autores da teoria organicista.

²²⁵) „E a Liberdade é o supremo dom do homem. É a dignidade da nossa Espécie. É a alegria dos nossos movimentos. É nossa honra e nossa glória, nossa aspiração superior. Quem a degradou assim? Quem a tornou uma enfermidade e um opróbrio? O Liberalismo. Como salvaremos a Liberdade? Pela disciplina.“ Plínio Salgado: „O Sofr. Univ.“ pg. 222. Liberdade é a faculdade de fazer o que a razão aponta ou mostra como o melhor, ainda que isso nem sempre, ou muito raro, seja o mais agradável.

Plínio Salgado, romancista.

Andrade Muricí escreve que „em última análise o brilhante ‚O Estrangeiro‘ prenunciava menos um romancista notável do que o chefe atual do Integralismo“²²⁶). É uma indução que tem simplesmente, por si, os fatos, não há que negar; mas seria possível a mesma dedução, em face mesma do romance? Pensamos que não, porque a conclusão do agudo e subtil crítico brasileiro, um dos maiores escritores jámais nascidos no Brasil, segundo a justa observação de Tasso da Silveira, — parte de premissas que não se encontram no ‚O Estrangeiro‘, porque êste livro é uma obra puramente estética, de origem estética, de meios e finalidades estéticas. Que culpa tem Plínio Salgado, que o mundo seja bom ou mau, que as circunstâncias sociais do Brasil tenham tantos ângulos e arestas, que o pão de cada dia da sua imaginação fossem antes os escorpiões do que o maná do deserto? Nenhuma! Os políticos só se lembraram do ‚O Estrangeiro“, como célula embrionária do Integralismo, quando êste já avassalara toda a nação. Até então, o romance era considerado e aplaudido como romance e nada mais. Se fôsse simplesmente lógica a conclusão do grande crítico — poderíamos dizer que também ‚Os Sertões“ e ‚Chanaan“ foram prenúncios do Integralismo. E outros livros de outras nações de outros movimentos. Para nós ‚O Estrangeiro‘ prenunciava principalmente um grande poeta que o Integralismo absorveu e agora já tornou impossível²²⁷).

‚O Estrangeiro‘ é a crise de duas concepções da vida, diametralmente opostas, na vida do seu autor: o materialismo e o espiritualismo, acompanhada de todos os sintomas que caracterizam os dois. O velho tema que no autor encontrou um derivativo na arte. Esta era a sua finalidade, um refúgio para a noite aziaga do seu espírito, um derivar, ora manso e bondoso, ora violento e agressivo, da barquinha do seu coração. Ao que dêr e viêr.

²²⁶) Andrade Muricí: „O Momento do Romance Brasileiro“, no livro ‚Plínio Salgado‘ S. Paulo 1936 pg. 264.

²²⁷) Se não bastassem as razões intrínsecas da obra estética de Plínio Salgado, apontaríamos ainda a autoridade de K. Vossler que, além do mais, recorda o testemunho do próprio P. Salgado em: „Cartas aos Camisas Verdes“ Rio 1935, pg. 25.

Dentro da arte, porém, o modernismo lhe guiava a intenção e lançava as premissas. A crise se disfarçava assim com roupagens que não tinham nexos intrínsecos com ela: porque a arte depende do artista e não do crítico artístico. Se Plínio Salgado não fôsse artista, de nada lhe valeria a escolha do modernismo e o querer parecer modernista. Tomá-lo, porém, como meio de expressão, para êle significava uma fuga, uma redenção da crise mais profunda que o macerava. Mas esta fuga refrigerante da alma, não podia constituir uma finalidade em si mesma: porque, quase, só, anormalmente, a arte pode encher e preencher um coração humano. No seu vértice continua, intermitente, o fogo de santelmo a lembrar-lhe outros aléns. E Plínio Salgado se amparou do imediato: êste era o Brasil e conseqüentemente o nativismo. Era um círculo logicamente vicioso, mas artisticamente virtuoso, porque reconduzia a arte para o seu verdadeiro ,habitat': a expressão estética de um artista dentro do seu tempo moral e físico. E era vicioso o círculo, porque o Brasil o reconduzia a si mesmo e à sua crise.

A crise aguda de Plínio Salgado percorre palpavelmente, bertrandamente os graus de toda a escala de inquietações contemporâneas — eternas em si mesmas, e modernas na sua expressão. Outros sentem a crise na filosofia, êle a sentiu na arte. Na arte, primeiramente. Ora, esta já era uma consequência. ,O Estrangeiro' é o grito de uma sensibilidade revoltada e um estourar de forças represadas, sem outro eco mais que o dos morteiros festivos, sem outro roteiro que a necessidade, pela necessidade de enxurrar. Mas no ,O Estrangeiro' êste fenômeno elementar da reação estética marejava concomitante os vapores flutuantes que não pairam sobre mares mortos, mas que se esgarçam, que se diluem para adiante e em cima se condensam em nimbo fecundantes, em orvalhos bemfazejos. ,O Estrangeiro' possui êste condão estranho de edificar, até mesmo lá, onde êle só destrói: de nos deixar entrever sorrisos, onde as faces se imobilizam no suicídio. Em todas as suas páginas há uma segunda fâcie, como aquela dos televisionistas — verdadeiros televidentes — da Westfalia. Os fatos se sucedem, bem ou mal, o sol nasce e morre; as alegrias se revezam com as tristezas; as paixões estorturam-se, em bandos, ou escoteiras; a vida nasce e morre, mas acima de tudo e apesar de tudo, aquela outra visão não nos abandona e como no ,O Estado' de Platão, a Láqueze nos acena com todos os ideais da vida e deixa em nossas mãos o tormento da escolha.

O conteúdo do 'O Estrangeiro' é muito simples, mesmo um pouco banal e sem originalidade. Ivan, o russo procura no Brasil a liberdade que êle perdeu na Pátria de origem, pela sua propaganda comunista. E deixa na Rússia o amor impossível de Ana Olenewna, a aristocrata. No Brasil, depois de fracassado na fazenda, vai à Capital e abre uma fábrica. Fica rico. E tem as facilidades do dinheiro: mulheres! Maria de Lourdes: „Ivan sentia uma canção verde. Não sabia se vinha das laranjeiras ou das palavras de Maria de Lourdes“²²⁸). Na Rússia vence o comunismo. Os navios trazem exilados: Nobres e burgueses. Procuram trabalho na fábrica de Ivan. Entre êles, o sonho de outrora: Ana Olenewna. Como estava diferente! Ivan „sentia uma grande saudade de Maria de Lourdes. Habituar-se confiar-lhe as suas amarguras. Lembrou-se da outra“²²⁹). E resolve o suicídio e consigo envenenou a todos os operários da fábrica. Também ao amor de outrora.

— „Olha o céu, Ana Olenewna, olha o céu! Como um destino implacável, antes que os homens achassem o Novo Mundo, cinco estrelas formaram a cruz do Suplício, para que a Humanidade soubesse que, em toda a parte, o sofrimento a persegue . . .

A infeliz, no entanto, com sobrehumano esforço, disse, estorcendo-se: — Oh! Que engano terrível! Eu não sou, eu nem conheço Ana Olenewna!“²³⁰).

Paralelamente com Ivan, que, segundo Plínio Salgado, é a figura culminante do livro, há outros personagens, pelo menos tão importantes para conhecer o autor, como aquele. O Professor Juvêncio, nacionalista ardente, tradicionalista apaixonado, um tanto cômico no conceito burguês da vida, e o caboclo legítimo Zé Candinho, bandeirante ignoto, um centauro dos sertões, cheio de orgulhos selvagens e elementares. „Pois é, caboclo é caboclo, mas remendo, não . . . Caboclo quebra, mas não verga . . . Morre mas não entrega . . .“²³¹).

Este é o romance que produziu tanto rumor literário em 1926. Um rosário de fatos que se concatenam mais no pensamento e no coração do autor, do que na necessidade intrínseca da ação. Por isso, também, Plínio Salgado lhe apôs nas novas edições o subtítulo de 'Crônicas da Vida Brasileira'. A unidade existe, entretanto, existe

²²⁸) 'O Estrangeiro' o. c. pg. 81.

²²⁹) Ibidem, pg. 319.

²³⁰) Ibidem, pg. 323.

²³¹) Ibidem, pg. 161.

no drama íntimo do autor que, por um prodígio de disciplina estética „jamais consentiu em aparecer em cena. Sente-se que êle está por trás, nos bastidores a focalizar os personagens, e às vezes nem esconde que os dirige também²³²). É uma despersonalização tão subtil, tão calculada e, sobretudo, tão paradoxal — quando se conhece a fisionomia própria do autor — que não se pode deixar de descobrir, neste romance, a personalização mais perfeita de Plínio Salgado.

Ivan é a alma do tempo, sem fisionomia física — só se diz que tinha olhos azues e barba rala sedosa²³³), — uma idéia que se corporifica na ânsia insofrida de exaurir as contradições de um ideal inatingível. Muito sobrehumano nos sonhos que lhe acalentam o coração, quase satânico na ironia com que lhes aponta a futilidade, a inutilidade; muito humano na caridade com que suaviza a sorte dos seus operários, na discreção com que lhes descobre os íntimos pendores, humano no amor da mulher que, entretanto, adiante, outra vez lhe estimula os instintos brutais, fazendo-a um instrumento exclusivo do gôso. Homem, anjo e demônio, ao mesmo tempo e, às vezes, o burguês solidamente equilibrado, o anarquista com a saudade sádica da destruição: o homem que modorra nas canículas dos trópicos que o desiludiram, que se precipita resoluto no dinamismo de uma capital americanizada, que inverte, em sua alma, a poesia silenciosa e imensa das solidões brasileiras²³⁴), que saboreia com volúpia sublimada a grande inutilidade da vida humana. E se se perguntasse a êste homem, como se pergunta, se costuma perguntar aos homens no confessional: „quais são os teus pecados?“ a resposta seria, ou uma outra pergunta despropositada ou o

²³²) Jackson de Figueiredo: „O Sací, o Avandava e o Imperialismo Pacífico“ o. c. em „Plínio Salgado“ pg. 250.

²³³) „O Estrangeiro“ o. c. pg. 22.

²³⁴) Leia-se esta dupla visão do filho slavo: „Noite velha. Um cão uivava dolorosamente. (Certa vez, entre estudantes moscovitas, planejara matar o Czar. Atiraria a bomba.)

O vento zumbia no telhado. (E Ana Olenewna? Que destino seguira? Filha de condes, com largos latifúndios em Irkutsk, ambientada, penetrada pela aristocracia...)

Longínquo, cantava um carro de bois ao luar... (O estratagema que usara para vir!) O luar atravessava uma fresta, batia nos pés do catre. (Sob um sól de legenda, desdobrava-se o panorama formidável da América. Escarpas a pique, abismos verdes, tigres dormitando à sombra das arvores apocalípticas. Paisagens de astros desconhecidos...) Um grito de pássaro sonâmbulo perdeu-se na noite líquida. (A filha de Carmine... Que amargura estampada no semblante!)“ „O Estrangeiro“ pg. 24.

estribilho batido de toda a burguesia moderna: „não matei ninguém e não roubei!“ Na boca do caboclo, do geaca, do camponês esta resposta exprime uma adorável ingenuidade, na boca do burguês é a quitação rascante de uma decadência inelutável. Ivan tem, entretanto, uma enorme vantagem sobre a burguesia ambiente sopitada. Vê e sente a sua seminudez. Na Rússia e na mocidade sonhara reagir com dinamite, e fracassou; no Brasil que êle sonhara a mocidade humana, com o cheiro molhado de terra moça e virgem, que êle se representara „um ovo, onde há intenções ignoradas de misteriosos delineamentos“⁽²³⁵⁾, Ivan se aburguesou e sorriu o sorriso frio da desilusão. Sorriu negativamente. E isso, Plínio Salgado fixou como enorme moldura grisalha da fisionomia de Ivan. Os ímpetos de super-homem que lhe dormitam na alma, como relâmpagos possíveis em horizontes parados; as próprias virtudes da caridade, do sacrifício, da dedicação, da disciplina, da submissão não passam moralmente de bocejos displicentes, e são verdadeiros bocejos e espreguiçamentos da alma. Evitam-se em público.

„Percebia que, cada vez, valia menos como individualidade, para avultar como protegido laborioso e honesto... O industrial matava o homem.

O comerciante recolhia para o limbo das formas falhas, das tentativas postas à margem, a personalidade esboçada ao contato da Terra Joven.

Mediocrizava-se na finalidade banal das existências banais...“⁽²³⁶⁾.

Mas, neste estirar indolente, a sua alma retranzia o reverso da medalha de Salomão, de Savonarola, de Donsoso Cortés: „Levava o mundo nos ombros e tinha repentões de alijar a carga ao inferno. Que belo seria! Os pés na treva, a cabeça nos astros, e a bola miserável, os homens, com seu dinheiro, suas tolices, suas ambições, as mulheres com seus amores, seus mistérios, suas perfídias, — mirrando-se, esfazendo-se nas labaredas...“⁽²³⁷⁾.

Mas eram só repentões, que batiam os quartos e as horas do relógio do seu coração místico e intelectualizado. E quando o burguês se surpreendia assediado e assaltado da monotonia da abundância, do nada... êle fazia e renovava incursões de outrora: „Eu farei com que os próprios homens vinguem nas próprias dores a sua morte. Lançarei homens no mundo, para se devorarem.“ Rojões de fogos

²³⁵⁾ „O Estrangeiro“ pgs. 53, 28.

²³⁶⁾ Ibidem, pg. 133.

²³⁷⁾ Ibidem, pg. 139.

fátuos que riscavam como serpentes de fogo a sua alma afogueada e a deixavam na escura noite do desamparo: „A vida da fábrica, como a vida de Ivan, recaiu na monotonia da espera do vago dia futuro, que nunca chegou para ninguém“²³⁸).

No amor, também, o edifício saíu-lhe maior do que a planta. E êle estereotipava aquele tipo de saciados que tanto mais superiores se sentem à mulher, quanto mais precisam dela: a posse facil lhes creia a ilusão da superioridade e o amor lhes começa alí, por onde costuma morrer. Mas Ivan não era um sátiro vulgar, e, em sua alma, se desenhavam clareiras onde êle resilia os parcéis do instinto pela espiritualidade do sentimento: „A vida estava colorida de cores alegres.

A vida era da côr dos ‚footings‘ matizados dos sábados azues. E tinha a frescura doce das vivendas ajardinadas, com telhas escarlatas, bancos anacreônticos e avarandados cobertos de rosas trepadeiras²³⁹). Mas estas rosas tinham seus espinhos, porque Maria de Lourdes era casada. Lourdes é uma destas mulheres que são mais ‚Weibchen‘ do que mulher. Já no noivado ela contava com os juro do capital masculino que lhe fazia a côrte e que ela não podia empenhar todo num casamento único. „Os olhos dela falavam carícias sonhadas de noites invernosas e insinuavam nas luzes recônditas ambicionadas liberdades — mais — tarde. E havia em todos os seus gestos e palavras a ingênua fosquinha maliciosa das noivas bandarilhando desejos taurinos nos que poderiam ser e que chucham nos dedos...“²⁴⁰).

Assim nos aparece êste Ivan, conjugando o verbo ser positiva e negativamente: „consciência de todos os males. Ação norteadada por um idealismo ‚a priori‘ anulada pelos cepticismos cruéis, em face do utilitarismo ambiente e do preconceito esmagador“²⁴¹). Por onde quer que o apanhemos, por alí êle nos escapa. Um peixe semivivo na frigideira: com um salto êle pula fora: mas fora, estremunha... impotente e moribundo. Já trazia em sí a morte.

E qual será a relação de Plínio Salgado com êste personagem principal do romance? Positiva ou negativa? Nunca o autor defende uma tese, uma atitude, um gesto do *seu* herói. Sim, o herói é só dêle, emquanto autor do romance, e não como homem, como ser

²³⁸) Ibidem, pg. 147.

²³⁹) Ibidem, pg. 294.

²⁴⁰) Ibidem, pg. 176.

²⁴¹) Ibidem, pg. 7.

moral ou ser nacional. Independente da atitude posterior de Plínio Salgado, em face da filosofia da vida de Ivan, percebe-se, sente-se que o autor queria focalizar uma experiência própria da decadência e dos seus últimos efeitos na consciência. Assim Ivan acaba sendo o contrário de herói, a caricatura dum herói objetivamente falando, ainda que, subjetivamente, na intuição do autor, devera ser antes uma tragédia: a tragédia da alma que encalha nos bancos do utilitarismo e do materialismo. Em última análise um ,não', que não é categórico, que não quer ser categórico porque falta um ,sim' para prendê-lo. E a demanda impassível, disfarçada, subconsciente dêste ,sim', equilibra imperceptível e invisivelmente a atitude positiva e negativa do autor em face de seu ator, e lhe empresta o ar provisório que o livro tem: este ar de análise, sem a aferição com uma síntese. A atitude final de Ivan resente-se da improbabilidade e ganha-se a impressão de que Plínio Salgado concluiu de si para o protagonista, pois êste, dentro da sua concepção de vida, não hesitaria em continuá-la no conúbio áspero e macio de suas contradições. É verdade, que, em virtude mesma destas contradições, se pode admitir a derradeira do suicídio, mas êste, o homem não sói praticar no fastígio dos seus sucessos reais e verdadeiros, e, muito menos, quando o acaricia a possibilidade de lavar o tento que mais o preocupava em toda a sua vida afetiva. E se a realização dêste sonho se esboroava na oposição do ideal de outrora com a realidde pungente de agora . . . ainda, então, a lembrança, explicitamente lembrada, de Maria de Lourdes, distanciava e tornava inverosimil o recurso à eutanasia da cicuta no loiro espumante da cerveja.

Ivan, afinal de contas, é um tipo bastante vulgar cuja filosofia nunca passava da rama farfalhante dum burguesismo cômodo, preocupado, nas horas de lazer, em dar uma explicação plausível à contradição que existia entre o seu pendor anárquico de outrora e sua dourada situação atual. Às virtudes objetivas não correspondia atitude subjetiva: eram excrescências resinosas, como essas das coníferas em noites mornas do verão. Não se percebe o parentesco e se constata apenas o fato. É que atrás de todo esse drama se encontra aquela segunda face do autor do drama, se encontra o drama de Plínio Salgado. Encontra-se o homem que quer dar um sentido mais elevado à vida, encontra-se o coração preocupado de finalidades últimas e supremas . . . mas em Ivan êle não aparece, ainda que se subentenda. E subentende-se como última explicação plausível do suicídio, porque só aquele que desespera destas finalidades, que

se sente na impossibilidade de atingí-las, ainda que todo o ser brade por elas — só êste, pode suicidar-se, decente ou esteticamente, por idealismo.

Êste idealismo Plínio Salgado emprestou ao seu protagonista, sem nos convencer, entretanto, *plenamente*, da sua existência em Ivan. Não podemos furtar-nos à impressão de que o autor, aquí, queria contemplar um caso brasileiro, o seu caso pessoal, com olhos russos, — e que, de fato, só o viu com olhar brasileiro. Com isso prejudicou os dois sob o ponto de vista estético, ainda que ilustrasse na sua confusão e sociologicamente o encontro de duas mentalidades: outro aspeto singular e extremamente atual no fenômeno brasileiro. A intuição, porém, desta parte, deste episódio que o autor chama de central, estava truncada, estava violentada e, em vez de poesia, ou em vez de pura e legítima expressão literária, o fenômeno Ivan se torna um caso de moral teórica — ou se quizerem, um caso de sociologia e de análise psicológica. O seu mérito, o seu grande mérito, está na revelação — *ad hominem* — da complexa e confusa mentalidade brasileira, da dualidade contrastante entre o que é e o que aparece.

Para nós, o drama do russo, fracassando na apoteose dos seus sucessos é apenas um fundo de cenário ou o pano de boca do palco em que Plínio Salgado se revelou o grande artista que êle é. ‘O Estrangeiro’ é uma série de contos que correm paralelos e até se poderiam, com pequenas mundaças, editar distintamente. Ver-se-ia, então, que a poesia propriamente dita está muito mais nas figuras do Professor Juvêncio, de Zé Candinho, da família Mondolfi, para só mencionar os principais, ao lado dêste maravilhoso caboclo brasileiro, Nhô Indalécio. Quando se lêem certas páginas dêstes contos, lamenta-se esteticamente a deserção de Plínio Salgado, das letras para a política. E lamenta-se sinceramente.

Se no caso de Ivan, Plínio Salgado procurou fixar numa subjetivização menos espontânea e um pouco artificial, e estado objetivo de uma época, nos contos paralelos a espontaneidade se beneficiou do equilíbrio que se manifesta entre o ambiente espiritual e físico dos personagens e aquele da alma do próprio Plínio Salgado. A ambiência no russo, no estrangeiro do ‘O Estrangeiro’, fica de fato estrangeira na alma do autor e dos seus leitores. Dessa impressão não nos podemos libertar nem furtar. Mostrar esteticamente o que se seria, se agora já não se fosse o contrário, é uma empresa finamente psicológica, quase sempre em prejuízo da expressão ar-

tística. A beleza estética sofre o efeito do próprio estágio subjetivo em oposição ao objetivo. Se a mentalidade do autor fôsse possuída de verdadeiro estoicismo, de um fatalismo passivo ou de um misticismo religioso, a intuição poderia seguramente fixar o encanto estético destas disposições e resumir nele a poesia do estoicismo, do fatalismo, do misticismo, mas a filosofia, o coração de Plínio Salgado não é estoico, não é fatalista e não é místico. Pelo menos, não o é, no sentido estrito destas atitudes.

Nos contos paralelos, porém, a expressão, a forma é geral e simplesmente bela, às vezes sublime, às vezes épica e, às vezes, puramente brasileira ou americana. O que é este lirismo brasileiro? Não é fácil dizê-lo, mas dizendo que é a transição perpétua do pessimismo ao otimismo, dissemos algo, que encontra, talvez, a sua expressão mais adequada, nas mesmas contrárias que se estabelecem entre o homem e a natureza brasileira. O homem diante da natureza luxuriante da terra, desanimando-o no intento de dominá-la, e, ao mesmo tempo provocando-o a imitar-lhe o exemplo de perpétua renovação elementar da mocidade.

‘O Estrangeiro’ no que tem de lirismo mais pronunciado, representa este regresso elementar à natureza e sua influência no homem primitivo, no selvagem. Assim, no mesmo livro, os dois máximos extremos encontram na pena de Plínio Salgado, a antena delicada que lhes sincroniza a canção da vida: o extremo decadentismo e o extremo primitivismo. Este começa onde morre aquele e, por isso, não admira que a vida tenha mais poesia do que a morte, sobretudo num homem como Plínio Salgado, votado à vida, à afirmação violenta e elementar da vida. A saturidade da decadência criava assim, intrinsecamente, as premissas para o primitivismo e levava o autor à conclusão de que era mistér começar ‘ab ovo’. Mas este primitivismo, em Plínio Salgado, não se poderia nunca amparar das últimas formas e consequências da decadência, do futurismo, do dadaísmo, da antropofagia, porque ele é um artista e como tal nunca perdeu o sentido do bom gosto. O seu primitivismo, com raízes psicológicas no coração do próprio autor, se devia necessariamente, socorrer do imediato em suas últimas causalidades perceptíveis, concretas, históricas.

Ora, o imediato era o Brasil, a natureza brasileira, a história brasileira e os elementos humanos que a tornaram possível e que, de fato, a realizaram. A razão imediata era a arte, mas a arte inextricavelmente ligada ao conteúdo da arte, e este conteúdo ine-

lutavelmente condicionado à crise do pensamento e às causas remotas da decadência. No ,O Estrangeiro', Plínio Salgado se valeu de um expediente que, a princípio ninguém entendeu nos arraiais do modernismo: a projeção do índio com seus cocares para as largas avenidas asfaltadas das capitais modernas: a valorização do caboclo: a significação do colono, do camponês: a exaltação de outros fatores que o paroxismo do deus-dinheiro lançara na penumbra e no anonimato. Tal, êste professor Juvêncio.

Esta regressão ao passado brasileiro encabeça-lhe, numa eclosão de mitos falecidos, como moto, as tres partes do livro ,O Estrangeiro'. A primeira parte traz a legenda: „Eu creio que o Sací, na sua puerilidade, sabe enfrentar todas as formas do imperialismo pacífico...“²⁴²).

A alma de um povo que se entrelaçara para sempre com o ser ou não ser da nação brasileira se focaliza assim em suas lendas e teogonias selvagens e atualiza-se artisticamente na intuição privilegiada de Plínio Salgado: a iara, o cururpira, o sací pererê, o anhangá, o caapora, o boitatá, a boiuna, o paituneré, o urutau, o irapurú, o acauá, e tantas outras sagas desfilam processionalmente nas caravanas dos bandeirantes e se casam com outras da Europa e da Africa. Plínio Salgado porém, não as mumifica nos museus de uma saudade falecida, mas fá-las vibrar intensas e vitalizadas, alviçareiras e retoçantes nos homens e nos corações que, em seu romance, esperam e sonham e amam.

E a flora e a fauna também renascem, como cenário indispensável dêstes amores redivivos. Que linda é, por exemplo, a seguinte poesia que Plínio Salgado põe na pena do Prof. Juvêncio! Ouve-se diretamente a voz misteriosa das palmeiras, das incontáveis e variadas palmeiras do Brasil, e a canção verde de leques tremulantes namorando a saudade mística do espaço e do tempo:

„O baguassú é uma águia na ponta de uma lança.

O macaúbas e macumãs, os bacurís e boritis são rimas verdes no azul da canção nunca-mais da distância, acenando e fugindo...

Os indaiás flexíveis saíram como Salomés, para dansar nos campos. Sua paixão pelos guerreiros brancos...

²⁴²) Ibidem, pg. 13. Cfr. pg. 97 e pg. 209... „e, apesar de todas as luzes de uma civilização cosmopolita, o Boitatá acende o seu fogo no sertão...“ ... „e, assim a simbólica Mula, que, por trazer muitas cabeças, é como se nenhuma tivesse, será, apenas, uma trágica lembrança no dia em que o Anhanguera volver à Cidade requintada de onde o expulsaram.“

Mas a brejaúva deve ser a palmeira de Perí, — um sonho interrompido de monção. Ância ribeirinha de pirogas dormentes, balouçantes na corrente, abandonados igarás...

Porque os coqueiros teem as pernas tão compridas?

Porque o sertão quer tão altas as pernas dos caminheiros?

A guabiroba e o gerivá são irmãos do gavião-rei, viciados do amor de céu.

Sobem cem anos sem cessar. Nos últimos arrancos, as suas palmas definham.

Teem cãs, como os homens que pensam.

Morrem da doença, do ideal inatingível.

A última palma cai com o derradeiro sonho. O caule sem fronde, é um desespero decepado. Lança negra de algum misterioso Quixote, investindo contra o céu⁽²⁴³⁾.

O. Prof. Juvêncio é a voz e o símbolo das mais recônditas e profundas aspirações do Plínio Salgado de 1926. A regressão ao seio da terra de um espírito que se debate contra a corrente divorciada de todo o passado e indiferente ao futuro: „ou caminhar, ou ser absorvido. Ir de encontro ao Mistério, ou desaparecer⁽²⁴⁴⁾).

O homem mais desgraçado do Brasil é o intelectual e o artista: é um ‚fenômeno‘ que não se compreende como um todo em si, com direitos à vida: é o contrapolo do outro mais infeliz: o geaca. Mas, naquele a angústia da solidão é consciente e neste inconsciente. Daí, a diferença, em prejuízo daquele. A vida espiritual só tem verdadeira significação como achêga, como suplemento dos valores ‚essenciais‘ no Brasil: o dinheiro e a posição política. Sem um destes dois valores, o homem espiritual é um pobre diabo. E' mais difícil ser um Ruskin do que um nhô Indalécio.

Seria, porém, falso dizer-se que o brasileiro não tenha pendor muito pronunciado para as coisas do espírito e da arte. Mas, não há tempo, porque primeiro é preciso ‚viver‘ e viver é brilhar nos contos de réis e nos postos políticos. Em toda a parte do mundo o dinheiro e a política constituem fachadas que atraem e fascinam, também na Europa, mas há uma diferença entre o Brasil e a Europa. No Brasil a ciência e a arte reclamam ascese e mortificação e solidão e abandono: na Europa reclamam também tudo isso, mas com a sobremesa saborosa de ser compreendido, acompanhado, estimulado e acarinhado. No Brasil, o homem está só e dolorosamente solitário:

²⁴³⁾ Ibidem, pgs. 252—253.

²⁴⁴⁾ Ibidem, pg. 30.

aquí logo encontra amigos e contraditores. No Brasil, a vida espiritual vive agoniada com os cuidados do pão de cada dia e com a incerteza do posto donde os caprichos políticos o podem sempre remover: aquí o posto dá o suficiente para viver sem grandes cuidados, com a certeza da pensão na velhice.

O Prof. Juvêncio realiza o impossível de conservar o idealismo imaculado, apesar de incompreendido, apesar de removido e perseguido. O ideal polariza-lhe as energias e se conserva intato até o final do romance, conserva-se „no fundo do sertão, nas crises da maleita... E sonhava uma Pátria grande e boa, sobretudo, uma Pátria que soubesse sonhar... Como o Avanhandava, que estourava alí perto da sua maleita e do seu esquecimento, — a vigilante fôrça obscura²⁴⁵).

Junvêncio era diretor das Escolas Reunidas e tornou-se o grande amigo de Ivan, „um bom cicerone, descerrando ao moscovita os segredos da terra²⁴⁶). Vê-se neste encontro de Ívan com Juvêncio: o encontro de Plínio Salgado consigo mesmo. Como impressão, Plínio-Ivan triunfa sobre Plínio-Juvêncio: leva-lhe a melhor, porque Juvêncio, em todo o seu idealismo, aparece como o ‚impossível‘, o contraditório, o cômico que as entrelinhas ridicularizam, que fracassa em todas as empresas, em todos os seus sonhos.

„fizera o curso da Normal de S. Paulo e amara a literatura. Perdera noites pelas revisões dos jornais, publicara sonetos camoneanos.

... Fôra-me, assim, na vida descontente,
o tredo amor ferindo de esperanças...

E tanto corrigiu pastéis e apanhou gatos, que acabou odiando os escritores exigentes que reclamavam vírgulas e crases.

Escreveu, revoltado, poesias sem vírgulas, que foram condenadas pelos críticos. Por fim, sentia pejo dos sonetos camoneanos perpetrados.

As cousas que então publicava não eram entendidas por ninguém; e o crítico Spondeu, de olhos verrumantes, receitou-lhe Castilho e semicúpios²⁴⁷).

Mas, Juvêncio, continuava firme na garupa de D. Quixote, e o fracasso dos seus sonhos, lhe foi sempre pretêxto de novas arremetidas. Atrás dêle está toda a alma escandecida de Plínio Salgado,

²⁴⁵) Ib. pgs. 328—331.

²⁴⁶) Ib. pg. 27.

²⁴⁷) Ib. pg. 54.

procurando os elementos elementares de uma concepção da existência capaz de neutralizar todas as dúvidas e tormentos tolstoiescos de sua vida. Juvêncio é aquele primeiro polo regulador e norteador que desponta como uma possibilidade luminosa, na aurora de dúvidas, que já não são de negação e aniquilamento, mas positivamente criadoras. Juvêncio entra como aquela alma de Sônia, na desordem de Jassnaia Poliana, forçando o coração a tirar as últimas consequências de suas desordens intelectuais.

Ao lado deste idealismo quase religioso e místico de Juvêncio, abrangendo um objeto imediato e total de adoração, como é o seu Brasil, Plínio Salgado coloca o realismo contrastante e de selvagem poesia deste autêntico caboclo: Zé Candinho, remanescente, no vigor dos músculos e no ardor das paixões, daqueles outros caboclos destemidos, chamados bandeirantes.. „Zé Candinho era um Apolo de ferro enferrujado. Vermelho-pardo, feições bonitas. A foice e o machado adormeceram-lhe junto à trouxa. E como apanhar café o envergonhava, Hércules fez-se domador de burros⁽²⁴⁸⁾).

Plínio Salgado mostra o nosso caboclo, como êle é nas suas qualidades positivas, no esquecimento em que o deixam os pais da Pátria, no estoicismo semi-cristão e semi-fatalista com que afronta a vida, na poesia delicada com que sofria os seus amores tropicais, na espiritualidade espontânea de suas dedicações, no heroísmo de suas renúncias e na simplicidade elementar dos seus problemas.

„Carleto pediu a Zé Candinho que cantasse.

— Cantar o que?

— Qualquer cousa...

Feriu as cordas. E o crepúsculo ninava o sol, abrindo as grandes azas. Na memória azulada, esgalharam-se hirtos perfís de perobeiras longínquas. E a estrela da tarde:

... aquela estrela parece
o meu coração tristonho
é por isso que eu suponho
que aquela estrela padece...

A toada era triste como as tiguerras e os rastros da sombra sonora da chorada cantiga dos carros de bois⁽²⁴⁹⁾.

No „O Estrangeiro“, como já dissemos Plínio Salgado, não defendeu tese nenhuma, mas a tese da sua própria alma inquieta aparece

²⁴⁸⁾ Ib. pg. 27.

²⁴⁹⁾ Ib. pgs. 127—128.

meridiana nos seus personagens centrais: êle de fato está em todos, porque em todos êle procurava um derivativo para as suas ânsias creadoras, e, sobretudo uma resposta às suas próprias dúvidas. Entretanto, os ideais que êle simboliza em Juvêncio e Zé Candinho estavam tão fora das cogitações do seu tempo, estavam tão em contradição com os interesses e aspirações da saciada burguesia de 1926, que ninguém, fora de uma restritíssima roda de pensadores e literatos, compreendia e avaliava o drama que se ocultava atrás do esteta. E a maioria só o considerava esteticamente: o próprio Plínio Salgado, não tingia claramente o objeto e a razão de sua inquietude e não distinguia um objetivo nítido como aspiração do seu subjetivo agitado.

Plínio Salgado sentia claramente uma coisa: era preciso cortar as amarras e zarpar do presente para um futuro ignoto, mas seguramente mais belo que o presente: era preciso aventurar-se na barca da fantasia, por novos mares e novos roteiros, para novos portos e enseadas. Alguma coisa estava errada em sua vida, em sua filosofia, em sua arte: — „Caboclo! Hercules em fuga, a rebentar portas de bronze!“²⁵⁰) como êle dizia de Zé Candinho.

„E partiu Israel com tudo quanto tinha.

„E falou Deus a Israel, em visões da noite. E disse:

„Jacob! Jacob!

„Eis-me aquí, Senhor!

„E disse: Não temas descer ao Egito, porque eu te farei alí uma grande Nação“²⁵¹).

Cheio de símbolos, cheio de alusões, cheio de reticências, cheio de interrupções, cheio de síncope, o romance representa no seu conjunto um final dos fogos de bengala: um chafariz vulcânico de foguetes, rojões, morteiros, cartuchos e bombas que sobem e descem, brilham e estouram, serpenteiam e se entrecruzam... para deixar, finalmente o céu mais silencioso, o espaço mais misterioso e o coração com a grande pergunta que se aninha no fumo branco das nuvens remanescentes do espetáculo: „Para que?!“

Para procurar a verdade. Procurá-la com a paixão do artista, com os defeitos do artista, com as virtudes do artista. Quem poderá analisar êste drama de um artista? Ninguém! Porque o artista fará um outro drama: o filósofo esquecerá a beleza e o moralista a equi-

²⁵⁰) Ib. pg. 29.

²⁵¹) Ib. pg. 22.

dade. E o povo, a massa, que entenderá do ,O Estrangeiro'? ,O Estrangeiro' é um livro fechado para o povo, ainda que nele se encontrem pequenos poemas que sintetizam os florões mais legítimos do sentimento popular: ainda que o povo, por um instinto misterioso, perceba, talvez melhor, a misteriosa afinidade do autor com os seus mais secretos pesares e aspirações. Não entenderá o drama, mas as causas do drama que são as mesmas do *seu* desamparo brasileiro.

„A maior qualidade da forma literária de Plínio Salgado é o seu formidável poder de síntese, de concisão. No Brasil ainda não apareceu um igual; todos os nossos escritores . . . primam todos, como ótimos tropicais que são, pela prolixidade, pelo derramado e repetido do escrever, vêde Alberto Rangel e o próprio Antônio Torres . . . O nosso autor é tão rápido, tão abreviado, que, muitas vezes, se prejudica na clareza da expressão. Muito concorre para aumentar a obscuridade de certos pontos do ,Estrangeiro', o costume de alusões de que muito usa o autor. Vai descrevendo uma idéia e se por felicidade da sua vasta leitura, outras lhe ocorrem semelhantes, paralelas, eis que, imediatamente, abre um parêntesis, onde, com rapidez prodigiosa de evocação, a todas se reporta. Se o leitor já leu os livros a que o narrador se refere, ou conhece as idéias trazidas ao parêntesis, muito bem! tudo se torna claro e a síntese redobra de vigor; mas, se o contrário é que se verifica . . . pobre do leitor! Fica a ver navios. A culpa é naturalmente, de quem vai ler um livro de escol literário, sem o preparo devido à altura intelectual do autor . . . Como exemplo de paginas admiráveis, dessas que dão ímpeto de beijar quem as escreveu, leia-se o capítulo XX —! ,Como nos velhos romances'. Há no fim dessas linhas esta frase que vale por todas as oito maravilhas da História antiga: ,O passado, às vezes, começa instantaneamente' . . . ²⁵²⁾).

Aquí é, pois, oportuno fazer uma consideração sôbre a linguagem do ,O Estrangeiro', e sôbre a linguagem de Plínio Salgado em geral. Se é difícil compreender o poeta, a alma, o creador estético do ,O Estrangeiro', sem conhecer e sentir a esfinge social do Brasil, muito mais deficitil será compreender-lhe a linguagem, o instrumento material que faz vibrar os sonhos, a expressão, a forma, enfim, do artista: — sem o Brasil. A estesia da língua é, por antonomásia, a rainha de todas as artes, não só porque está mais perto da vida,

²⁵²⁾ Silveira Bueno, l. c. A frase citada se encontra à pg. 163, do ,O Estrangeiro'. O. C.

mas também, porque primariamente e, ao mesmo tempo, fala ao homem todo: sentidos, coração, alma, vontade e inteligência²⁵³).

Em Plínio Salgado, como em um medium, as formas latentes que palpitam invisíveis e imperceptíveis para antenas menos privilegiadas, as formas do ambiente brasileiro, se coam, em gotas de puríssima transparência, nas formas da sua fantasia, da sua ousada expressão. Plínio Salgado é, sob êste respeito, o Machado de Assís da nossa época: Machado de Assís realizando-se a si mesmo, comprindo o conselho de 1873:

„Interrogando a vida brasileira e a natureza americana, prosadores e poetas acharão alí farto manancial de inspiração e irão dando fisionomia própria ao pensamento nacional. Esta outra independência não tem sete de Setembro nem campo de Ipiranga; não se fará num dia, mas pausadamente, para sair mais duradoura; não será obra de uma geração, nem duas; muitas trabalharão para ela, até perfazê-la de todo“²⁵⁴).

Plínio Salgado é, por isso mesmo, um dos maiores fisionomistas nacionais e nacionalizantes, e poucos serão os autores contemporâneos em que o bom senso e o bom gosto na inovação, o equilíbrio entre o passado de rumores linguísticos brasileiros e o futuro de liberdade nacional — sem ser licença — encontre guarida mais estavel e estímulos mais ousados.

O grande sêgrêdo é a sua fidelidade à arte, como arte, enquanto esta, como dom gratuito, admite e deve admitir essencialmente a interferência da vontade, expressa no bom gosto. A intenção da época é, como intenção do artista, um estôrvo da gratuidade da arte. Por isso, não é a escola que realiza uma época, pela qual depois pode ser caracterizada historicamente, mas é a época que, como a

²⁵³) Th. Haecker: „Schönheit“ o. c. pgs. 101—108. à pg. 102 êle escreve: „Nur als ein Bild absoluter Überwindung jeglichen Widerstandes ist die menschliche Musik der Gipfel menschlicher Kunst, in einem anderen Betracht ist z. B. die Sprachkunst höher. Die Kunst des Fliegens ist ein Bild der Vollkommenheit der Überwindung des Raumes und *der Grenzen*, in einem anderen Betracht ist die Kunst des Gehens mehr und höher und bewältigt mehr gegeben Wirkliches. Etwas von einem seligen Traum und seiner Täuschung hat in diesem Aon alle Schönheit der Kunst und im besonderen: der Musik, die am ehesten von allen Künsten *alles* real durch Gnade überwunden zu haben scheint, wozu für den Menschen noch Arbeit und Mühe, das heroische Sagen der Wahrheit, das heroische Tun des Guten gefordert wird.“ A consideração da arte da língua, vem analisada nas pgs. 106—107.

²⁵⁴) Apud Alfredo Pujol: „Machado de Assís, Rio 1934, pg. 269. Cfr. Plínio Salgado: „A Quarta Humanidade“ o. c. pgs. 151—155.

nacionalidade mesma, colige os elementos latentes, os desejos subconscientes, os anseios da vida, do momento histórico que passa, para enfeixá-los numa nova expressão de fantasmas e fisonomias novas. A escola costuma apegar-se às distinções, às diferenças, às inovações violentas pelo prazer de inovação, para depois — na saturidade — refazer arrependida as pontes desmoronadas e acarinhá-las os parentescos esquecidos: os avós costumam, então, rejuvenescer no juízo dos netos e estes se engrandecem no culto dos antepassados.

A língua brasileira realiza, no momento, um estágio de sua evolução. A sua gênese transformadora se efetuará com e sem os seus amigos e inimigos. É uma fatalidade humana que não é cega, mas consciente, livre e necessária. A liberdade, como sempre, também aqui escolherá o que a razão natural — que no caso é a razão estética — apontar como melhor e os poetas serão os seus realizadores. Nunca, porém, os gramáticos e muito menos os lusófilos ou lusófobos. Sem o gênio do artista, todos os esforços serão inúteis e vãos.

Esta racionalidade, como conteúdo estético, sobriedade maravilhosa a forma e a intuição de Plínio Salgado. A paixão do poeta realiza no 'O Estrangeiro' os traços genesíacos da própria nacionalidade no último meio século — com mergulhos espontâneos nos quatro séculos do mistério brasileiro.

Em Machado de Assis esta nacionalidade gerou o conflito interior que era mais de ordem filosófica pura, enquanto em Plínio Salgado predomina o lado sociológico desta nacionalidade. Em ambos, porém, o conteúdo universal, tomou uma feição particular pelo instrumento da sua expressão: a linguagem dos artistas brasileiros.

Plínio Salgado conservou-se dentro do bom senso tradicional e não se deixou arrastar pelos excessos do verde-amarelismo e ainda que ele não seja — e não quer sê-lo — o futuro definitivo deste estágio evolutivo, ele é, no presente, uma das suas melhores expressões. Ao puritanismo lusitano opôs a espontaneidade brasileira, a expressão de um espírito mais largo e de uma emoção mais universal e igualmente profunda. O emprego de termos, frases e elocuições brasileiras, a consagração de palavras ameríndias e africanas²⁵⁵) as

²⁵⁵) Renato Mendonça, no seu estudo: „O Português no Brasil“ o. c. pg. 69, depois de elogiar, o „Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa“, de Antenor Nascentes, como „um dos maiores monumentos da cultura filológica no Brasil“ diz: „Resumindo, Nascentes avalia em 949 o número

propriedades fonéticas e sintáticas, poderão constituir verdadeiro crime em Portugal, mas na pena de Plínio Salgado são jóias de irresistível sugestão²⁵⁶).

Plínio Salgado tem o segredo do equilíbrio dos extremos: não se deixa arrastar nem por um nem por outro: a sua linguagem não se ressentir do excesso de idiotismos e fórmulas regionais. A dificuldade — como acima observou Silveira Bueno — de ser entendido não provém da língua, mas do conteúdo: provém do seu critério estético, do seu simbolismo²⁵⁷). Plínio Salgado, no seu estilo muito peculiar, costuma aludir à realidade, significá-la vagamente, referi-la indiretamente, em vez de exprimí-la. É o trabalho de uma transposição dos letrados que acompanham os filmes cinematográficos

das palavras asiáticas incorporadas ao português, ao passo que as línguas ameríndias contribuíram apenas com 102 vozes. Em relação às línguas ameríndias a estatística de Nascentes está falha, porque só em um vocabulário pequeno como o de Plínio Ayrosa se encontram cerca de quatrocentos termos tupís.

No português da África austral, Gonçalves Viana encontrou cerca de cento e cinquenta palavras africanas que estudou nas suas Apostilas.

Por nosso lado, encontramos na língua do Brasil 340 africanismos trazidos pelos negros escravos.“

O livro de Renato Mendonça torna-se um subsídio precioso para quem desejar entender a evolução da língua brasileira, mas com a melhor boa vontade do mundo não pudemos perceber as suas elocubrações sobre a diferença de língua e dialeto. Pelo menos naquela passagem onde define o dialeto. Começa por ridicularizar os autores portugueses e brasileiros que „teem como dialeto a variedade regional de uma língua“ e diz que „esta definiçõzinha, meio escolar, vem do verbete respectivo no „Vocabulário de Bluteau“, onde a foi colher Leite de Vasconcelos“. Isso na pg. 35. Depois na pg. 70: „O dialeto, como vimos no cap. anterior, é a variante regional de uma língua, variante essa condicionada por fatores étnicos, geográficos, históricos.“ Concede-se e sanciona-se uma definição repudiada, acrescentando as causas que os autores brasileiros e portugueses, certamente não negam nem negaram, mostrando ou definindo-lhes apenas os efeitos. E a definição que êle depois traz de Meillet, não corrige nem melhora a definição dada. Acrescenta, apenas, ao elemento objetivo, um outro subjetivo, que salvo melhor aviso, não é, nem necessário, nem essencial. Cândido de Figueiredo, aliás, aduz também êste elemento subjetivo no seu „Dicionário da Língua Portuguesa“ 3a ed. Lisboa, Sem Data, quando diz que dialeto é: „cada uma das línguas, que se consideram variedades do mesmo tipo fundamental.“ No que repete o que já está no „Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa“. Lisboa, sem Data. Infelizmente não podemos citar aqui o „Português da Europa e o Português da América“ de Clovis Monteiro, recomendado por K. Vossler. Isso porque não o pudemos obter.

²⁵⁶) Leiam-se o cap. X pgs. 83—86 e aquele romance, em dez linhas, do casamento do Humberto pg. 90, no „Estrangeiro“, para se avaliar o poder de síntese e de sugestão de Plínio Salgado.

²⁵⁷) Cfr. supra cap. III, pgs. 48—50.

nas telas do cinema, para as telas mais imediatas do nosso espírito, da nossa fantasia... sem a ação projetada, que se opera exclusivamente na alma do leitor.

„O Brasil é uma túnica de cigano serapintada de borrões e manchas²⁵⁸); ou então: „O fazendeiro veio com a família passar uma temporada em Bôa Esperança. Era o nome da fazenda.

O do fazendeiro é coronel Arquimedes Pantojo. Trouxe tres filhas e um filho: Floriano.

Este nome era um post-scriptum da patente de coronel: Floriano devido a coronel. Coronel, devido a Floriano, o outro, que era Marechal de Ferro²⁵⁹).

Plínio Salgado supõe nos seus leitores uma cultura que abranja a fundo a história do Brasil, a história universal, a história da arte, da literatura, da música e mais todas as lendas que os índios, negros e brancos criaram ou reeditaram no Brasil: supõe a vida vivida e sentida no ambiente nacional e geográfico. Inacabados, imperfeitos, quebrados na forma, complexos, precipitados, entrecruzados, suspensos, entretanto acabados artisticamente „quadros há pintadões como os pintaria Jupiter — a coriscos. A outros esboça o autor com tintas novas, inéditas na palheta acadêmica, audaciosíssimas“, como observa Monteiro Lobato²⁶⁰).

O simbolismo de Plínio Salgado é um drama gigantesco, um filme imenso, uma viagem aérea sobre a realidade brasileira, onde diluviam alusões à verdade que é, que poderia ser, que deveria ser: a vida de cada dia, de cada hora passada simultaneamente nas capitais, nas fazendas e no sertão: ao mesmo tempo: sindinâmica, sincrética, cinemática. Entretanto, amenizada com lirismos que recordam a linguagem de noivos, de velhos amigos, a linguagem das abelhas, a linguagem dos profetas.

Por tudo isso se poderá desculpar o aparecimento de uma ou outra vulgaridade esporádica que, aqui ou acolá, prejudicam o bom gosto que paira soberano nos romances do autor. Não temos em vista cruezas ou fascínios do realismo, porque este, onde aparece em Plínio Salgado, possui antes o dom dos segundos do que o chocante das primeiras.

A beleza é delicada, é tão fragil, como grande e invencível é a sua força de sugestão.

²⁵⁸) „O Estrangeiro“ pg. 53.

²⁵⁹) Ibidem, pgs. 59—60.

²⁶⁰) Monteiro Lobato: „Forças Novas“ na „A Manhã“ do Rio, 19. 9. 1926.

A língua é o *melhor espelho* da alma de um povo, enquanto reflete o seu sentir diante dos valores humanos, ainda que não constitua *primariamente* o objeto essencial de uma nacionalidade. ,O Estrangeiro'—especialmente,—mas também os outros dois romances da trilogia de Plínio Salgado, revelam um cunho especial, uma consciência *brasileira*, distinta da consciência nacional lusitana ou de qualquer outra nacionalidade que, nos seus representantes, tenha concorrido para a gênese e evolução desta consciência e desta nacionalidade. O grande valor da linguagem pliniana é tornar *transparente* o modo de *sentir* da alma brasileira: o pulsar de uma *tradição* distinta da lusitana. A linguagem de Plínio Salgado — sobretudo no ,O Estrangeiro' — reflete esteticamente, esta *solidariedade* sentimental e intelectual de um povo que se sabe um todo perante o todo universal²⁶¹).

A língua é entretanto, a expressão duma consciência preexistente e esta preexistência pode, em si mesma, ser consciente ou inconsciente²⁶²). Como elemento consciente, porém, de uma nacionalidade, torna-se a língua, por sua vez, uma força creadora de nacionalidade nas gerações atuais e futuras²⁶³). E sob êste aspeto e esta limitação a língua é também objeto formal da nacionalidade. Êste duplo caracter de efeito e causa é um dos aspetos mais marcantes do romance de Plínio Salgado. Nasce espontaneamente da terra e creia novamente o espírito da terra, mostrando-o na sua virilidade e beleza, na sua audácia e ingenuidade, no seu pulso e entusiasmo, na sua espiritualidade e dedicação, mas também na sua impotência e fragilidade, nos seus preconceitos e avatares caóticos. Zé Candinho, Juvêncio, Nhô Indalécio e o boníssimo italiano Mondolfi são figuras em que a moralidade positiva ainda redunde em suas arestas negativas. Neles se casam os valores estéticos e morais, ainda que estes dois valores sejam duas coisas diferentes. Os dois se casam natural

²⁶¹) Cfr. a fenomenologia da língua materna em Kurt Stavenhagen: „Das Wesen der Nation“ Berlin 1934, pgs. 74—85.

²⁶²) Cfr. W. Schmidt: „Rasse und Volk“ o. c. pgs. 93—95. F. Keiter: „Rasse und Kultur“ I. Band o. c. pgs. 239—242.

²⁶³) Cfr. Theodor Grentup: „Volk und Volkstum“, Freiburg im Br. 1937, pgs. 18—20. „In der Gegenwart hat Schmidt-Rohr (Muttersprache, 2. Aufl. 1933) die Behauptung gewagt, daß zu Gunsten der Sprache eine ‚kopernikanische Wendung‘ geschehen müsse: nicht aus dem Wesen des Volkes fließe die Sprache, sondern aus der Kraft der Sprache forme sich das Wesen des Volkes. Zuerst also die Sprache als *Schöpferin* der volkhaften Eigenart und dann die Sprache als Spiegel der Volksseele. Das ist vom richtigen Gedanken die unrichtige Über-
treibung.“

e espontaneamente, e não se faz especulação com e sobre as virtudes morais: tudo brota orgânica e como que inconscientemente do ser humano que sente, vive, pulsa, sonha, vibra, ama e espera. Neles a arte e a ética são como o corpo e a alma: o corpo tem as suas próprias leis, mas é apenas um cadáver sem a alma bela.

Mas ,O Estrangeiro' é uma parte, apenas, de Plínio Salgado: a sua fuga da decadência para o solo nativo e o gênio da terra. Revela o índio, revela o caboclo, revela o intelectual puro, revela o colono na sua luta creadora: revela o choque de todas estas mentalidades heróicas, pacíficas, resignadas e indolentes, com o espírito céptico, niilista e agnóstico de um Tolstoi-mirim, degenerado, que não tem mais a força do escrúpulo, da dúvida creadora, da humildade edificante, da religiosidade cátera do Tolstoi original. Onde estas virtudes ainda aparecem, aparecem com a sugestão da ironia e da inutilidade.

Como tal, o livro tem apenas a significação de um ponto de partida, um tactear nas sombras, um gatinhar que terá muita arte, muita poesia, muito lirismo... mas um gatinhar, como era intenção do próprio autor e como já o verificaram Tasso da Silveira e Jackson de Figueiredo. O ideal de Plínio Salgado, na intuição destes tipos dispare e contraditórios, não poderia ser a disparidade e a contradição, mas uma saída para o equilíbrio e a harmonia, numa ascensão sempre mais acentuada para a tranquilidade do próprio coração. Atrás de todos os lirismos do ,O Estrangeiro', continuava a grande interrogação do ,porquê?' deste estrangeiro, deste caboclo, deste professor etc., do porquê da vida humana, do porquê da própria arte. Esta falta de unidade clara e luminosa tira imensamente do valor da obra estética e atira continuamente o leitor para o campo da psicologia e da paciência filosófica. E, sobretudo, centraliza a atenção para os problemas sociais, onde tudo parece concentrado, para as dores e alegrias da própria estesia.

O mesmo espetáculo, a mesma demanda, o mesmo ,porquê?' encontramos nos seus outros dois romances: ,O Esperado' e ,O Cavaleiro de Itararé'. Na intenção do autor trata-se também aqui de uma fixação estética, dentro da necessidade do tempo. Os requisitos subjetivos da arte não faltam: porque o autor se entrega livre e espontaneamente, se lança, por vezes, embriagadamente, como a torrente que transborda, inunda e alaga, à expressão de suas visões, mas o lado objetivo é um montão de estilhaços fumegantes, vivos e abrasados, que recordam vagamente uma unidade inicial, mas não

nos convencem da existência de um todo homogêneo e ordenado. Não há uma figura central que nos fique natural e espontaneamente na memória da alma. O que fica é um mosaico em que os engastes poderiam tanto figurar no centro como nas molduras. Não é o conteúdo nem a forma que nos implicam com a paciência, como acontece a outros, mas sim esta sem-cerimônia com que se é obrigado a ter a alma e os olhos, em cem lugares, ao mesmo tempo. Será isso uma nova arte? Então precisaríamos ter os olhos divinos! Algo semelhante está sucedendo nos últimos filmes franceses que estão tendo um sucesso que apenas atribuímos à novidade, como êste das 'Pérolas da Corôa'. A história de 300 anos de três grandes personalidades históricas: o Vaticano, a França, e a Inglaterra. E os respetivos Papas e Reis. As côrtes. Os amigos e inimigos. E as Rainhas, desde o primeiro dia do nascimento, com parteiros e enfermeiras, até a morte dos seus tataranteos. Com seus amores e desenganos. Tudo isso sincronizado... em três línguas. Além da língua do eunuco da rainha Candace, falada por uma rainha que se diz descendente da rainha de Sabá e faz um interessante negócio de pérolas falsas com um gentilhomen do Vaticano. Uma salada de puas estéticas com mólho de malagueta — diria, provavelmente, Agripino Grieco.

É claro que não estamos comparando os romances de Plínio Salgado com êste futurismo cinemático, mas mostramos, apenas, a analogia do princípio estético. Vimos já que Plínio Salgado reclama esta velocidade, simultaneidade, complexidade e dinamismo para o romance moderno²⁶⁴). Achamos impossível realizar, assim, aquela unidade orgânica, aquela integriedade harmoniosa da intuição artística. Algo igual à rotação e gravitação universal deve haver na obra da arte: sóis, planetas, luas e cometas. Se tudo quer ser o sól, tudo acaba em cometas. E os respetivos eclipses. Beleza é claridade com fulgor. E ordem: „parium dispariumque recta dispositio“. É uma questão de integralismo hierárquico. Sem hierarquia não há integralismo nenhum, nem estético.

Plínio Salgado, porém, possui o dom de totalizar e isolar esteticamente as partes. Isso salva as partes, ainda que ofusque o todo. A unidade se entrepercebe no pensamento do autor, mas não em sua obra estética, como tal. Vamos, pois, aludir, apenas, aos romances e depois centralizar no capítulo seguinte a concepção total do

²⁶⁴) Cfr. supra, pgs. 77—78.

autor, como ela pode ser formada pelas partes com sua exigência natural de unidade, e assim terminaremos êste ensaio: uma síntese da análise. A antítese virá de quem melhor o compreenda.

Como romances, os dois livros, já não poderão ter um enredo muito interessante e novo. Há uma porção de histórias mais ou menos interessantes. „O Esperado“ tem a sua nota relativamente original no „Club Talvez“, o clube dos inquietos e inadapatados, o clube onde, como em todo o livro, „passam vítimas e opressores. Chocam-se direções contrárias do Pensamento. É o drama do nosso Espírito. Onde não há culpados. Onde tudo é incompreensão“²⁶⁵). O autor procura „marcar tipos expressivos de uma sociedade angustiada... Na sua complexidade o livro exprime um conjunto de símbolos indicativos de diferentes fenômenos sociais, que correm, como rios, para um mesmo oceano“²⁶⁶).

Ao „O Cavaleiro de Itararé“... „não há considerá-lo outra coisa senão romance-folhetim, fita em série, como se diria agora. Enredo melodramático: o filho do pobre não tem quem o amamente; é levado subrepticamente à casa do rico, onde uma criança está para nascer; trocam-se as crianças. Daí tudo o mais até o duelo mortal em que dois irmãos se empenham, ignorantes dêsse laço de sangue, e terminado pela intervenção fatal, do filho do rico, que fôra criado como irmão do filho do pobre, então em luta com o seu irmão, falso filho do rico. O irmão do rapaz pobre é morto ao mesmo tempo por êste e pelo rico a quem substituiu no lar pobre. Terrível, tudo isso! E a mãe que se apaixona pelo filho, ou que supõe estar por êle apaixonada, quando será talvez o amor materno que obscuramente a inspira... E etc.“²⁶⁷).

Para nós todo êste enredo complicado é apenas uma camada fina de açúcar na pílula propriamente dita do romance. Basta dizer que do enredo exposto não aparece nenhum nexos com o título do livro: porque nem Teodorico, nem Urbano, nem Pedrinho é o Cavaleiro de Itararé. Chega-se ao fim dêste e do outro romance e não se sabe quem seja o Esperado e o Cavaleiro de Itararé. Duas incógnitas, que sob êste ponto de vista, desnivelam e desparelham o tríptico

²⁶⁵) Prefácio do „O Esperado“, S. Paulo 1931.

²⁶⁶) Id. ibidem.

²⁶⁷) Andrade Murici, „A Nova Literatura Brasileira“ o. c. gp. 387.

anunciada no 'O Estrangeiro'. Há cordéis ocultos que movimentam a alma do autor na agitação dos seus personagens que são apenas pretêxto, puro pretêxto para continuar a vida daquele personagem central do primeiro romance. Ivan estava morto na alma do autor que continuava vivo, mais vivo ainda, porque a filosofia de Ivan se fôra com a sua morte, no suicídio. A alma do autor renascia virgem da decadência vencida, sonhando um novo amor que se delineava nos contornos nebulosos do Esperado. E no Cavaleiro de Itararé o esboço se concretizava, trazendo a nova desilusão que fecha o livro, sem fechar, em noite, a alma do autor. Assim o tríptico tem sentido e tem unidade, mas tem-na na análise da alma do autor, que se aninha e se oculta, aquí e alí, positiva e negativamente na procissão dos seus personagens. O fim, *no sentido de resultado*, foi o sonho nacionalista e, por isso, a projeção política, mas o *fim formal* foi a perfeição própria nas asas da poesia.

É inútil negar-lhe, em tudo isso, o enlêvo, o arrebatamento de pura humanidade: ainda então quando se lhe devam negar outros requisitos de obra literária, objetivamente falando. Mas a comoção estética em Plínio Salgado, era a comoção de um espírito atormentado pela dúvida. Que culpa tem o poeta, repetimos, se o conteúdo é social e filosófico? Na ordem existencial, nenhuma. Que outros preferiram na ordem essencial, outros temas, outros conteúdos, é coisa dêles, que varia, por sua vez, e admite os degraus que medeiam entre Santa Teresa a Grande, e Zola. Ressalvadas sempre as relações *mediatas* que existem entre o belo, o bom e o verdadeiro! Plínio Salgado, ficando no tema social e filosófico, é antes digno de louvor, porque poetiza o seu tempo, tem a idéia do seu tempo. Ora, a expressão desta idéia — mais uma vez o repetimos — na alma do artista será estética, será intuição, na alma do filósofo será conceito, juízo e raciocínio. Num será a gratuidade do dom intuitivo, no outro o esforço do espírito especulativo. Num será a mística da união, no outro a ascese da mortificação espiritual. O que não exclue o tormento naquele, nem o gozo nesse. O mesmo mundo, o mesmo objeto, através de diferentes espelhos.

O grande azar de „Plínio Salgado — Poeta“, é o „Plínio Salgado — Político“, e vice-versa, como já dissemos. Sofre os efeitos retroativos do Político e os derivativos do Poeta. E' o Brasil brasileiro.

Assim mesmo, os críticos justos — ou, pelo menos, justiceiros — como Andrade Murici, não receiam o sacrifício de outras possíveis

simpatias políticas, ou de outros interesses nobilitantes, para reconhecer em Plínio Salgado um dos grandes artistas da literatura brasileira. E, por isso, vamos terminar o nosso com o juízo dêle:

„O que sim, até o fim o poeta lírico não o abandona. E é o que salva. Todo ‚O Estrangeiro‘ transcorre numa correnteza de alta exaltação lírica, numa ressonância franca de êxtase, numa bela certeza de ser voz de todos, de clamar em nome de uma alma ainda pouco consciente, mas arrebatada e confiante. A poesia de ‚O Estrangeiro‘ talvez indique um caminho para os desejáveis ‚Veddhas‘ dêste mundo novo. É poesia que toca nas fímbrias ásperas do interesse político puro, sem perder, por isso, suas cores de juventude. Dessa poesia é constituído o melhor de ‚O Cavaleiro de Itararé‘⁽²⁶⁸⁾. O mesmo, o grande crítico deveria dizer do ‚O Esperado‘. Há mesmo capítulos que são obras primas, em três páginas, como aquele ‚Miserere mei‘⁽²⁶⁹⁾, em que Avelino Prazeres „cortava as últimas amarras que o prendiam ao mundo brilhante.“ Tudo naquele estilo peculiar de Plínio Salgado, um estilo que torna diáfanas as próprias trevas, que diviniza os episódios mais corriqueiros, que nos torna palpáveis e intuitivas as cenas mais divinas.

Em suma: quando se prescinde da evolução ulterior de Plínio Salgado, como político, e se pensa que o autor do ‚O Estrangeiro‘ tinha apenas vinte e sete anos ao escrevê-lo, pode e deve dizer-se que êste primeiro grande passo foi mais o prenúncio de um grande romancista, de um grande poeta, de um grande literato, do que dum político no sentido contemporâneo desta palavra, no sentido contemporâneo... e eterno da política humana. Sempre humana demais, para ser também divina, como é a verdadeira poesia.

Depois... as grandes idéias não costumam vencer com os homens que as apregoaram. Reclamam, pelo contrário, e quase sempre, o seu sacrifício, que Plínio Salgado reclama em todos os seus livros. „A vida só vale a pena de ser vivida em atos de sacrifício⁽²⁷⁰⁾. „O principal é agir com a consciência de Bem. Mas essa consciência deve ser profunda para que a inspiração ocorra nos momentos decisivos. De certo, que a verdade só se possibilita no desinteresse, portanto, no sacrifício. Renunciar é a única maneira de vêr

²⁶⁸) Andrade Murici: „A Nova Literatura Brasileira“, pg. 386.

²⁶⁹) ‚O Esperado‘ pgs. 335—338. Confira-se no mesmo romance o cap. 37: „Olhos na Treva, Vozes na Tempestade“. pgs. 359—378. O cap. 7: „A Batalha dos túmulos“ pgs. 63—69. E tantos outros!

²⁷⁰) ‚O Cavaleiro de Itararé‘ pg. 341.

claro²⁷¹). Assim é quase toda aquela „Mensagem na Semana Heróica“, em que Plínio Salgado recorda a morte do Mártir do Gólgota: „Ora, toda a lição de coragem está na morte do Nazareno. Porque a verdadeira coragem não é sair armado para encontrar outro homem armado, mas é sair desarmado para morrer²⁷²). „A linha de equilíbrio entre a justiça e a misericórdia, entre o coração e a razão, entre a bondade e a violência, entre a brandura e a energia, entre o perdão e o castigo, entre a humildade e a autoridade, nunca teve um desvio de um centésimo de milímetro na vida extraordinária do Inocente Imolado aos pecados do mundo²⁷³).

²⁷¹) Ibidem, pg. 396.

²⁷²) Plínio Salgado: „Cartas aos Camisas Verdes“, Rio de Janeiro, 1935, pg. 135.

²⁷³) Ibidem, pg. 138.

VI

Os últimos valores do Nacionalismo de Plínio Salgado.

Se, agora, em forma de conclusão, procurarmos, resumir e analisar o pensamento central de Plínio Salgado, poeta e pensador, deve-se dizer que a sua grande paixão, o seu grande pensamento é a criação e a glorificação da mais pura nacionalidade brasileira. Plínio Salgado é um nacionalista apaixonado, sem ser extremista, sem ser exclusivista, sem ser chauvinista: „Que queremos nós? Uma Pátria cristã; paz nacional pelas funções políticas das corporações; o respeito às autoridades oriundas não das trevas das revoluções e das traições à palavra dada, mas oriundas das claras e solares campanhas de formação da consciência popular: a disciplina nacional; o prestígio do Brasil no Exterior; a consciência do dever para cada um, da dignidade e liberdade da pessoa humana; a grandeza da Nação, fundamentada na trilogia sagrada: — Deus, Pátria e Família“²⁷⁴).

Estas palavras consubstanciam o objeto próximo e remoto do nacionalismo de Plínio Salgado, mas como o seu tom é de propaganda e de caracter acentuadamente político, preferimos refugiar-nos à teoria pliniana da nacionalidade, e ficar nas razões gerais do objeto da nacionalidade. O objeto da nacionalidade brasileira em Plínio Salgado abrange os dois elementos essenciais e indispensáveis de toda a nacionalidade: o elemento objetivo, o espaço, e o elemento subjetivo, a consciência.

Menos focalizado pelos filósofos do fenômeno nacional, o espaço, a região, a terra, é êle, entretanto, um dos fatores essenciais para a constituição duma nacionalidade. Nos livros — especialmente nos romances — de Plínio Salgado, êste elemento entra com tanto poder de sugestão, de síntese, de vida, de equilíbrio e harmonia, que todo a obra poética, não teria quase significação nova nenhuma, se alí faltasse! Machado de Assis, Coelho Neto, Afonso Arinos, José Veríssimo, Alencar e outros, encontraram em Plínio Salgado a síntese.

O que êsses descortinaram com simplicidade, equilíbrio e elegância da terra carioca, dos verdes mares bravios do norte, dos desenhos incomparáveis do nosso sertão e dos nossos campos, batidos de sol, em que vibra e palpita a natureza virgem da nossa terra, da alma cabocla, embebida de mágua infinita e de doce resignação, de silêncio

²⁷⁴) Ibidem, pgs. 136—137.

e nostalgia; o que aqueles diziam das magnificências das regiões amazônicas, dos infernos verdes das nossas florestas, o que Euclides realça das caatingas e dos vaqueiros e Monteiro Lobato simboliza no geica com a ironia do seu estilo privilegiado: tudo isso, Plínio Salgado, resume, às vezes, em duas ou três linhas.

Esta alma, digamos geográfica, se torna brasileiríssima na alma de Plínio Salgado, e se se compreende que a relação entre o meio e o artista, não seja uma simples imaginação da crítica, — porquanto o poeta é o ser que fala em lugar de tudo que cala em torno dêle, — se se afirma que Machado de Assis não se compreende de todo sem o Rio, Euclides sem os sertões, Lobato sem o geica brasileiro — então Plínio Salgado não se entende sem o Brasil²⁷⁵).

Ao elemento formal extensivo e centrífugo da nacionalidade, isto é, ao espaço, à região, à terra brasileira, como *brasileira*, contrapõe-se, no conceito da nacionalidade de Plínio Salgado, o elemento formal intensivo e centrípeta: a consciência da nacionalidade²⁷⁶).

A última razão formal da nacionalidade é também para Plínio Salgado: a comunhão duma cultura igual e a comunhão de um destino histórico comum. Por destino entendem-se fatores e fatalidades históricas que se verificaram e continuam a atuar no presente.

O conhecimento subjetivo e individual desta realidade objetiva comum e superindividual, sentida, e vivida nos diversos indivíduos que compõem um povo, é a razão e o objeto formal da própria nacionalidade

Tanto o „O Estrangeiro“ como os outros romances e livros doutrinários de Plínio Salgado, não passam, em sua última análise, do gigantesco esforço fenomenológico — estético — filosófico de precisar estes elementos decisivos para a nacionalidade brasileira. A unidade histórica e a unidade cultural, entretanto, não excluem em Plínio Salgado, a unidade biológica, a unidade linguística, a unidade religiosa.

Estas três unidades não constituem *primariamente* a nacionalidade e não se isolam como categorias formais independentes e autônomas dentro da nacionalidade, mas acentuam, suavizam, garantem e cimentam a subsistência e durabilidade do objeto formal

²⁷⁵) À guiza de exemplo, apontamos o cap. XIX do „O Cavaleiro de Itararé“ pgs. 231—251. Melhor ainda o cap. XV ib. pgs. 197—208. Cfr. cap. XXV do „O Esperado“ pgs. 235—248. Cap. X do „O Estrangeiro“ pgs. 83—86; cap. XXIV pgs. 185—189 ibidem. E quase todo o livro: „Cartas aos Camisas Verdes“ o. c. Melhor ainda o dirá o novo livro anunciado: „Geografia Sentimental“. Teoricamente fala sobre este assunto no: „Despertemos a Nação“ o. c. pgs. 35—42.

²⁷⁶) W. Schmidt: „Rasse und Volk“, o. c. pg. 84.

propriamente dito: sim, tornam-se, por sua vez, uma parte integrante do próprio objeto formal.

Já falamos da língua e de sua autonomia relativa segundo o parecer de Plínio Salgado. Opõe-se êle aos dois extremos: à escarvidão lusitana e à licença futurista. „O que eu quero frisar é a situação em que nos encontramos, em face de todas as outras línguas, dispondo, como dispomos, de palavras mal brotadas do contato entre o homem e a terra, com caracteres onomatopaicos ou sínteses de impressões numerosas, portanto dinâmicas e vivas, em contraste com aquelas oriundas de analogias verbais ou convenções assentadas em accepções clássicas, transformadas em código de expressões tão inexpressivas como os códigos telegráficos. No tocante à sintaxe, podemos afirmar que temos uma em formação, com acentuada tendência brasileira. Se não há uma unidade absoluta na forma expressional, há uma identidade perfeita no processo de composição. O fato é que existe um substrato americano desperto, sob as nossas aparências regionais, e êle é tão positivo como o espírito de unidade política, a indetentidade moral e sentimental da raça brasileira⁽²⁷⁵⁾.

Mas, logo, em seguida, êle acrescenta: „É preciso evitarmos um grave erro, que envolve o desvirtuamento da função da arte e peca pela maior das insinceridades. Refiro-me ao caso de adotarmos uma forma de expressão que utilize, exclusivamente, os elementos nativos, com busca premeditada dos erros. Uma língua não se derruba como quem derruba um govêrno. Um govêrno cai com um motim militar: mas uma forma verbal se transforma no tempo. Não compete à nossa geração dar ao Brasil a língua brasileira. Somos precursores e não sabemos que formas resistirão e ficarão⁽²⁷⁸⁾.

²⁷⁷⁾ Da Conferência: „A Anta e a Curupira“ pronunciada, em 1926 e publicada no „Despertemos a Nação“, o. c. pg. 42.

²⁷⁸⁾ Ibidem, pgs. 43—44. Insurge-se aí contra os extremos do modernismo e observa muito bem: „O primitivismo buscado pelas novas correntes literárias européias, o regresso aos materiais preconizado por vários grupos, em nações velhas, é cousa puramente artificial, ao passo que, entre nós é apenas a aceitação de um fenômeno já existente. O Brasil é uma criança; e seria humorístico uma criança gritar: quero rejuvenescer-me“. Sobre o mesmo tema da língua brasileira, pensa o já citado autor de „O Português do Brasil“ o. c.: Renato Mendonça: um dos grandes pioneiros da Geografia linguística no Brasil: pensa que o „português do Brasil“ já é „nosso idioma“, „idioma nacional“, „língua nacional“. „A expressão do brasileiro, a emissão dos sons, a pronúncia característica, o vocabulário corrente, a própria coordenação das palavras na frase representam a feição própria, cada vez mais acentuada, de um novo idioma.“ (Do Prefácio) Tudo isso é verdade, que já não admite discussão. Se os nossos escritores já escrevessem naquela linguagem brasileira de „As Treis Lagrimas“, que o autor vulgariza tão oportunamente, (pgs. 328—331) como flor mimoso do dialeto caipira, então não resta dúvida que a língua já seria nossa, nossa especificamente.

Vê-se claramente que estas ponderações completam aquelas que acima lembramos sobre o binômio língua e nacionalidade. O mesmo se deve dizer sobre o binômio: nacionalidade e unidade biológica. Plínio Salgado considera esta questão, sempre sob dois aspectos: o político e o estético.

So o ponto de vista político êle toma o Brasil, como êle é, na sua heterogeneidade antropológica: os brasileiros são filhos de todas as procedências. Por isso, entre os princípios básicos que foram aprovados por todos, que, em 12 de Março de 1932, pertenciam à 'Sociedade de Estudos Políticos', donde saiu a „Ação Integralista Brasileira“ há sob o no. 8 este item: „Somos contrários a todas as doutrinas que pretendem crear privilégios de raças...“²⁷⁹⁾ O mesmo pensamento se repete inúmeras vezes, em quase todos os seus livros doutrinários, especialmente em „Trechos de Uma Carta“, publicada em Maio de 1936, onde diz: „O problema do mundo é ético e não étnico“²⁸⁰⁾.

Esteticamente falam melhor as suas próprias palavras do que uma síntese posterior.

„Mas o Brasil tinha um povo, ou o material para a composição de um povo? Havia uma raça? ... O Brasil constituia certamente o rendez-vous das Êras Humanas. O diálogo de atabaque da cadência africana do Congo e de Guiné e dos rufos chocalhantes dos ritmos tambores, onde a voz das cantigas da nau catrineta se alongava nas distâncias continentais. Os elementos para a personalização de um povo...“²⁸¹⁾.

O poeta Américo do „Club Talvez“ diz: „O brasileiro é uno e indivisível. A eucaristia do sangue no tumulto difuso das terras. Nas grandes capitais, temos o drama complexo, tecido com os elementos de todos os pequenos dramas. Nós somos como um caramujo, onde cantam as vozes em conflito do mar“²⁸²⁾.

O capítulo VII do „O Estrangeiro“ traz o sugestivo título: „A Batalha dos Túmulos“, cujo final aqui transcrevemos:

„... Uma grande tristeza entrou no coração de Edmundo. E todas as raças de que viera pararam indecisas, no bico da sua pena. Todos os túmulos esperaram a palavra do vivo.

Porque era a sua palavra.

Os avós desfilavam...

²⁷⁹⁾ Do livro „Plínio Salgado“, o. c. pg. 7.

²⁸⁰⁾ Da Rev. „Panorama“ Ano I Nos 4 e 5, Maio de 1936, pg. 4.

²⁸¹⁾ „O Esperado“ o. c. pg. 324.

²⁸²⁾ Ibidem, pg. 292.

O Conde de Beesberg, fez uma reverência e desapareceu:
O judeu polaco, numa funda curva afastou-se;
o velho pagé foi-se apagando, apagando . . .;
arrastando as esporas pé de chumbo, sumia-se na treva o beirão
sargento-mor;

a treva corporificou-se num instante, sorriu meiga: „São Cristo“;
e desfez-se num halo de luz — buona sera!

No bico da pena ficou o imenso desamparo dos túmulos. Mas brilhou logo a vida, que vinha dêles, isenta de todos os prejuizos. Nesse momento, Edmundo teve a visão de toda a alegria e de toda a dor da humanidade. E sentiu o raro momento em que as raças e as civilizações se anulam, para, que o Homem possa ver a vida em toda a plenitude. Êle era o Homem Sem Reminiscências. Já não via nem Nações, nem Pátrias, nem Filosofia, nem Raças.

Era puro como a água²⁸³⁾.

Mas à voz profética dum herói, em conflito comsigo mesmo, Plínio Salgado opõe o realismo lírico que edifica, que consilia: opõe o convívio das almas que harmonizam, através do espírito e dos corações. E fá-lo com aquela singeleza que recorda as parábolas do Evangelho. Para não alongar-nos em citações, lembramos, apenas, uma destas „parábolas“, no diálogo da italiana Maria Antônia, Cencetta e o preto Mingote, do capítulo VI do „O Estrangeiro“²⁸⁴⁾. E lembramos o poeta-filósofo Maranduba do „O Cavaleiro de Itararé“²⁸⁵⁾. E, finalmente, como resumo lírico de tudo, o capítulo XVI do „O Estrangeiro“²⁸⁶⁾.

A terceira unidade subsidiária da nacionalidade é a Religião, mas esta deixamos, para um estudo à parte, e, na sua significação essencial, já foi considerada, nos livros doutrinários de Plínio Salgado.

A unidade histórica e a unidade cultural, como elementos formais estão intimamente ligados entre si e se condicionam reciprocamente. Os livros poéticos e doutrinários de Plínio Salgado são realmente um estudo sobre a história e a cultura brasileira, nos seus aspetos positivos e negativos. Ainda aquí Plínio Salgado considera os dois fatores sob o ponto de vista estético e político.

²⁸³⁾ Ibidem, pg. 68. No mesmo livro: „A grande Marcha“ pg. 111; no „O Estrangeiro“ cfr. pg. 115 e pg. 183.

²⁸⁴⁾ „O Estrangeiro“ pg. 58.

²⁸⁵⁾ „O Cavaleiro de Itararé“, especialmente o cap. 23, pgs. 287—302. Cfr. ib. pg. 133, 135, 136.

²⁸⁶⁾ „O Estrangeiro“ pg. 130.

Lembramos apenas o lado estético e o modo especioso e novo de tratar o assunto. Só os consagrados na História do Brasil poderão entendê-lo em sua originalidade e sugestão:

„Cotegipe e Rio Branco brigaram. E houve um mulato que se chamava Luiz Gama e estudou debaixo dos lampeões.

Tiroteavam espingardas no Jabaquara e os Palmares eram a história da Liberdade escrita com tinta preta.

Mas a princesa Isabel assinou o nome com uma caneta de ouro que lhe deu José do Patrocínio. Então disseram: „é a Redentora“!

E Antônio Bento recebeu uma manifestação de apreço no Largo da Pólvora, com iluminação enfumaçada de bambús estirados em forquilhas²⁸⁷).

O hino nacional e a nossa bandeira encontram o seu verdadeiro cultor naquêlê admiravel Juvêncio:

„... A bandeira flutuava — palpitante cabeleira verde — na ponta do caule esguio, que era um homem comprido e entusiasmado.

O gavião no alto — „pinhé! pinhé!“ — descrevia grandes círculos azues e as vozes afinadinhas:

„Ouviram do Ipiranga as margens plácidas“

„De um povo heróico o brado retumbante...“

Juvêncio vibrava. Nenhuma nota fora do compasso! Eram unísonas, como saídas duma só boca, de um só peito, de um só coração²⁸⁸).

Toda a história da vida colonial, do cativo e das fazendas estão numa pagina:

„Juvêncio descreveu a Ivan uma fazenda do império.

Clamor de condenados.

Casarão, carros de bois; chicotes, muitos chicotes, bacalhau, tronco, algemas de ferro. A caveira de boi e o mastro de S. João.

Homens de cenho duro, senhoras donzelas em redes de rendas, amores contrariados...

Moço doutor uma vez por ano com botas.

Angú, quindim, quingombô.

Batuques, no terreiro em tórno das fogueiras. Leitoa assada, Perú recheiado, doce de gila com açúcar preto. Furrundú.

Negros de olhos vermelhos, resmungando.

Senzala, mandinga, samba.

²⁸⁷) „O Estrangeiro“ pg. 38—39.

²⁸⁸) Ibidem, pg. 31.

Moleque, mocama, pilão, pirão,
Carapinha²⁸⁹).

Em outros lugares, Plínio Salgado, recorda às vezes, os bardos israelitas quando evocavam o passado do seu povo e da sua terra. O nascer e o morrer da vida com os seus dias plenos de claridades e harmonias, com as suas noites povoadas de agonias e desesperos, se revezam em eternas ascensões e descensões. A simplicidade, a quase vulgaridade da linguagem, longe de comprometer, em geral, a poesia do autor, reforçam-lhe a espiritualidade com aquela transparência indefinível que é o apanágio dos grandes poetas, que só se reeditam com novas visões na alma do leitor.

Mas há uma diferença entre um e outros, sobretudo no 'O Estrangeiro'. Onde o vate profético alçava o olhar para as estrelas do céu, Plínio Salgado o faz passear nas estrelas da terra: onde o salmista se curva aos decretos da Providência, Plínio Salgado se resigna à fatalidade creadora da natureza. Não é panteísmo materialista, nem é panteísmo idealista, mas também não é um teísmo cristalino, porque as facetas do engaste, aqui e ali, se entalham de coloridos estranhos e, às vezes, puramente humanos²⁹⁰).

²⁸⁹) Ibidem, pg. 38.

²⁹⁰) É iniludível a influência de Graça Aranha sobre Plínio Salgado. No seu suave e melancólico: „A Estética da Vida“, (Rio e Paris 1921) Graça Aranha é o vidente das razões de decadência, que se lhe antolham invencíveis pela desproporção entre o sentir subjetivo e a ambiência geográfica. Aquêlé é artificial, porque é demasiado europeu, demasiado culto, enquanto o elemento objetivo, telúrico, é ainda informe, caótico, tropical. Daí a causa principal, essencial, da melancolia — não pessimismo — brasileira, filha dêste mundo brasileiro, amigo e inimigo do homem, ao mesmo tempo. „O homem brasileiro é melancólico e a sua tristeza se exprime pela voz da poesia.“ („A Estética da Vida“ pg. 110) Quando se afirma ou insinua (cfr. cap. I) que Graça Aranha aderiu a movimento modernista no Brasil, por uma espécie de complacência paterna, isso é falso. Aderiu por um imperativo intrínseco da sua filosofia da vida, que, para êle, acaba sendo sinônimo da estética da vida: no que não deixa de ter razão, se não no sinonimato das duas, pelo menos na dependência intrínseca de uma e outra. (Graça Aranha, infelizmente não conseguiu emanipar-se da filosofia monista, pelo menos em teoria. cfr. pg. 21. A Estética da Vida.) O modernismo o terá desiludido, porque êste, nos seus excessos, foi calculado e não espontâneo: os seus portadores fingiram o primitivismo e pareceram carros de bois em ruas asfaltadas: o pêndulo atingia o extremo oposto, o que já não era mais possível intrínseca e esteticamente. O golpe, porém, foi salutar e eficaz, como se vê do próprio P. Salgado. Quebrou-se o feitiço transoceânico e bateu-se — em geral com mais barulho do que estesia — o caminho tropical e subtropical brasileiro. Graça Aranha é o termo maior dêste silogismo, onde o termo médio é o Brasil primitivo e bárbaro, com cara européia. Plínio Salgado, na menor, amplia o conceito da comparação e procura o conúbio problemático dêstes extremos pela afirmação categórica da vontade creadora. Mas, em suas últimas razões de afirmação para,

Mas isso nos levaria ao problema religioso, não como fenômeno essencial da nacionalidade, mas ao problema religioso na mente do autor. E, aquí, resumindo mais uma vez, podemos, apenas, dizer que o valor religioso já subiu nele o processo dialético, entre o grau da fé, como fé, e a admissão dela por razões imediatamente intelectuais. É espiritualismo verdadeiro, mas por motivos racionais e não sobrenaturais. É o fenômeno, senão exclusivamente brasileiro — da intelectualidade brasileira — então precipuamente latino, fenômeno psicológico que não deixa a alma despir-se totalmente dum passado vivido para substituir-lhe um coisa inteiramente nova, mas nega-lhe a atualidade atualizante, relegando-o, como reserva, aos meandros do subconsciente ou como esteio concomitante duma nova atitude espiritual. É bem a história do Brasil.

Mas a história, o passado do Brasil, aflora com novas tonalidades em Plínio Salgado, quando nele se estuda o outro e supremo elemento do objeto formal da nacionalidade: a comunhão duma cultura geral.

É o seu lado negativo, feito de angústias e de sonhos, em face dos estilhaços culturais que a explosão da crise moderna, necessariamente trágica, espalhou como os proféticos ossos ambulantes de Ezequiel. Há uma certeza incerta, porque se precisa ter, por bem ou por mal, uma certeza: há um subconsciente que percute incessante a crusta engerida da consciência desmantelada; uma ânsia de asas para voar, um deleite amargo na própria aflição do espírito, a afirmação no desespero, a luz vagante nas trevas, o fiat incipiente no caos.

E „Evangolino Tupan procurava na música os elementos indicativos da unidade humana vertidos sob a feição nacionalizante da terra e os imperativos do sangue aborígine. Pesquisava na música brasileira, o sentimento da alma brasileira... sentava-se ao piano e no seu desespero, via coincidir muitas vezes a linha do seu pensamento musical, com a linhas eternas das imagens eternas de Bach, de Wagner, de Beethoven, e ele se afastava para continuar o seu caminho e notava que misteriosas atrações o seduziam para a liberdade de vôos imprevistos, das fugas que traduziam situações imutáveis da humanidade em marcha...“²⁹¹).

teoricamente, a dúvida que, em Graça Aranha se transforma, contra a intenção do autor, num Nirvana nebuloso, mesmo quando o nega, (cfr. A Estética da Vida: os 2 primeiros tratados) e, em Plínio Salgado num monoteísmo impreciso, teoricamente falando. Os dois, porém, serão eternamente brasileiros. E êsse é o seu maior elogio e glória.

²⁹¹) „O Esperado“ o. c. pg. 324—325.

Ou então se delicia na sugestão das cores, dos sentidos, na pintura, na tela de Bauer, onde o pintor pusera... „uma massa cinzenta, escura, de planuras onde ondulavam cômodos imprecisos e sombras de árvores sem individuação: um céu de nuvens paradas, pardas, de traços opressivos... Largos panoramas de planalto central das descrições emormaçadas de imprecisão das distâncias das telas apocalípticas de Euclides da Cunha...“²⁹²)

A própria frase procura refletir na sua cadência emaranhada, de tombo em tombo, de tropeço em tropeço, a nebulosa de espirais confusas, a ignota mas sentida alma cultural brasileira. E a obra, sobretudo romântica, de Plínio Salgado, apresenta mais esta feição característica: é um tactear, um sentir, um palpar, um diagnosticar dêste misterioso „quê“ que não seja europeu, asiático, africano, ameríndio, mas brasileiro.”

Para o europeu que parte de categorias feitas, de conceitos que elevaram a sua cultura aos mais altos requintes, este „quê“ cultural, possível e plausivelmente, se resumirá no espetáculo variado e bizarro, do encontro da cultura européia, com a barbárie africana e ameríndia: a suprema positivação dum estádio quase petrificado de supercultura, em face da ausência saárica de elementos propriamente culturais ou civilizatórios, nos autóctones brasileiros e nos negros importados da África.

Mas ao próprio Plínio Salgado aconteceu o que êle observou no artista principal do „O Esperado“, o poeta Tupan: a linha de sua visão brasileira coincide, a cada passo, com as linhas eternas das eternas aspirações da cultura européia.

Atrás desta visão, entretanto, se adentra a verdadeira distinção entre uma e outra cultura. Esta distinção é mais um fenômeno subjetivo: a consciencia da mocidade da nação brasileira e sua missão preternacional na história do mundo. É o filho e os impulsos da primavera, em face do pai e das cans veneráveis da experiência, que o outono esparziu na frente venerável do europeu. Infelizmente, entretanto, e como parêntesis, o pai só reconhece a paternidade no positivo e, ainda, aquí, se transforma, muita vez, em padrasto, que não conhece o sorriso bondadoso da compreensão da sabedoria, tornando-se, êle mesmo, moleque que não parece ter ouvido falar da generosidade socrática que acaricia para corrigir, para animar, para estimular e perdoar.

Em ultima análise, porém, o fenômeno brasileiro, é na concepção de Plínio Salgado, a sedimentação do mais sentido romantismo, pela simbiose dos dois aspetos romanticos que se parecem

²⁹²) Ibidem, pg. 322.

elidir: o nacional e o internacional. Prescindindo dos imperativos, hoje chamados, geopolíticos, uma nação vale sempre tanto quanto os seus expoentes valeram na escala axiológica dos elementos culturais. É só assim que uma nação alcança a sua verdadeira projeção internacional e histórica. E é também assim, que a consciência de uma missão brasileira no mundo, uma missão preternacional, preter-brasileira, se torna profunda e caracteristicamente brasileira.

Quais são estes supremos valores da cultura, preconizados pelo romancista Plínio Salgado?

Ainda aquí Plínio Salgado não procura o ineditismo. A sua intuição se agita entre as duas paralelas do espírito e da matéria: o ser humano, debatendo-se nas polaridades eternas da vida humana: a luta entre o ideal e a realidade. Não há valores ou verdades inéditas: são as mesmas virtudes e vícios que criaram e cimentaram, que ameaçaram e destruíram as grandes culturas de todos os tempos. A novidade está apenas no colocar e adaptar o passado grande da Europa e das Eras humanas ao presente grande e complexo da atualidade brasileira. Está ainda no método singular de revestir os personagens de virtudes positivas com um ar de ridículo, de cômico, de quixotesco propriamente dito: o insucesso e o desânimo se revezam com os impulsos sempre renovados nas energias inextinguíveis destes corações vulcânicos: Plínio Salgado, como procuramos analisá-lo!

Mas nestes complexos de contingências variáveis, há sempre um fundo de estabilidade absoluta, onde brilham valores imutáveis, que estribam toda e qualquer unidade cultural. Vamos exprimir estes valores em três diferentes mentalidades, porque, afinal, três grandes tipos de mentalidade garantem a sobrevivência, a vitória do espírito sobre a matéria: O Sábio, O Santo e o Herói.

Os três proclamam a posse da liberdade e da disciplina. Citemos, ao acaso, três nomes do "O Cavaleiro de Itararé": Maranduba, Frei Chico, e Urbano. O filósofo, o padre e o soldado. Outros dos outros romances correm-lhes paralelos, mas sempre com variadas modalidades: ora o professor, ora o operário: aquí o caboclo, ali o empregado público, acolá a mãe, a boa dona de casa, a boa esposa, como esta admirável Júlia, com 11 filhos no lar humilde de Capistrano. Nomes como Tinhorão e Adelina na ilha de Fernando Noronha, Elisa, Juvêncio, Zé Candinho, Nhô Indalécio, Mondolfi e muitos outros são todos comparsas da sabedoria, da santidade, do heroísmo.

Os três reclamam o mais alto grau de domínio sobre si mesmos, para a liberdade de suas almas. O sábio se torna livre pelo espírito,

o santo pela renúncia, o herói pelo sacrifício no ato heróico. Urbano ponderava: „Dominar pelo sacrifício é a única maneira de perpetuar o domínio“⁽²⁹³⁾. Frei Chico, „passava por maluco, um padre reles e insolente que parecia ter saído das profundas revoltas da canalha das ruas.“ „Sua aparência“ — diziam — „é a de um anárquico, um desorientado do livre exame, com muitos caracteres dos revolucinários da Comuna!“ A essa observação respondia o Frei lembrando que nada se parecia mais com o Diabo do que o „Poverello“ de Assis, e que a diferença estava⁽²⁹⁴⁾ na linguagem de orgulho do primeiro e na da humildade do segundo. E organizava operários, rodeava-se de crianças, acudia aos enfermos, confortava os atormentados, iluminava os desesperados.

Esta síntese trinitária é nota marcante de todas as grandes culturas que até hoje brilharam na História. E, sobretudo, o distintivo verdadeiro de toda a cultura ocidental. Nas próprias culturas da antiguidade, da Ásia, da América, nas culturas de feição confusiana, brâmane e até maometana, são também estes — em conjunto ou em parte — os últimos valores no que eles tem de estável e imperecível.

Se, contudo, na análise destas outras culturas, se podeira ser de outro aviso, não há dúvida aqueles valores foram e ainda são a essência de toda a cultura greco-romano-medieval-cristã. Em modo geral se pode dizer que o Helenismo creou o sábio, o Cristianismo o santo, a Idade-Média a vida cavalleiresca, com os seus heróis. Não se isolam, entretanto, nem se destacam os três tipos. Os três se interpenetram. Já nos estoicos e nos gnósticos, já nos sábios antigos se encontra o santo e o herói, como no santo do Cristianismo se encontra o sábio antigo. E o herói está nas três idades⁽²⁹⁵⁾.

²⁹³⁾ „O Cavaleiro de Itararé“ pg. 397. Cfr. pg. 396 e a pg. 341.

²⁹⁴⁾ Ibidem, pg. 332. Na página anterior, Plínio Salgado, analisa a interessante figura do cônego Oliveira. A figura de Frei Chico, parece quase uma fotografia perfeita do imortal Padre Faustino, ora já falecido, de S. Paulo. Ele tinha a santidade, a sabedoria e o heroísmo, ao mesmo tempo, e ao lado de D. Miguel Kruse e monsenhor Chico Rodrigues, forma em S. Paulo o tríptico mais significativo dos grandes clérigos mortos no último meio século. A estes três veio agora, ajuntar-se a figura imortal do grande Arcebispo, D. Duarte Leopoldo e Silva, falecido quando estas páginas já estavam escritas.

²⁹⁵⁾ Não se identifica, essencialmente, o „santo“ do Cristianismo com o „santo“ do paganismo. Num, teologicamente falando, a santidade supõe a posse da graça santificante, fruto da Paixão de Cristo. Nos dois, entretanto, a santidade é a bondade moral que consiste na reta relação com o fim último do homem. Entretanto, o santo de que aqui falamos é aquele que se manifesta extrinsecamente pela pureza e integridade da vida e dos costumes, habitual e extraordinariamente.

Desde então a cultura humana, no que tem de essencialmente cultural, isto é, no que tem de espiritual, cresceu e decresceu na proporção em que se afastava ou avizinhava destes três tipos. O seu ser ou não ser, está em razão direta com o asserto de que a sua realização seja ou não, o ideal, o dever, o apanágio dos indivíduos singulares dentro da comunidade.

Os três tipos marcam as personalidades de qualidades positivas nos romances de Plínio Salgado. Nobilitam os indivíduos e lhes discriminam a personalidade. Quanto mais profundamente se separarem, ou, pelo menos, se distinguirem estes ideais das suas contrárias, tanto mais marcante e mais profundo se torna, o Espírito, a Liberdade e a Personalidade: tanto mais característico se torna a síntese do ideal ocidental e mais nobres os valores da axiologia do autor.

Nem sempre, Plínio Salgado, sustenta o traço retilinear desta síntese nos seus personagens. Mais realista que representativo, o seu romance empresta, às vezes, ao tipo mais surrado moralmente, os dons esparsos que simbolizam aqueles três protótipos culturais. Urbano assume, por vezes, o sorriso irônico do céptico, Ivan a atitude do santo, Elisa as hesitações da hetaira.

E o artista, e o poeta, que lugar ocupa nesta trindade? O artista é o pontífice máximo e o acólito mínimo nesta hierarquia da santidade, da sabedoria e do heroísmo. Participa dos três, como cantor da beleza, porque todo o ser encontra o seu aperfeiçoamento, a sua coroação na beleza. Mais belo ou menos belo será sempre, neste mundo, um juízo empírico: estará acima ou abaixo do verdadeiro, do santo, do heróico, mas estará sempre com êles, inelutavelmente ligado com êles, contra a asserção de todos os idealistas puros: está nos sentidos, no coração, na vontade, no espírito, e também no espírito puro. Como valor espiritual, a beleza é o brilho, a evidência, o fulgurar subitâneo da ordem cósmica, o esplendor da verdade, sempre presente, mas visível só ao espírito intuitivo, cuja função e missão é, tornar visível, também aos outros, a sua intuição, por imagens abreviadas, isto é, nas obras de arte.

A consciencia dum ideal comum de cultura, culminando naqueles três índices de eterna espiritualidade humana: um ideal comum, individual e superindividual: o ideal duma comunhão

de pessoas, dentro do espaço limitado dêste mundo: o desejo da posse solidária dêste ideal, como imperativo iniludível para a sua projeção histórica e supernacional, eis aí a síntese do nacionalismo de Plínio Salgado. O autor *esboçou-lhe* as fulgurações positivas pela elevação das supremas categorias do espiritualismo do Ocidente.

Mostrando, entretanto, êste ideal na sua realidade contingente, dentro de um país-criança e cheio de contradições, êle cria na consciência dos seus leitores patrícios um ambiente revolucionário interior, que está longe da técnica dos revolucionários extremados, um ambiente de crítica condescendente e simpática para os governos que não são outra coisa que o reflexo das virtudes e desvirtudes dos próprios filhos na idade estouvada da mocidade. E aí, como símbolo de irresistível atração e simpatia êle criou aquela venerável figura de paulista: Rodrigo Jorge, antena que capta a sinfonia complexa da sugestiva e violenta alma brasileira: cheia de repentes que oscilam entre os extremos das virtudes e dos vícios capitais²⁹⁶). A realidade contingente e tantas vezes contraditória cria insensivelmente no leitor a consciência dos desvalores contrários daquele supremo ideal: desvalores que correm sempre paralelos com os seus valores correspondentes: entrecruzam-se, abraçam-se, repelem-se, aniquilam-se. A vida humana: a árvore do Bem e do Mal.

O ideal nacionalista de Plínio Salgado é simples para enunciá-lo, É a atualização do passado cultural das outras nações, no que êste passado tem de eternamente humano, sobretudo a atualização da cultura ocidental. Tudo isso projetado para um futuro próximo, amando e cultuando o passado brasileiro que, se não tem índices tão alevantados de cultura espiritual, como os velhos países da Europa, tem pelo menos fortes caracteres e grandes índices de individualização, especificamente brasileiros, que lhe advém da aproximação das diversas raças, das diversas culturas, sintonizadas ao sôpro de um novo clima, de novos fatores geográficos e de um consequente modo de sentir individual diverso em face do mundo.

Todo êsse panorama apontado como específico, — senão, de fato, pelo menos na aspiração imediata, — produzirá, necessariamente, novos Plínios Salgados, não só na arte e no estilo, mas também nos outros ramos da cultura humana. Cêdo ou tarde, estes novos espíritos hão de celebrar a sua epifania no mundo: será a epifania da nacionalidade brasileira: fixada com tanta paixão, com tanto amor e sacrifício pelo autor do 'O Estrangeiro'.

²⁹⁶) ,O Esperado'. O capítulo XXXVII: „Olhos na Treva, Vózes na Tempestade“ é um dos mais belos que saíram da pena de Plínio Salgado.

Quando Platão no 'O Banquete' investiga a essência do amor, — a verdade, em seus últimos eflúvios, não se distila dos lábios imediatos de Sócrates, mas dos lábios de Diótima, a vidente da Mantinéia. Assim também em Plínio Salgado, o ideal dos valores individuais, não desabrocha das palavras do filósofo Maranduba, mas da intuição caseira da mulher brasileira, da mãe de Maranduba. É ela que aponta o supremo elo onde se devem engatar todos os outros valores, para não se desvalorizarem a si mesmos.

„Pedro Maranduba, aos cinco anos, ouvira o Hino Nacional tocado por um realejo, que um cego fazia cantar na manhã clara de sol. Ficou patriota porque o velho Maranduba lhe explicou que aquela música era a alma do país.

Que linda e gloriosa aquela estupenda manhã da revelação da Pátria! O céu, de um azul puríssimo, coroava as montanhas verdes da pequenina aldeia. Os passarinhos atroavam o espaço como um cântico de aplausos. Longe, o gado branquejava pelas encostas. E as casas, com as vidraças rebrilhando, e os caboclos de chapéu de palha, cavalgando seus potros. As laranjeiras verde-amarelas eriçavam-se de pipilos; cigarras ovacionavam as campanhas borreadas de flores azues e vermelhas.

E o pequeno Maranduba compreendeu que era uma parte em tudo aquilo, e quando o pai lhe explicou que estavam no Brasil e que êle era brasileiro, sentiu a música do cego e tornou-se nacionalista exaltado.

Então, vieram histórias heróicas das guerras, estrondos nos campos de Curupaití. Vieram figuras de bravos: Ozório de peito engomado, Caxias com suas medalhas, Tamandaré de barbas brancas. Poesias de Gonçalves Dias e de Casimiro de Abreu. E do sr. D. Pedro II. A mãe de Maranduba dizia-lhe:

— Abençoados os que morrem nos campos de batalha, desfaldando a bandeira: „Deus — Pátria — Família — Liberdade‘.

Maranduba escutava pensativo, já aos 8 anos:

— Se não houver guerra?

— Os homens se ilustram na paz pelas ciências, pelas artes, pelo caracter²⁹⁷).

²⁹⁷) „O Cavaleiro de Itararé, pgs. 130—131.

Bibliografia¹⁾

- Agostinho S.: „De Civitate Dei“. Bibliothek der Kirchenväter. Vol. I a III. Kempten und München 1911.
- Algermissen S.: „Germanentum und Christentum“. Hannover 1934.
- Aristoteles: „Politik“ de Eug. Rolfes. 3ª ed. Leipzig, 1922.
- Azevedo Amaral: „O Brasil na Crise Atual“ S. Paulo 1934.
- Barosso Gustavo: „A Palavra e o Pensamento Integralista“. Rio, 1935.
- O mesmo: „O Quarto Império“. Rio, 1935.
- O mesmo: „Brasil Colônia de Banqueiros“ 3ª ed. Rio, 1935²⁾.
- Bartels Adolf: „Die Deutsche Dichtung von Hebel bis zur Gegenwart“. Leipzig, 1922.
- Batista Pereira: „Pelo Brasil Maior“. S. Paulo, 1934.
- O mesmo: „Directrizes do Rui Barbosa“. S. Paulo, 1932.
- Calmon Pedro: „Espírito da Sociedade Colonial“. S. Paulo, 1935.
- Calógeras Pandiá: „Res Nostra“. S. Paulo, 1930.
- O mesmo: „A Política Exterior do Império“ Vol. III. S. Paulo, 1933.
- Croce Benedetto: „La Poesia“. Bari, 1936.
- O mesmo: „Grundriß der Aesthetik“. Trad. de Th. Poppe. Leipzig, 1913.
- O mesmo: „Estetica“. Bari, 1928.
- Dempff Alois: „Christliche Staatsphilosophie in Spanien“. Salzburg, 1937.
- Eibl Hans: „Vom Sinn der Gegenwart“ 2ª ed. Wien-Leipzig, 1934.
- Ellis (Junior) Alfredo: „O Bandeirismo e o Recuo do Meridiano“ 2ª ed. S. Paulo, 1934.
- Ernst Michel: „Lebensverantwortung aus katholischem Glauben“. Berlin, 1937.
- Falkenberg: „Neuere Philosophie“. Leipzig, 1904.
- O mesmo: „Die Philosophie der Gegenwart“. Leipzig 1931.
- Freire Gilberto: „Casa Grande e Senzala“. 2ª ed. Rio, 1936.
- O mesmo: „Sobrados e Mucambos“. S. Paulo, 1936.
- Gemelli A.: „Scienze filosofiche“ G. B. Vico. Milano, 1926.
- Gietmann G. e Sörensen: „Kunstlehre I. Teil. Allgemeine Ästhetik“. Freiburg i. B. 1899.
- Graça Aranha: „A Estética da Vida“. Rio e Paris. E. P.
- O mesmo: „A Viagem maravilhosa“. Rio, 1929.
- Grabmann M.: „Thomas von Aquin“. München, 1935.

¹⁾ O índice bibliográfico abrange, apenas, os livros que mais diretamente fundamentaram a dissertação e, por isso, não tem em mira apresentar uma lista completa da literatura concernente à Historia do Brasil, do Integralismo ou da Estética literária.

²⁾ É de lamentar-se que o ilustre autor admita como antêntico o livro: „Protocolos dos sábios de Sião“ e determine falsamente a origem racial dos Fugger de Augsburg.

- Grentrup T.: „Volk und Volkstum“. Freiburg i. B., 1937.
- Grieco Agripino: „Evolução da Poesia Brasileira“. Rio, 1932.
- O mesmo: „Evolução da Prosa Brasileira“. Rio, 1933.
- Haecker Theodor: „Schönheit“. Ein Versuch. Leipzig, 1936.
- Haetinger: „Zum rassischen Denken“. Rundbrief des Deutsch-Brasilianischen Arbeitskreises. Jahrgang 3 n. 14.
- Handelmann H.: „História do Brasil“. Trad. brasileira, pelo Inst. Hist. e Geogr. Brasileiro. Rio, 1931.
- Haushofer K.: „Bausteine zur Geopolitik“. Berlin, 1928.
- O mesmo: „Weltpolitik“. Berlin, 1934.
- Haya de la Torre: „Sinopsis filosófica del Aprismo“. Rev. <Hoy>. Santiago de Chile. n. 237. 1936.
- Hergenröther: Kirchenlexikon. Freiburg i. B., 1888.
- Hildebrand D. v.: „Metaphysik der Gemeinschaft. Augsburg, 1930.
- Hoffmann-Harnisch W.: „Brasilien“. Bildnis eines tropischen Großreiches. Hamburg, 1938.
- Hunsche K. H.: „Der brasilianische Integralismus“. Stuttgart, 1938.
- Jaeger W.: „Paideia“. Leipzig, 1936.
- Jungmann J.: „Aesthetik“. Freiburg i. B., 1884.
- Katann Oskar: „Gesetz im Wandel“. Neue literarische Studien. München, 1932.
- Keiter F.: „Rasse und Kultur“. I. Band. Allgemeine Kulturbilogie. Stuttgart, 1938.
- Kiefl F. X.: „Katholische Weltanschauung und modernes Denken“. Regensburg, 1922.
- Kiellén-Haushofer: „Die Großmächte vor und nach dem Weltkriege“. Leipzig-Berlin, 1933.
- Klug J.: „Das Reich der Werte“. Paderborn, 1931.
- Kurz E.: „Individuum und Gemeinschaft beim hl. Thomas von Aquin. München, 1932.
- Lima, Jorge de: „Rassenbildung und Rassenpolitik in Brasilien“. Leipzig, 1934.
- Linhardt R.: „Die Sozialprinzipien des hl. Thomas von Aquin“. Freiburg i. B., 1932.
- Magalhães: Basílio de: „Expansão Geográfica do Brasil Colonial“. S. Paulo, 1935.
- Maritain J.: „Art et Scolastique“. Paris, 1927.
- Mendonça R.: „O Português no Brasil“. Rio 1936.
- Menotti del Picchia: „Soluções Nacionais“. Rio, 1935.
- Messer A.: „Geschichte der Philosophie im 19. Jahrhundert“. Leipzig, 1923.
- Muckermann F.: „Goethe“. Bonn, 1931.
- Murici Andrade: „A Nova Literatura Brasileira“. Porto Alegre. 1936.
- Muth K.: „Schöpfer und Magier“. Leipzig, 1935.
- Nohara K. von: „Brasilien“ Tag und Nacht. Berlin, 1938.
- Oliveira Vianna: „Evolução do Povo Brasileiro“ 2ª ed. S. Paulo, 1933.
- O mesmo: „Populações Meridionais do Brasil“ 3ª ed. S. Paulo, 1933.
- Pauli, R.: „Fichte als Politiker und als politischer Erzieher“. Berlin und Stuttgart, 1933.

- Pereira dos Santos F. J.: „Un État Corporatif“. La Constitution Sociale et Politique Portugaise“. Paris, 1935.
- Platão: „Der Staat“ de A. Hornefer. Leipzig. S. D.
- Pujol A.: „Machado de Assis“. Rio, 2ª ed. 1934.
- Raposo Hipólito: „Dois Nacionalismos“. Lisboa, 1929.
- Reale Miguel: „O Estado Moderno“. Rio, 1932.
- O mesmo: „A posição do Integralismo“, em <Estudos Integralistas>. 1ª Série. S. Paulo. 1933.
- „Rembrandt als Erzieher“. Leipzig, 1925.
- Ribeiro João: „A Língua Nacional“. S. Paulo, 1921.
- Rodrigues Jayme Azevedo: „Mensagem a Jacques Maritain“. Rev. <Panorama>. 1937. n. 12.
- Rudder B. de: „Über sogenannte <kosmische> Rhythmen beim Menschen“. Leipzig 1937.
- Salazar Oliveira: „Discursos“. Coimbra, 1935.
- Salgado Plínio: „O Estrangeiro“. S. Paulo, 1926.
- O mesmo: „O Esperado“. S. Paulo, 1931.
- O mesmo: „O Cavaleiro de Itararé“. 1933.
- O mesmo: „O Voz do Oeste“. Rio, 1934.
- O mesmo: „A Psicologia da Revolução“. Rio, 1933.
- O mesmo: „A Quarte Humanidade“. Rio, 1934.
- O mesmo: „O que é Integralismo“. Rio, 1933.
- O mesmo: „Cartas aos Camisas Verdes“. Rio 1935.
- O mesmo: „Despertemos a Nação“. Rio, 1935.
- O mesmo: „Palavra Nova dos Tempos Novos“. Rio, 1936.
- O mesmo: „A Doutrina do Sigma“. S. Paulo, 1935.
- O mesmo: „O Sofrimento Universal“. Rio, 1934.
- Schilling O.: „Die Staats- und Soziallehre des Papstes Leo XIII. Köln, 1925.
- O mesmo: „Die Staats- und Soziallehre des hl. Thomas von Aquin“. München, 1930.
- Schmidt W.: „Rasse und Volk“. Salzburg, 1935.
- O mesmo: „Der Ursprung der Gottesidee“ 6 vol. e o „Der Mensch aller Zeiten“. Regensburg, 1924.
- Sörgel H.: „Atlantropa“. München, 1932.
- Soiron Tadeu: „Das Werden einer neuen Zeit“. Original litorgrafado.
- Spann Othmar: „Der wahre Staat“. 3. Auflage. Jena, 1931.
- Spengler O.: „Der Untergang des Abendlandes“. München, 1920.
- O mesmo: „Jahre der Entscheidung“. München, 1933.
- Stavenhagen Kurt: „Das Wesen der Nation“. Berlin, 1934.
- Steinbüchel Th.: „Der Umbruch des Denkens“. Regensburg, 1936.
- Tristão de Ataíde: „No Limiar da Idade Nova“. Rio, 1935.
- O mesmo: „Política“. Rio, 1932.
- Ullmann Hermann: „Land der Zukunft“. Berlin, 1936.
- Viana Hélio: „Formação Brasileira“. Rio, 1935.
- Weippert G.: „Das Prinzip der Hierarchie“. Hamburg, 1932.
- Weiss A. M.: „Handbuch der Gesellschaftslehre“. Freiburg i. B., 1895.

Lebenslauf.

Ich, Arnold Nicolau de Flue Gut, bin geboren am 29. Oktober 1895 in Helvetia, bei Campinas, im Staate S. Paulo, Brasilien. Nach dem Besuch der deutschen Volksschule daselbst begann ich die humanistischen Studien im Gymnasium zu Pirapora. Nachdem ich dort die Reifeprüfung abgelegt, widmete ich mich in Rio de Janeiro und Sorocaba dem Studium der Philosophie und Theologie in den Studienanstalten der brasilianischen Benediktinerkongregation. Nach Vollendung dieser Studien und erfolgter Priesterweihe wurde mir eine Professur am Ginásio de S. Bento in S. Paulo zuerteilt, welche ich bis 1924 inne hatte. Von 1924 bis 1927 lag ich dann in Rom dem Studium der Rechtswissenschaften ob, und beschloß dasselbe mit Erreichung des Baccalaureates im römischen und des Doktorgrades im kanonischen Rechte. Die nächsten sechs Jahre verbrachte ich in S. Paulo teils als Professor des kanonischen Rechtes in der benediktinischen Studienanstalt, teils als Professor der Philosophie im Ginásio de S. Bento dortselbst. Von 1929 bis 1933 bekleidete ich das Amt des Rektors der Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras in S. Paulo. Im Jahre 1934 begann ich in der L. M.-Universität in München das Studium der Staats- und Sozialwissenschaften, verbunden mit dem Studium der romanischen Sprachen und der Geopolitik.

